

CIDADÃO REPORTER

Subornou alguém?
Viu alguém a ser subornado?

Ajude-nos a vigiar

os corruptos e quem corrompe, seja um cidadão repórter e conte-nos a sua história.

82 11 11

Indique-nos onde o suborno aconteceu, quem foi subornado, o valor que pagou...
Por exemplo:

O polícia mandou-me parar, o pisca estava avariado, tive de subornar com 50 meticais.



Uma vala (in)comum

DESTAQUE

Pag. 14 - 15

Ter acesso a sete milhões urbanos: Missão quase impossível

ECONOMIA 11



Barça dá show e ganha mais uma taça

DESPORTO 21



Juventude angolana quer ser ouvida

PLATEIA 27

facebook.com/JornalVerdade

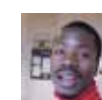


Jornal @Verdade OJM tentou organizar no passado sábado(28), claro diga-se sem sucesso, um debate

sobre a revisão constitucional. Uma matéria sensível e como o assunto toca também a juventude, não foram muitos que vieram. Sala repleta de crianças das escolas secundárias, como ilustra a imagem, e um presidium sem norte para guiar o debate

Organização da Juventude Moçambicana saiu cabisbaixa

Ontem às 11:10 · Gosto · Partilhar
3 pessoas gostam disto.



Ser - Huo...e depois sera mais facil (e bem contrargumentado) dizer que nao foram chamados a exercer seu direito, nenhum

quis nos ouvir... "moçambinias"!!!
Ontem às 11:21 através de Facebook Mobile



Angela Maria Serras Pires coitadinhos, ninguém vos ouve, porque será ?

peessoa

Ontem às 11:38 · Gosto · 1



Danilo da Silva Todo mundo já viu que o rei vai nu. Só ele não se dá conta disso.

peessoa

Ontem às 12:33 · Gosto · 1



David Gabriel Nhassengo A juventude perdeu uma soberba e flagrante oportunidade de participar neste exercicio político nacional de extrema importância. Será a mesma juventude amanhã a criticar, a lamentar e a revoltar-se. Afinal não é esta juventude que se auto-define "revolucionária" ? Então, onde está a viragem que querem impulsionar, boicotando assuntos desses??? Bem haja a OJM pela iniciativa

Ontem às 12:38 através de Facebook Mobile



Celso Da Silva Ojm o k e isso? há 18 horas através de Facebook Mobile



Helder Martins OJM não é uma organização política juvenil, criada pelo partido Frelimo ? Acham que a juventude é estúpida ?

há 18 horas



David Gabriel Nhassengo OJM é Organização da Juventude

Moçambicana, esqueçam nesse âmbito a sua fundação e/ou criação. Estamos num propósito de interesse nacional, que a juventude perdeu oportunidade.

há 10 horas através de Facebook Mobile



Edgar Barroso HEHEHEHEHEHEHEE há 9 horas



David Gabriel Nhassengo Edgar pah há 9 horas através de Facebook Mobile

Manica Patrocínio Grupo Mafuia é distribuido nas Provincias de Apoio Conselho Empresarial de Manica (CEP)

Mudar o destino

A história recente de Artur assemelha-se à de muitos outros moçambicanos. A esperança de uma vida melhor, que se seguiu ao seu nascimento foi comprometida com a morte do progenitor e a interrupção dos estudos. Porém, na impossibilidade de mudar o presente, escolheu reescrever o futuro. Primeiro, porque a resignação prometia um desfecho trágico. Em segundo lugar, porque mudar o destino está nas mãos do ser humano.



Artur Zacarias Mavecu, de 22 anos de idade, tinha tudo para esmorecer e parar de lutar. Mas não foi isso que fez. Aos três anos, diga-se, perdeu e foi então condenado à pobreza extrema. Na minúscula casa de caniço, com a mãe e dois irmãos mais velhos, o Inverno, para quem não tinha cobertores, era mais húmido do que o normal. “Morava num lugar onde os baldes serviam de sanitas, era preciso despejá-los de manhã. O quarto era um círculo com 2,5 metros de diâmetro iluminado por um candeeiro artesanal. Nenhum móvel, apenas uma esteira no chão”, conta.

Com tais condições aguardava-se, no imaginário popular, que o rapaz que estudou até a quarta classe fosse esquecido no coração de Massinga, que acabasse por criar mofo, por se cobrir de poeira, doente de desespero no ciclo vicioso da pobreza. Mas não foi este o caso. Com o andar dos anos, Artur Zacarias Mavecu conseguiu vencer a fome e o desespero. Tornou-se um revendedor de sapatos usados e formou uma família. Onde é que foi buscar força para resistir?

O que dá a Artur uma energia que parece inquebrantável é em primeiro lugar a convicção suprema de que “o trabalho dignifica o homem.” A pobreza é injusta e a sua existência é infundada. Aliás, “ninguém morre senão a combater”, defende.

Como tudo começou

Artur ficou órfão de pai aos 3 anos, sendo o mais de novo de um grupo de três irmãos. Volvidos cinco anos, ingressou no ensino primário. Porém, só foi possível estudar até ao quarto ano. As parcas economias familiares não chegavam para mais. Se a escola pode alimentar o espírito e até o estômago a longo prazo, as necessidades imediatas da família falaram mais forte. “Tentar não morrer de fome era mais importante do que a instrução”. E Artur, por ser mais novo, foi o único dos três irmãos que frequentou uma escola.

Família separa-se

Presa à necessidade de sobreviver, a família teve de se separar. Os irmãos mais velhos foram viver para

a casa de tias próximas. Para Artur e a mãe sobrou mais comida, mas também menos braços para trabalhar a terra. Dentro da casa mais espaço e mais frio no Inverno.

Sem os irmãos, Artur, já com 20 anos, viu que a solução para singrar na vida não estava em Inhambane. Ouvia falar da grande cidade como se fosse o el dourado. Juntou algum dinheiro e decidiu parar na estrada para chegar à capital do país onde, acreditava, teria emprego e melhores condições de vida.

Num belo dia, sem a mãe esperar, Artur pegou três mudas de roupa, um alforge e partiu. Foram mais de 1500 quilómetros de camião, a viajar como mercadoria. À frente do carro uma estrada poeirenta e um destino incerto. Atrás, um destino certo. Porém, atroz. De Inhambane a Maputo, através da Estrada Nacional no 1, onde o aguardava a “selva de concreto”. Desceu na “Junta” e não sabia para onde ir.

Apesar de a cidade ser grande e registar um movimento desusado de pessoas, Artur não tinha medo de que o assaltassem. Até porque é impossível roubar quem traz “uma mão na frente e a outra atrás”, graceja. Sem lugar para dormir, foi pedir para pernoitar numa esquadra, no bairro T3. “Acolheram-me e deixaram-me dormir. Nas manhãs saía à procura de um emprego e nas noites recolhia à esquadra.”

Essa busca incessante por emprego tinha dois objectivos: conseguir dinheiro para sair da esquadra e garantir alimentação. Artur andava mais de 50 quilómetros por dia, mas não encontrava emprego. Foi permanecendo na esquadra até que conheceu um contrabandista que aceitou partilhar, com ele, o quarto em que vivia.

A sorte, às vezes, é como o azar: não vem só. Depois de ter casa, Artur conseguiu um emprego numa fábrica de bolachas, algures no Município da Matola.

Trabalhou durante cinco anos. Porém, descontente com o salário, volvidos cinco anos, deixou o emprego. Nesse período, já tinha iniciado, fruto de uma gestão de rendimentos criteriosa, aquele que mais tarde se transformou no negócio da sua vida:

a venda de calçado usado. Porque no poupar está o ganho, Artur juntou dinheiro até totalizar 4 mil meticais, dos quais investiu 3.500 na compra de um fardo de calçados. “Tive um lucro de 1500”, refere.

Aliás, foi esta margem de lucros que fez com que Artur largasse o trabalho. Ganhava, quando trabalhava, 2500 meticais. Nessa altura era impensável, diz, construir casa própria. “Vendo calçado há um ano e já tenho um espaço. Mas trabalhei cinco e não fiz nada. Às vezes acredito que a pobreza está na cabeça das pessoas. É preciso não ter preguiça. Provavelmente, Guebuza tenha razão quando fala de pobreza mental. Eu não tive as condições que muitos têm e outros tiveram, mas consegui construir família e dar uma vida digna aos meus com sacrifício. Amigo, ninguém vai comer e dormir tranquilo se não transpirar. Nada é de graça”, explica.

“Casei-me graças ao meu negócio e vou construir uma casa na Machava, no quilómetro 16. Não é fácil, mas é preciso tentar”, diz.

O fardo é uma caixa de surpresas

Mensalmente vende uma média de oito fardos e adquire igual número. Com uma margem de lucro de 1500 por fardo, Artur faz uma média de 12 mil meticais. “Na minha esquina, segundas, terças, quintas e sextas-feiras são os melhores dias para vender.

Há, geralmente, grande movimentação de pessoas”. Nem todo o sapato tem qualidade num fardo. Efectivamente, num universo de 200 sapatos apenas 40 se aproveitam. “Quando compramos os fardos não temos a mínima noção do estado do calçado. Há vezes em que temos muitas quebras. Mas, também dias há em que as quebras são insignificantes e, quando assim é, o nosso lucro é bem mais visível”, conta.

Artur é diferente dos outros negociantes que vendem as suas mercadorias em lugares fixos ou em barracas para o efeito. Este jovem faz transportar a sua mercadoria num carrinho de mão, vulgo “txova” até ao local onde a revende. Em frente ao



mercado da Machava-sede. Reside no bairro do Infulene-A e é de lá onde parte com o seu produto, qual barraca ambulante, e estaciona em frente ao mercado. Não foi à toa que escolheu o lugar. A movimentação frequente de pessoas é que determinou a escolha.

Questionado se não podia circular com as suas mercadorias uma vez que tem a facilidade de transportá-las no seu “txova”, a resposta veio pronta: “Não. Prefiro, mesmo usando o carrinho, ter um lugar fixo porque este tipo de negócio requer uma referência para os clientes poderem localizar-nos facilmente. Quando andamos de lugar em lugar, baralhamos a clientela”.

Um contratempo

Num dia belo dia, Artur ficou sem o carrinho de mão por causa da acção dos amigos do alheio. Apenas escapou a mercadoria. Um constrangimento enorme para quem tinha aquele instrumento de trabalho como meio de transporte e montra dos seus produtos. Porém, Artur não se vergou e alugou outro. Custa-lhe 50 meticais diários, mas não tem como evitar essa despesa. Ou ‘mata’ o negócio ou ganha menos. Artur prefere ganhar menos, mas continuar a sobreviver sem depender de um patrão. Este contratempo baixou os lucros de Artur. Antes ganhava 12 mil meticais. Actualmente, subtrai 1500 para pagar ao proprietário do meio de transporte. Ainda assim sobram-lhe, de lucro, 10500 meticais, bem acima do que ganha um licenciado no aparelho do Estado.

1500 meticais é muito dinheiro...

Artur paga 100 meticais mensais para exercer a actividade. Porém, não pode expor os seus sapatos como deseja. “Gostaria de deixar os meus produtos ao longo do passeio como fazem os outros vendedores. Contudo, “não posso cometer esse erro porque não quero perder os meus produtos.

Para o efeito, teria de adquirir uma licença no valor de 1500 meticais ao contrário dos 100 meticais mensais. O valor, no entender de Artur, não é muito alto. Porém, a obrigatoriedade de efectuar o pagamento de uma única vez impede-o de tratar a licença.

Artur tem sonhos, os quais passam por construir uma casa, conseguir um apoio de oito mil meticais

e comprar uma “txova”. Com o dinheiro pretende reforçar o negócio. Tem fé de que conseguirá tudo o que almeja. O dinheiro chegará, diz, através de poupanças ou de um empréstimo numa instituição de microcrédito. A moradia, essa, há-de vir com o tempo porque “o espaço já existe”.

Publicidade

FAZ O TEU TCHIM TCHIM NA INTERNET

WWW.CERVEJA2M.COM

Seja responsável. Beba com moderação.

O início da implementação da lei sobre as penas alternativas à prisão poderá permitir a libertação imediata de mais de metade dos 15 mil reclusos que neste momento cumprem penas em mais de 100 estabelecimentos prisionais do país.

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

População prisional: reduzir para metade

Texto: Redacção

As medidas alternativas de prisão, se forem aprovadas pela Assembleia da República, podem reduzir a actual população prisional para metade. Actualmente, há 15.756 reclusos no país. Porém, a capacidade de internamento nas cadeias nacionais é de 6.644 indivíduos. Ou seja, com a redução, o sistema prisional continuará sobrelotado.

Efectivamente, 45 por cento da população prisional continua a cumprir penas de prisão até um ano, por crimes não graves. Por outro lado, cerca de dois terços daquele universo de reclusos tem menos de 26 anos. Uma parte significativa dos jovens detidos é autora de pequenos delitos e tem pouca escolaridade. Metade deles, segundo dados do PNUD, estava desempregada à data da detenção.

Para minimizar a superlotação, o Ministério da Justiça, através de um plano de criação de penas de prisão alternativas, pretende converter algumas em serviços prestados à comunidade. Tal facto, refira-se, poderá acontecer se forem aprovadas pela Assembleia da República medidas alternativas à prisão.

O director nacional do Controlo Penal, Samo Paulo Gonçalves, referiu, nesta semana, em Maputo, durante o quarto encontro do Ministério da Justiça, que cerca 51 por cento de um total de 10.500 pessoas condenadas a prisão em Moçambique estão em condições de gozar de li-

berdade, caso sejam aplicadas medidas alternativas.

Esta proposta tinha sido avançada pela bancada parlamentar do partido Renamo, considerando que a medida poderia minimizar a superlotação das cadeias nacionais que contam com mais de 15 mil presos.

Na verdade, as cadeias do país têm capacidade para albergar perto de 7 mil presos, estando neste momento a acomodar mais do dobro.

Segundo a fonte, pessoas condenadas a dois ou três anos, ou seja, a penas de prisão correcional, podem beneficiar do regime aberto de reclusão, em coordenação com o sector privado e a sociedade civil.

A ideia, de acordo com o director nacional do Controlo Penal, é potenciar as vocações profissionais dos reclusos, as condições produtivas da região do país em que estão as penitenciárias e reintegrar os condenados nas comunidades, através de atividades laborais.

Para Samo Gonçalves, o Governo pretende replicar uma experiência já em curso em algumas penitenciárias do país, como, por exemplo, a Penitenciária Agrícola de Mabalane, província de Gaza.

Actualmente, a cadeia de Mabalane está a explorar 70 hectares de arroz e milho. Para o efeito, segundo a fonte, cada cadeia do país deverá fazer o levantamento do seu potencial produtivo e indicar as parcerias que se podem estabelecer entre o empresário local e a sociedade civil.

O Ministério da Justiça de Moçambique entende que a introdução de medidas alternativas ao encarceramento também pode reduzir os custos inerentes à prisão dos condenados, além de promover o objetivo da reintegração social inscrito na finalidade das penas aplicadas em Moçambique.

Capacidade de internamento

A capacidade de internamento nas cadeias nacionais é de

6.664 reclusos, mas o efectivo actual é de 15.756, o que significa que 9.082 são excedentários, ou seja, as cadeias em Moçambique têm uma superlotação de 236 por cento. Do actual efectivo prisional (15.756 reclusos) 5.538 são detidos (35,1%) e 1.0218 (64,9 por cento) condenados. Dentre os detidos, 1.280 (23 por cento) são presos cujos prazos de prisão preventiva já se esgotaram, enquanto 4.258 são presos em prisão preventiva cumprindo a pena dentro do tempo previsto. No que toca aos condenados, 4.738 (46 %) cumprem penas superiores a dois anos, enquanto 5.480 (54 por cento) são reclusos com penas inferiores a dois anos. Entretanto, a reincidência continua a ser liderada pela população jovem. Nas cadeias nacionais, 2.191 dos reclusos (14%) são reincidentes, enquanto 13.102 (86%) são réus primários.

De referir que Moçambique possui 105 estabelecimentos prisionais.

Trabalhadores querem auditoria na ECMEP

Cento cinquenta e seis trabalhadores da Empresa de Construção e Manutenção de Estradas e Pontes (ECMEP), em Nampula, representados pelo respectivo comité sindical, endereçaram ao Chefe do Estado, Armando Guebuza, uma carta de três páginas, na qual solicitam ao mais alto dirigente da nação moçambicana autorização para a realização de uma auditoria interna a fim de se avaliar o estágio actual daquela instituição tutelada pelo Ministério das Obras Públicas e Habitação.

Na sua carta reivindicativa, datada de 30 de Maio último, os trabalhadores denunciam ao Presidente da República uma série de irregularidades, alegadamente originadas pelo mau desempenho dos responsáveis da empresa, facto que concorre para os sistemáticos atrasos salariais e falta de pagamento das ajudas de custo aos trabalhadores nas deslocações em missão de serviço.

À luz do Decreto 13/99 de 27 de Abril, o Governo criou representações regionais da ECMP, com delegações baseadas em Maputo, Beira e Nampula, com o objectivo de assegurar a manutenção e/ou construção de estradas e pontes.

Com a introdução da chamada "Lei do mercado livre", que permite o surgimento de outras empresas do sector privado, a ECMP deixou de ter o "monopólio" no exercício da actividade.

Este facto faz com que a empresa não consiga sobreviver, conforme referiu ao Wamphula Fax José

Amélia Zacarias, secretário do Comité Sindical da empresa em Nampula.

O nosso Jornal soube, ainda, da mesma fonte, de um roubo na ordem de 6,6 milhões de metical e do desaparecimento de um camião plataforma na ECMEP, em Nampula.

Zacarias responsabiliza o administrador executivo, Estevão Sululo, pela gestão ruínosa da empresa, sustentando que muitas obras executadas ainda não foram pagas apesar de a empresa enfrentar uma grave crise financeira.

Abordado sobre esta matéria, Estevão Sululo escusou-se a tecer qualquer comentário, limitando-se a dizer que se trata de assuntos de foro interno, cuja solução passa por um diálogo social.

Entretanto, soubemos, ainda, de que um encontro de emergência entre o sindicato e os representantes da empresa está marcado para as 14 horas desta quarta-feira. /Wamphula Fax

Publicidade

Sucesso é poder fazer tudo

O Nokia E7.
A companhia perfeita.

Imagina poder ter tudo na ponta dos teus dedos. O Nokia E7 combina aplicações profissionais brilhantes como as soluções do Microsoft Office com uma grande capacidade de fazer várias tarefas ao mesmo tempo num grande ecrã tátil de 4" e um teclado QWERTY deslizante e uma fantástica experiência de navegação na internet para estares sempre em controle da tua vida social.

Agora pára de imaginar.

O sucesso és tu que o fazes.
mea.nokia.com/e7
Idioma em português

NOKIA
Connecting People





NIASSA

Malawi receia estar a perder “grandes pedaços de terreno”

Agrimensores e outras fontes do Malawi dizem que o país está a perder “grandes pedaços de terreno” no processo de delimitação de fronteiras com Moçambique que deverá ficar concluído em 2013.

A edição de fim-de-semana do jornal do Malawi The Nation afirma que, um dos locais “mais afectados” é o distrito de Mongochi, que faz fronteira com a província do Niassa.

“Os moçambicanos estão a delimitar o terreno mesmo antes dos dois países chegarem a um acordo mútuo, sob o pretexto de um projecto florestal”, acusa o jornal.

“Desde o momento que iniciámos o exercício de reafirmação (de fronteira) os moçambicanos seguem as nossas pegadas e plantam árvores ao longo da linha de delimitação”, acusou um agrimensor, Danfor Masamba, que diz ter sido preso temporariamente pelas autoridades de Moçambique. *Notícias e Redacção*



TETE

Tete supera metas de colecta de impostos

A província de Tete colectou ao longo do ano passado 962 milhões de meticais provenientes de Impostos sobre Rendimento de Pessoas Colectivas (IRPC), conforme revelou o delegado da Autoridade Tributária de Moçambique (ATM) naquela parcela do país, Casimiro Mabota.

Casimiro Mabota revelou que o valor arrecadado supera o planificado, que era de 791 milhões de meticais, tendo referido que o maior contribuinte foi a Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), com cerca de 40 por cento do valor global.

“A HCB, desde que passou para as mãos do Governo moçambicano, tem sido o maior contribuinte dos impostos, o que nos tem aliviado a tempo e horas na realização dos nossos planos. Esta grande empresa cumpre regularmente com o seu papel na contribuição, através dos impostos para a economia do Estado” – referiu Casimiro Mabota.

Relativamente aos megaprojectos que estão em curso na

província, como o caso das empresas mineiras de carvão, o



delegado da ATM indicou que que o seu contributo ainda não se faz sentir por se encontrarem ainda na sua fase de instalação, pelo que nos próximos anos se espera uma grande contribuição destas através dos impostos. *Notícias e Redacção*



MANICA

Campo bebe mais água que as cidades

Cerca de 900 mil pessoas de um total de 1.213.056 de habitantes que vivem nas zonas rurais da província de Manica têm acesso a água potável.

No global, estão disponíveis 1.555 fontes de água nos 10 distritos da província, representando um índice de cobertura de 70.5 por cento nas zonas rurais. Segundo dados do censo da população de 2007, Manica possui mais de um milhão e 400 mil habitantes.

O facto foi anunciado na semana passada em Matsinho, distrito de Gondola, pela governadora de Manica, Ana Comoane, no decurso da 2ª sessão da As-

sembleia Provincial de Manica, órgão que debateu, entre outros assuntos da sua agenda, o balanço de 2010 e o Plano Económico e Social referente ao primeiro trimestre deste ano.

Segundo Ana Comoane, em 2010 foram concluídas 126 novas fontes a nível da província, o que correspondeu a uma realização do plano na ordem de 72 por cento. Ainda durante o período em análise, foi concluída a reabilitação de cinco sistemas de abastecimento de água em Machaze, nomeadamente nas localidades de Mazvissanga, Timbi-Timbi, Chipambuleque e Mussorobongo, beneficiando cerca de 9.080 pessoas. *Notícias*



CABO DELGADO

Madeira rende 20 milhões ao Estado

Depois de duas tentativas infrutíferas, finalmente a madeira apreendida em Janeiro último quando estava para ser exportada ilegalmente, por não ser processada, segundo manda a lei, acabou sendo vendida em hasta pública na cidade de Pemba, em terceira praça, no valor de 20 798 157,20 meticais, segundo confirmou ao “Notícias” o director provincial adjunto do Plano e Finanças, de Cabo Delgado, Abel João Reno.

Foram 10 101 toros de madeira diversa, equivalentes a 3 042,091 metros cúbicos, que só na terceira praça foi possível vender, porque nas duas primeiras tentativas as propostas não foram ao encontro das projecções das autoridades responsáveis.

Trata-se da madeira que ia ser exportada, transportada por um navio baptizado com o nome de Kota Mawar, agenciado pela SDV-AMI, que teve que ser retido no porto de Pemba, por ordens das autoridades competentes por suspeitar (o que se veio a confirmar) que a carga que transportava era ilegal.

No momento de apreensão, as culpas recaíram, em primeira instância, sobre os fiscais da Agricultura e das Alfândegas, por força dos procedimentos obrigatórios que são seguidos no processo de exportação de produtos madeiros, estes assistem a todo o processo de empacotamento. O nosso jornal sabe que os fiscais da Agricultura se encontram suspensos e com processos disciplinares. *Notícias e Redacção*



SOFALA

Nhamatanda: edificação de silos com um ano de atraso

O processo de edificação de silos no distrito de Nhamatanda, em Sofala, está a conhecer um atraso de cerca de um ano. A empresa Kanes, Alfaias Agrícolas, que se encontra em frente da empreitada, alega situações de força maior que estão por detrás da demora da entrega do referido empreendimento projectado pelo Executivo moçambicano como um dos meios para a conservação de cereais.

O administrador da Kanes, Alfaias Agrícolas, Frade João Carlos, disse que a conclusão das obras estava prevista para o ano passado, mas que as cheias registadas naquele ponto da província teriam contribuído negativamente no processo de

construção de silos, que têm a capacidade para armazenar cerca de quatro mil toneladas de todo o tipo de cereais.

O governador de Sofala, Carvalho Muária, que efectuava uma visita de trabalho àquele distrito localizado ao longo do Corredor da Beira, mostrou-se agastado com a demora, tendo afirmado que o atraso que se está a verificar constitui um grande problema para a população.

Carvalho Muária foi informado pelo administrador da empresa que se encontra a edificar os silos que a conclusão dos mesmos vai ocorrer em 45 dias. *Notícias*



INHAMBANE

FIPAG atenta às situações de vandalização do sistema de abastecimento de água

Pouco mais de dez mil ligações domiciliárias estão implantadas em Inhambane no âmbito do projecto de reabilitação e ampliação do sistema de abastecimento de água àquela urbe levado a cabo de Novembro de 2006 a Dezembro do ano passado. Porque o sistema é novo, as autoridades estão atentas às situações de vandalização, tendo sido detectadas pelo menos 13 situações de roubo no ano passado.

Aquele número de ligações domiciliárias corresponde a pouco mais do dobro das que existiam aquando do início da reabilitação do sistema que servia apenas 5.648 domicílios e 27

fontanários.

Isaías Siteo, director do Fundo de Investimento e Património de Abastecimento de Água (FIPAG) em Inhambane, disse que estas ligações resultam do facto de ter aumentado a capacidade do sistema dos anteriores 5.550 metros cúbicos por dia para 7.700.

Os investimentos, que totalizaram 94 milhões de meticais, financiados pelo Banco Africano de Desenvolvimento e pelo Governo moçambicano, tinham em vista a satisfação da demanda de água ditada pelo crescimento populacional de Inhambane. *Notícias*



MAPUTO

Matola vai usar lixo como matéria-prima para a produção de electricidade

Parte do lixo produzido no município da Matola será usada para a geração de energia eléctrica para uso público naquela cidade. Os proponentes da iniciativa já apresentaram o projecto à Administração Municipal, estando agora em curso discussões sobre questões práticas da sua implementação.

O edil da Matola, Arão Nhancale, que se referiu ao projecto no decurso do III Fórum Empresarial daquele município, disse que a ideia é de um investidor estrangeiro que se aproximou das autoridades municipais manifestando o interesse de gerir a lixeira de Mahlampsene, onde pretende instalar



NAMPULA

Nova empresa extrai minérios em Mogovolas

Uma nova empresa vai fazer a prospecção, exploração e comercialização de minérios na mina de Maraca, no posto administrativo de Luluti, no distrito de Mogovolas, província de Nampula. Os jazigos haviam sido invadidos por garimpeiros, maioritariamente da África Ocidental e da região dos Grandes Lagos.

A nova empresa que entra na exploração de minérios é a W&W Investimentos e Participações, uma firma com capitais moçambicanos, que no terreno já iniciou a montagem dos equipamentos, entre perfuradoras, bulldozers, assim como as lavarias, para a extracção de turmalinas que abundam naquela mina.

Segundo Horácio Nuno Armando, um dos sócios, a empresa vai empregar pelo menos 21 trabalhadores efectivos. Apesar de reconhecer que o investimento na área mineira é, nalguns casos, arriscado, Horácio Armando, mesmo assim, acredita que a mina de Maraca poderá trazer resultados positivos para a sua empresa, avaliando o potencial existente.

A ministra dos Recursos Mineiros, que recentemente visitou aquela mina, disse que a entrada em funcionamento daquela empresa vai trazer tranquilidade naquela região, realizando uma exploração mais regrada e cumprimento da legislação em vigor no país. *Notícias e Redacção*



ZAMBÉZIA

Gilé: Empresários e garimpeiros em rota de colisão

Empresários mineiros no distrito de Gilé acusam os garimpeiros e cidadãos estrangeiros ilegais de estarem a vandalizar as suas concessões e infra-estruturas para a exploração de vários minerais, mas estes refutam as acusações afirmando que estão à procura de formas de sobrevivência sem prejudicar os interesses daqueles.

Os gestores das empresas disseram que a região de Muiane, por exemplo, tem sido frequentada por cidadãos de várias nacionalidades que usam a população local para invadir as concessões mineiras para extraírem turmalinas, pedra

lapidada, brílio, quartzo e outros minerais com alto valor comercial, principalmente na Ásia e na Europa.

O representante da empresa Drusa, com capitais mistos moçambicanos e búlgaros, Vladimir Atasanov, disse que as concessões têm sido frequentemente violadas por cidadãos nacionais e estrangeiros para extrair produtos mineiros, utilizando técnicas rudimentares que põem em causa as infra-estruturas e o meio ambiente, o que no futuro poderá trazer consequências nefastas às futuras gerações. *Notícias*



GAZA

Governo financia projectos juvenis

Tendo em vista o alívio da pobreza no seio dos jovens e combate à fome, o Governo vai financiar este ano em Gaza, através da Direcção Provincial da Juventude e Desportos, um total de 35 projectos juvenis para o desenvolvimento de actividades de geração de rendas, nomeadamente negócios, produção agrícola e artesanato.

A iniciativa, que surge no âmbito do empreendedorismo juvenil, visa, de acordo com João Mucavel, director da Juventude e Desportos de Gaza, melhorar as condições de vida daquela camada social e dos seus dependentes.

Apesar de não ter revelado o montante a ser disponibilizado pelo Fundo de Investimento Juvenil, Mucavel disse terem

sido já seleccionados os beneficiários, dentre os quais se destacam associações envolvidas em actividades de combate ao HIV/SIDA.

Enquanto isso, um número significativo de jovens pertencentes a diversas associações do distrito de Xai-Xai, foram recentemente submetidos à uma formação em matérias de associativismo e empreendedurismo.

O curso, que tinha como um dos objectivos centrais dotar os participantes de conhecimentos básicos sobre a gestão de projectos como papelarias e venda de utensílios domésticos, contou com o financiamento da organização não-governamental Right to Play, em parceria com o Governo. *Redacção*

unidades de geração de energia eléctrica a ser posteriormente distribuída aos consumidores daquela cidade, através da empresa Electricidade de Moçambique.

Nhancale não avançou detalhes sobre o proponente do projecto, nem sobre a capa-

cidade dos geradores a serem instalados na lixeira de Mahlampsene, mas há informações que indicam que se trata de uma empresa com experiência no ramo, que já desenvolveu iniciativas do género nos Estados Unidos da América, Índia, Omã, entre outros países. *Notícias*

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Bom dia, sou residente da cidade de Maputo e tenho um problema que acredito ser motivo de preocupação de muitos leitores. Não raras vezes, tenho tido dificuldades para efectuar chamadas, recargas e por vezes a rede fica muda. As operadoras nem se dignam a emitir um comunicado, muito menos se explicam perante os seus clientes. O que o cliente deve fazer nessas situações? Por favor, ajudem-nos porque temos perdido negócios devido a estes problemas.

Texto: **Redacção**

Para respondermos a esta reclamação consultámos o regulamento sobre Controlo de Qualidade de Serviços Públicos de Telecomunicações (Decreto 6/2011), aprovado este ano pelo Conselho de Ministros. Porém, este regulamento não faz menção aos procedimentos que o cliente deve seguir no caso de ter os direitos violados, neste caso, pelas operadoras de telefonia móvel. O mesmo apenas contém os níveis de qualidade de serviço praticados pelos operadores e prestadores de serviços públicos de telecomunicações e os parâmetros e metas de qualidade para cada serviço, nomeadamente a Telefonia Móvel Celular, Telefonia Fixa, Internet, Dados, Interligação e Circuitos Alugados.

Para mais esclarecimentos, contactámos o assessor de Comunicação do Instituto Nacional de Comunicação de Moçambique, órgão que regula o sector das comunicações em Moçambique, Edmundo Manhiça. Este disse que o regulamento em alusão serve para o controlo interno do INCM, ou seja, é um instrumento que o INCM usa para aferir os níveis de qualidade dos serviços prestados pelas empresas de telecomunicações, em particular as operadoras de telefonia móvel.

Em caso de violação dos direitos dos clientes, segundo Manhiça, os mesmos devem contactar as respectivas operadoras para que estas reparem os direitos que tenham sido violados.

Nota da Redacção

O facto de, em casos de interrupção da prestação dos serviços, as operadoras de telefonia móvel não se darem ao respeito de dar explicações aos seus clientes é um acto de cobardia e de falta de consideração para com os que garantem a sua existência. Este comportamento (diga-se em abono da verdade, recorrente) é o reflexo da ausência de um instrumento legal que penalize as operadoras em situações do género. Pode-se dizer que as operadoras, conforme o INCM, são os juizes em própria causa, uma vez que é a elas que o cliente deve recorrer sempre que estas prestem um "mau serviço". Uma questão: para que servem as organizações de defesa dos direitos do consumidor?

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: *por carta* – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; *por Email* – averdademz@gmail.com; *por mensagem de texto SMS* – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Publicidade



PARA MIM, NÃO HÁ DIFICULDADES, HÁ DESAFIOS

Millennium
bim

RADAR

COMENTE POR SMS 821115

Editorial

averdademz@gmail.com

João Vaz de Almada
joao.almada29@gmail.com

Porque se fala tanto da necessidade de paz?

Diz-se que um excelente barómetro de aferição da doçura da população de uma aldeia é a forma como os cães são tratados pelos aldeões. Se os animais, na presença de um estranho, se encolherem perante uma festa ou se apresentarem assustadiços com a cauda entre as pernas, é sinal de que constantemente alguém lhes bate. São aquilo a que chamamos, na gíria canina, cães batidos. Estes animais apresentam-se infelizes, abatidos, cabisbaixos, ansiando por afectos de pessoas de fora. Se, pelo contrário, os animais saltam, brincam e abanam incessantemente a cauda perante um estranho, é sinal de que são bem tratados pelos aldeões. Diz-se então, quando se verifica a primeira reacção, que os aldeões não são boa gente. Ao invés, se a reacção for a segunda, aquela população é boa gente.

Este preâmbulo vem a propósito dos constantes e omnipresentes apelos à paz a que temos vindo a assistir nos últimos tempos. Esta valorização súbita da paz faz-me pensar que estamos à beira da guerra. Só assim se pode compreender que os apelos à paz estejam tão impregnados em todos os discursos, oficiais e não oficiais. Desde o Presidente, passando pelo Governo e pela inefável Oposição Construtiva, até aos fazedores de cultura encostados ao partido no poder – já houve recitais de poesia pela paz e vai haver concertos apelando igualmente à paz – a palavra simbolizada pela cor branca é recorrente em todos os discursos.

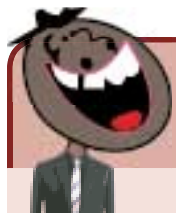
Não se percebe bem o porquê desta adoração, deste endeusamento da paz, agora que passam 19 anos da assinatura do Acordo de Roma. Será porque o antigo líder guerrilheiro, Afonso Dlakhamá, ameaçou incendiar o país após a última derrota eleitoral? Não me parece, porque o mesmo já sucedeu na sequência da publicação de resultados em pleitos anteriores, onde a vitória do partido no poder foi bem mais escassa e contestada, e ninguém pronunciou semelhantes apelos. Será pela ocorrência do recente tiroteio em Maringué entre as forças da ordem e as últimas estruturas militares da Renamo que recusam ser desarmadas? Não me parece porque esses homens estão ali acantonados desde 1992. Então porquê agora?

Não será porque os nossos governantes se têm comportado como os aldeões que, cobardemente, tratam mal os cães? Não teremos nós, neste país, muitos cães demasiado batidos?

Ao ouvir, na semana passada, as palavras violentas e intimidatórias do mais alto responsável da PRM – “qualquer tentativa de manifestação será violentamente reprimida” – tudo leva a crer que sim. Mas cuidado: à primeira oportunidade, a matilha de cães batidos, que cresce a um ritmo avassalador – madjermanes; os antigos combatentes; aqueles que, mesmo trabalhando muito, não trazem ao fim do dia 50 meticais para alimentar os filhos; aqueles que diariamente arriscam a vida transportados como gado sem o mínimo de dignidade e ao seu lado vêem desfilar carros topo de gama com os vidros fumados transportando gente engravatada que fala ruidosamente ao telemóvel último modelo; aqueles que dão aulas a turmas de 70 alunos debaixo de um cajueiro e que ganham três mil meticais por mês –, irá morder a mão do dono. E, nessa altura, ao contrário do que diz o secular provérbio árabe, os cães não irão deixar a caravana passar.

Dá-se boa recompensa a quem encontrar:

Uma pasta preta com computador de marca acer, de cor azul. No interior da pasta encontrava-se ainda um passaporte português cujo titular é Vítor Gonçalves. Os objectos foram roubados do interior de uma viatura que estava estacionada esta quarta-feira, dia 1 de Junho, pelas 19h30 na Av. Eduardo Mondlane junto ao take-away de frangos Orca.



Boqueirão da Verdade

“Num país muito mal governado e com políticas erradas que só servem para engordar uma elite de autênticos salteadores do Estado, o que se pode esperar mais? (...) Mascarados de patriotas que se auto-intitulam ser, só roubam o quanto podem e põem em seu nome tudo o que é terra (...)”, – **Editorial, Canal de Moçambique**

“Os ‘corta-fitas’ de projectos económicos em África tardam em descobrir que estão vendendo os seus países ao desbarato. E quase sempre estão feitos com o mais venal que se associa aos ditos ‘investimentos’”, – **Noé Nhamumbo, in Canal de Moçambique**

“Verifica-se no Ministério do Interior uma relutância perigosa em acatar a legalidade vigente no país, uma espécie de desobediência propositada aos princípios basilares do Estado de Direito”, – **Salomão Moyana, in Magazine Independente**

“A cesta básica tenta atender a linha do sistema de protecção social básica, mas ao nosso ver e de vários parceiros ainda carece de refinamento e quiçá repensar a sua estrutura básica, dados alguns factores que podem comprometer a sua

implementação e os seus objectivos”, – **Victor Lledó, representante do FMI em Moçambique**

“Desde 1990 que o país assiste, ciclicamente, ao nascimento de novos partidos. Já perdi a conta dos partidos formalmente existentes neste país. Infelizmente a esmagadora maioria desses partidos pouco ou nada acrescentam(ram) ao panorama político nacional, fruto de uma existência parasitária de só aparecerem nos períodos eleitorais, no jogo da lotaria de receberem os trust fund que abundam por essas alturas”. – **http://ideiassubversivas.blogspot.com/**

“A Organização da Juventude Moçambicana (OJM) tentou organizar no passado sábado (28), claro diga-se sem sucesso, seguindo a agenda nacional do partido, um debate sobre a revisão constitucional. Uma matéria sensível e como o assunto toca também a juventude, não foram muitos que vieram. Sala repleta de crianças das escolas secundárias, como ilustra a imagem, e um presidium sem norte para guiar o debate”, – **Diário da Zambézia**.

“Que Gustavo Mavie padece de problemas de coração, faz anos, já sabemos, pois o próprio e de forma recorrente fez questão de aludir nos sistemáticos pedidos de adiantamentos salariais sem reembolso, ou seja, sem devolução. Agora, que sofre de perturbações mentais, há-de ser, com certeza, um dado novo”, **Oswaldo Tembe, in Jornal Público**

“Durante o período em que Munguambe esteve em liberdade, este senhor, evidenciando sinais de quem padece de amnésia, esqueceu-se completamente de dar amparo a seus pares, ao não lhes proporcionar suporte na cadeia, uma vez ele em liberdade, podia movimentar-se, trabalhar e visitá-los sempre que necessário”, – **Editorial, Jornal Público**

“Outra vez, como no ano passado, recorro aos titos do Governo e da comunidade internacional sobre o sofrimento das crianças moçambicanas. Muitas crianças vivem na rua, os adultos batem nelas, maltratam-nas, gastam dinheiro com outras coisas, mas não com as crianças”, – **Muhamad Nabil Mussá Osseman, in Jornal Notícias**

OBITUÁRIO: Janet Brown
1923 - 2011 - 87 anos

A actriz e comediantes escocesa Janet Brown, conhecida sobretudo pela sua interpretação da antiga primeira-ministra Margaret Thatcher na película “For Your Eyes Only” morreu durante o sono na passada sexta-feira, dia 27 de Maio, numa casa de repouso para idosos em Hove, no sudeste de Inglaterra. Contava 87 anos.

Nascida em Rutherglen, perto de Glasgow (Escócia) em 1923, Janet McLuckie Brown era filha de um operário dos estaleiros navais. Abandonou cedo a escola para realizar o seu sonho: ser actriz de teatro. A sua primeira aparição deu-se quando era ainda adolescente no cinema Savoy, em Glasgow.

Durante a II Guerra Mundial juntou-se ao Serviço Territorial Auxiliar, o braço feminino do Exército britânico e animou várias vezes as tropas com as suas interpretações. Em 1946, durante os ensaios para a revista “Jack Hylton” em Scarborough, Brown conheceu o seu futuro marido, o actor Peter Butterworth.

Casaram no ano seguinte, e trabalharam juntos em várias ocasiões, inclusivamente em programas infantis na televisão.

A estreia de Janet no cinema tem lugar em 1949 com “Floodtide”, um drama passado nos estaleiros de Glasgow. Nas décadas seguintes (50 e 60) Janet surge em inúmeros filmes e em séries televisivas como “How Do You View?” e “The Eric Baker Half-Hour”.

Mas é com as imitações da Dama de Ferro, Margaret Thatcher, a ex-primeira-ministra britânica, que Brown ganha maior fama. Depois da vitória de Thatcher nas eleições de 1979, Brown é contratada pela BBC para imitar líderes da Grã-Bretanha da época, como Mike Yarwood. Em 1981, veste a pele de Thatcher em “For Your Eyes Only”, o seu maior sucesso de sempre.

A sua habilidade para interpretar os trejeitos de Thatcher vale-lhe a admiração da ex-primeira-ministra, e as duas encontram-se ocasionalmente para tomar chá em Downing Street. Tanto assim que após a reeleição de Thatcher, em 1983, esta escreve a Brown dizendo que esperava encontrá-la no Número 10 antes dela.

Na última década, Brown continuou a trabalhar para a televisão, aparecendo como Barbara Bush, (2004), e em papéis dramáticos nas séries “Médicos” (2003), “Midsomer Murders” (2004), “Sinistro” (2005) e “Hotel Babilónia” (2009).

SEMÁFORO



VERMELHO – Dirigentes do partido Frelimo

O Mecanismo Africano de Revisão dos Pares (MARF) - um instrumento africano de automonitoria a que aderem voluntariamente os Estados membros da União Africana - foi bastante duro para com o partido no poder (Frelimo) no seu último relatório sobre Moçambique divulgado a semana passada. “Os políticos seniores do partido Frelimo são o partido, o partido é o Governo, e o Governo é o Estado.” Depois conclui: “A Frelimo dominou o Estado.” A Assembleia da República também não escapa. O relatório responsabiliza a pelos elevados índices de promiscuidade e os negócios privados dos membros seniores do partido no poder.



AMARELO – União Africana

É um amarelo bem laranja este e só não é vermelho porque carece ainda de confirmação oficial. Fala-se que o Zimbábue, esse constante violador da democracia e dos direitos humanos, irá assumir a presidência do Conselho da Paz e da Segurança desta organização continental. Esta possível nomeação diz bem da vontade política que exista na organização para resolver o problema de fundo daquele país: a permanência no poder de Robert Mugabe.



VERDE – Aliança Democrática (África do Sul)

Este partido político sul-africano, que muitos tentaram colar à raça branca, desmentiu, com os resultados obtidos nas recentes eleições autárquicas no país, essa raiz racial, conquistando 23, 9% dos votos, número cinco vezes superior ao da comunidade branca existente no país. Nas anteriores eleições havia obtido 14,8%, ou seja, subiu 60% dos votos em cinco anos. O ANC, embora largamente vitorioso (61,9%), terá de contar com um partido cada vez mais forte na oposição.



Joana Fartaria
joanafartaria@gmail.com

- Tomaste banho? Dormiste a que horas? O que comeste ao jantar? Usaste muito o laptop?

O mestre decide o que acontece, o que eu como, quando como, o que visto, quando visto. O mestre decide como penteio o meu cabelo – apanhado; como são as minhas roupas – largas e longas; como caminho na rua – de sombrinha, olhos no chão e sempre acompanhada... na Índia o mestre decide.

Vamos às compras, porque obviamente que a roupa que trago “is not allowed” nas ruas de Kerala, o mestre discute com o vendedor de tecidos o cumprimento da minha túnica, já para não falar das calças enormes que eu vestirei com ela.

Eu tenho de novo 13 anos! É o que sinto aqui.

Eu viajo para aprender, para experimentar, para sair das minhas rotinas, dos meus hábitos, dos vícios do “eu”, pelo menos durante algum tempo.

Por isso eu, embora não entenda as razões, aceito.

É bom exercício para o ego aceitar. Apenas, assim mesmo, sem engelhar a testa ou levantar a voz, apenas aceitar.

Xikwembo

Mestre Índia

Estou na Índia a aprender, vim para estudar uma forma de arte muito antiga, das mais antigas do mundo. Estudo Kathakali, uma dança que conta as histórias dos livros sagrados da Índia. Uma forma de teatro onde o actor mostra por gestos, por expressões faciais, por intrincados movimentos rítmicos de pés e com a ajuda de complexos figurinos e magnífica maquilhagem, as histórias das invejas dos homens e das protecções dos deuses. Esta forma de arte é originária de Kerala, Estado na costa ocidental do Sul da Índia.

Esta costa olha um mar, o mar que encontra Moçambique. E, na minha primeira ida à praia eu tenho vontade de chorar.

- Joana, *you do not take swim! Not with that dress!!!* – eu não vou explicar ao mestre que não tinha intenção de tomar banho com o meu vestido de algodão bordado de brilhantes, não, porque para mim, lá de onde venho, o banho de mar é coisa especial, sagrada e despida de tudo o que o homem inventou. Mas vim aqui para aprender, para experimentar não ser eu, aceito.

De pés mergulhados na água morna do Índico, de calças XXL pesadas pela

água, eu fecho os olhos e sinto Moçambique, láaaaaaa na outra margem.

- Are you praying? – eu não sou religiosa, mas sim, talvez o mestre tenha razão, é quase isso o que me faz pôr as mãos no coração, fechar os olhos e sentir Moçambique.

- *I like that. Tourists do not do that. There are many tourists here, but I think you are not one.*

- *Me? No...*

- *Promise?*

Não ser turista é caminhar no conforto desse outro povo que visitamos, mesmo que seja o nosso desconforto.

Aqui é sentar no chão, invariavelmente sujo, e comer, com a mão, ainda desajeitada. É beber água quente e amarela (jeera gum) quando nos apetece água mineral com gele. É mudar no corpo as vestes, vestir punjab exagerado ou saree complicado, quando nos apetece um bikini. É na boca mudar os gostos, incendiar no estômago os apetites. É talvez mesmo mudar os desejos da mente. Sim, isso principalmente.

E eu? Prometo que vou conseguir?



Pentchico Dambuzza Capetine
averdademz@gmail.com

É do senso comum que a música é algo que permanece no tempo e jamais sai da moda. Ela pode sofrer modificações na evolução do tempo mas sempre continuará a ser a mesma. Música jamais deixará de ser música.

Indo mais longe, ousou afirmar que a música que fez sucesso nos anos 80 nas discotecas, hoje, a mesma, pode agradar a muitos e mover esqueletos.

Há quem possa questionar se o mesmo pode acontecer com o nosso “pandza”. Pessoalmente, tenho muitas e sérias dúvidas. Não sei se esse, a que me atrevo chamar estilo musical, é capaz de agradar a todos e em todos os momentos, visto que a história tem sido muito contundente no seu julgamento, o condenando sempre para o esquecimento depois de alguns dias de sucesso e vulgarização.

Mas que faltará para que o “pandza” seja efectivamente um estilo legendário? Se calhar, seja este um bom problema de pesquisa para os que insistem em levantar aquele género musical para patamares ambicionados, falsamente alcançados outrora quando alguns, subidos pela fama, se meteram em filmes pornográficos, compraram carros luxuosos e/ou roubados e denunciaram a necessidade de segurança pois achavam que já não faziam parte deste

@Verdade da Manhiça

Quiribone I: Morte do Pandza

maravilhoso povo, um povo muito especial vítima do nudismo e da insignificância desqualificada da nossa música jovem moçambicana.

O “pandza” morreu, é um facto. Se existe, é apenas uma réplica da sua própria inexistência.

Os seus fazedores, ontem protestando como a real identidade da música “made in Mozambique” gerada pela mistura da nossa “Marrabenta” e dos vários estilos “modernos” como enfatizavam, hoje, buscam o sucesso e a continuidade no mundo artístico em vários estilos, alguns bem sucedidos e outros não, vez mais, engolidos pela cólera da história. Uns, mais afoitos e exagerados, misturam-no com mais estilos na grande corrida pela sobrevivência artística e busca incessante pelo prestígio de “ser o primeiro”, esquecendo-se que a portentosa “Marrabenta” é nossa de raiz e precisa de ser, sobremaneira, potenciada.

Esses artistas, “pandzeiros” de outrora, são os mesmos que nos envergonham com músicas cujo conteúdo é banal que só revelam a outra face da nossa pobreza, a chamada pobreza mental. São os mesmos que endoidecidos pela morte do “pandza” promovem o nudismo e a imoralidade da nossa música jovem moçambicana, em nome do modernismo e da suposta globalização.

Eu questiono: Sendo sinal de modernismo e globalização, porque não se transformam em norte-americanos e nos cheguem como importados?

Valorizar a nossa música jovem moçambicana, então não sabem que para o povo muito especial dar valor a essa demência, os artistas se devem valorizar? Então não sabem que uma mulher decente dá-se valor para que seja ela valorizada?

Que fique bem claro que não é toda ela a música jovem moçambicana que não merece valor. Existem jovens como, por exemplo, Hermínio, Azagaia, Anita Macuácuá, Júlia Duarte e Didácia, só para citar exemplos, que são pelo país, pelo valor, pela exaltação e pelo reconhecimento. Reparem que estes artistas evitaram sentir o gostinho medíocre do “pandza”, daí que permanecem onde sempre estiveram: em forma e em bom estado de conservação.

Concentremo-nos numa questão de reflexão: Não parecem os que insistem em levantar o inexistente “pandza” doidos e idiotas?

Pois, que haja bom senso na nossa música jovem moçambicana e não seja o povo heróico de arma em punho empenhado em combater a pobreza, vítima, (in) felizmente, da morte do “pandza”.

E LÁ FOI LEILOADO O PATRIMÓNIO DA ILHA DE MOÇAMBIQUE

Na minha qualidade de arqueólogo lamento o facto. Lamentam-no igualmente todos os meus colegas arqueólogos Moçambicanos. Lamenta o povo da Ilha, indignado pelos seus tesouros terem ido parar às colecções de meia dúzia de capitalistas diletantes.

Em Novembro de 1997 encontrava-me a trabalhar na Ilha de Moçambique, num projecto financiado pela cooperação Sueca (ASDI), juntamente com um biólogo do Museu de História Natural, o José Rosado, num mergulho, mesmo em frente à fortaleza da ilha, a cerca de 20 m de profundidade encontrámos um conjunto de jarrões enterrados na areia e uma grande âncora, em direcção à superfície pelo declive acima uma profusa quantidade de vestígios arqueológicos misturavam-se com corais e peixes num magnífico espectáculo que se ia proporcionando em direcção à plataforma de coral, mesmo em frente à fortaleza da Ilha, onde repousavam as pedras de lastro e o resto do casco de uma antiga nau portuguesa. Estava descoberto o naufrágio cujo espólio agora foi leiloado pela Christie's em Amesterdão.

Em Fevereiro de 1998 com a ajuda dos arqueólogos Steve Lubkmen e David Colin do Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos iniciei o estudo deste importante naufrágio com grande entusiasmo. Numa primeira campanha de 15 dias fizemos um reconhecimento do local e o levantamento da zona dos jarrões. Os resultados foram apresentados numa conferência no centro cultural Americano em Maputo. Um dos jarrões foi retirado e depositado no museu da Marinha da Ilha de Moçambique. Sobre este assunto foi feito na altura um documentário para a televisão Moçambicana (TVM) pela saudosa jornalista Teresa Sá Nogueira.

Os trabalhos estavam devidamente autorizados por uma licença da Direcção Nacional do Património Cultural. Programávamos um importante projecto de pesquisa da Universidade no local. Mas este entusiasmo foi “sol de pouca duração”: no mesmo ano o Governo assina um contrato de exploração comercial de achados arqueológicos com a empresa Arqueonautas, precisamente para a zona onde estávamos a trabalhar. E assim traçou o destino dos restos da nau portuguesa que durante séculos tinha sido conservada no fundo do mar e cujo espólio foi agora parar às colecções privadas de meia dúzia de ricos na Europa.

No meio de toda esta tristeza que nem vale a pena discutir, somente deixo um comentário e uma pergunta: O comentário:

Foi a primeira vez que objectos de um Monumento do Património Cultural da Humanidade foram vendidos em hasta pública!! Isto perante a passividade da UNESCO!! Como é possível?

A pergunta: Como autoriza o Governo a venda de objectos de uma estação arqueológica quando a lei nº 10/88 de 22 de Dezembro no seu artigo 10 considera “Estações e objectos arqueológicos” propriedade inalienável do Estado?

A empresa Arqueonautas cometeu assim uma infracção flagrante à lei. Quem vai fazer justiça, quem vai zelar pelo cumprimento da lei neste caso?

Ricardo Teixeira Duarte,
arqueólogo moçambicano

PORQUE OS ÁRBITROS NÃO SÃO PUNIDOS?

Em primeiro lugar, saúdo a todos os trabalhadores do Jornal @Verdade, em especial ao senhor director, pela grandeza, que tem ministrado todos os trabalhadores, em especial os distribuidores deste jornal, que têm nos ajudado fazendo chegar a nós que não temos condições de comprar um jornal, que somos primeiros pobres.

Avante, ajudem-nos mais. E aqui neste jornal gostaria que me ajudassem muito e que esta carta fosse publicada no jornal. Sou um grande adepto desportivo deste país e gosto de várias modalidades

como natação, futsal, atletismo, basquetebol e muito mais, mas particularmente o futebol.

Sou adepto do grande clube de desporto de Maxaquene, adepto doente do futebol. Acompanho todas informações, noticiários desportivos nacionais e internacionais. Tenho lido semanalmente o

jornal desportivo nacional “Desafio” mas nesse jornal tenho vindo a constatar ou vejo algo que não sei se os outros não vê ou não acompanham.

Gostaria que os jornalistas deste jornal me ajudassem a fazer esta pergunta: porque é que os jornalistas desportivos defendem a má qualidade ou mau trabalho realizado por um árbitro de futebol no

meio de cerca de cinco mil ou mais espectadores nos jogos de Moçambola, quando anula um golo limpo no meio de tanta gente que até o locutor e as imagens televisivas mostram? Os jornalistas

do “Desafio”, sem vergonha, dizem que a outra equipa que foi anulada o golo não perdeu o jogo por aquele motivo, como aconteceu com o jogo da Liga Muçulmana e Desportivo. Se tivesse

validado o golo anulado todos sabemos que o Desportivo não seria a equipa derrotada. O jogo teria terminado empatado.

Assistimos também a mesma situação no jogo do Maxaquene e Atlético. Peço desculpas, mas não estou a dizer que os jornalistas não estão a trabalhar, pelo contrário, condeno a atitude de

enaltecer alguém que cometeu propositadamente um erro, estragando o resultado de um jogo. O pior é que os árbitros do Moçambola apitam jogos de maneira como eles querem sem seguir

as leis do futebol porque sabem que não serão punidos.

Há muitos árbitros que estragam espectáculos futebolísticos nos campos e nunca vimos um a ser punido, porquê? Será que não existem leis judiciais para eles? Pedimos que se aconselhe os

árbitros a não estragarem os nossos jogos, por favor! Porque mesmo um dirigente, um director ou mesmo um ministro quando não faz bem as suas funções é tirado da cadeia.

Bernardino dos santos
Bairro do Jardim, Maputo

Sob a pressão de uma nova leva de deserções, o líder líbio Muammar Khadafi renovou um pedido de cessar-fogo em conversas com um mediador africano, mas não deu sinais de que acatará as exigências ocidentais para que renuncie.

Podem a Índia e o Paquistão viver em paz?

Desde 1947 Índia e Paquistão já tiveram três guerras. Disputam Caxemira e influenciam o Afeganistão. Sendo potências nucleares, convinha entenderem-se.



Texto: **Expresso** • Foto: **Reuters** • Ilustração: **Gallego&Rey**

Dez dias depois de Bin Laden ter sido morto não se tinham dissipado as suspeitas de cumplicidade entre o Paquistão e o líder da Al-Qaeda. Foi o momento escolhido pelo primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, para visitar o Afeganistão. Apoiante dos rebeldes da Aliança do Norte contra o regime talibã, a Índia é, desde 2001, um parceiro do novo Afeganistão, sendo actualmente o sexto maior doador bilateral.

Escusado será dizer que do outro lado da fronteira há quem não veja a presença indiana no Afeganistão com bons olhos. E isso desde há muito. Vejam-se os ataques suicidas contra a embaixada da Índia em Cabul (7 de Julho de 2008, 58 mortos e 8 de Outubro de 2009, 17 mortos).

Encravado entre a Índia e o Afeganistão, o Paquistão inquieta-se com a perspectiva de uma aliança entre os dois vizinhos. Com o Afeganistão, partilha populações de etnia pashtune, estando, por isso,

condenado ao entendimento. Já entre a Índia (de maioria hindu) e o Paquistão (de maioria muçulmana) vive-se uma situação tensa desde a independência, em 1947, após a partição da Índia Britânica. A disputa de Caxemira (na origem de duas guerras indo-paquistanesas) data dessa época.

“O Paquistão vive obcecado com a Índia. Vê-la como uma ameaça à sua existência é um erro”, afirmou esta semana Barack Obama, em entrevista à BBC. “A paz entre os dois países será boa para o Paquistão. Permitir-lhe-á libertar recursos para o desenvolvimento, expandir relações comerciais e acompanhar os enormes progressos que a Índia tem conseguido.”

As comparações indo-paquistanesas são quase todas desiguais. Com 1,2 mil milhões de habitantes, a Índia está prestes a ultrapassar a China como país mais populoso do mundo – no Paquistão, vivem “apenas” 180 milhões. Membro do G20, a Índia

crece 8,2% ao ano, e o Paquistão se fica pelos 2,8%.

Enquanto o Paquistão depende de ajuda militar externa, nomeadamente dos EUA, para equipar as Forças Armadas – o verdadeiro poder no país – a Índia, uma democracia estabilizada, compete nos mercados bélicos pelas últimas novidades. Em fase de conclusão está um negócio que prevê a compra aos EUA de dez C-17 Globemaster-in (aviões a jacto de transporte táctico que substituíram os C-130), no valor de 2,9 mil milhões de euros, o maior negócio de sempre, na área da defesa, entre os dois países.

A imprensa indiana fala, igualmente, de um contrato com a França visando a modernização dos seus 52 caças Mirage-2000, no valor de 1,7 mil milhões de euros.

À desproporção de forças e de protagonismo, o Paquistão responde com a estratégia jihadista, inspirando grupos terroristas de matriz islâmica. Os atentados de Bombaim de 26

de Novembro de 2008 (o 11 de Setembro dos indianos), reivindicados pelo Lashkar-e-Taiba, um dos grupos islamitas paquistaneses mais activos foram a expressão mais sangrenta dessa estratégia: 164 mortos e 300 feridos.

A 30 de Março último, foi dado um primeiro passo no sentido de uma aproximação entre os dois países, quando os dois primeiros-ministros assistiram juntos a um jogo de críquete entre as duas selecções.

Algo mais mina a confiança entre os dois. Nem Índia nem Paquistão assinaram o Tratado de Não-Proliferação Nuclear. O programa nuclear indiano é mais antigo, mas o arsenal paquistanês foi o que mais cresceu em todo o mundo. A que ponto este último está ao abrigo de uma acção terrorista? A 31 de Janeiro, o “The Washington Post”, citando os serviços secretos dos EUA, dizia que o Paquistão pode “substituir a Grã-Bretanha como quinta potência nuclear”.

Caxemira, um paraíso em disputa



Basta olhar para um mapa para perceber que Caxemira (dividida entre Índia, Paquistão e China) é um tesouro estratégico de 200 mil quilómetros quadrados, confinados, ainda, com Afeganistão e Tibete. Do lado ocupado pela Índia o vale da Caxemira – descrito frequentemente como “um dos locais mais bonitos do mundo” – tem grandes áreas férteis, rios e lagos cercados por altas montanhas. Ali vivem 7 milhões de pessoas de maioria muçulmana. Este vale é caro a três grandes civilizações (islâmica, hindu e budista) e encerra mitos e crenças. Há quem acredite que foi onde Jesus morreu. Outros crêem que Moisés procurou aqui as tribos perdidas. Milhões afluem ao mausoléu Hazratbal, em Srinagar – a capital – onde, alguns dias por ano, uma relíquia invulgar, um cabelo do profeta Maomé, é exibido aos peregrinos.

Capacidade Nuclear



80 – 100 ogivas nucleares constituirão o arsenal nuclear da Índia. O primeiro reactor nuclear indiano foi construído em 1955, com a ajuda dos britânicos. Em 1974, a Índia efectuou a sua primeira explosão nuclear, com o nome de código de “Buda Sorridente” (Pokhran-I na língua original).

90 – 110 ogivas nucleares farão parte do arsenal nuclear do Paquistão. O programa nasceu em 1972 e ganhou dimensão quando o cientista A.Q. Khan – que ficaria conhecido como “o pai da bomba” – ingressou nele. O primeiro ensaio nuclear foi realizado em 1998, e teve o nome de código “Chagai I”.

Cáucaso: Pontapés na bola e nas liberdades

Enquanto o líder checheno alicia estrelas do futebol, na Geórgia reprimem-se manifestações e matam-se manifestantes.

Texto: **Expresso** • Foto: **Reuters**



Que ocasião poderia juntar estrelas como Diego Maradona, Luís Figo, Jean-Pierre Papin, Franco Baresi e Fabien Barthez, entre outros? Uma peladilha... na Chechénia. Promovido pelo

Presidente daquela República russa, Ramzan Kadirov, o desafio, jogado no passado dia 11 de Maio na capital, Grozny, colocou frente a frente as glórias do desporto-rei e uma selecção

composta por políticos e atletas russos, escolhida pelo próprio Kadirov.

Ganhou a equipa da casa, por uns expressivos 5-2. Nada que incomodasse os atletas derrotados, cujos prémios de jogo oscilaram entre os dez mil e o milhão de euros. Por este preço um homem pode bem nem se dar ao trabalho de se esmerar no relvado...

O jogo assinalou a inauguração do novo estádio de Grozny, que tem o nome do pai do Presidente, Akhmad Kadirov, assassinado em 2004. De início líder islâmico separatista, mudou de lado a meio da guerra chechena, passando a servir os interesses de Moscovo. O filho segue-lhe o exemplo.

Sangue na Geórgia...

Não muito longe dali, a semana foi agreste na Geórgia. Pelo menos duas pessoas morreram atropeladas por carros da polícia, e 37 ficaram feridas, na quinta-feira, quando uma unidade especial pôs fim, à força, a cinco dias de manifestações contra o Presidente Mikhail Saakashvili, a quem acusam de violar os direitos humanos

Para o pró-ocidental Saakashvili, citado pela Reuters, é a Rússia que promove a instabilidade. “O dia foi escolhido como alvo pelos nossos ocupantes”, disse, aludindo ao Kremlin, que tem tropas nas regiões separatistas da Abecásia e da Ossétia do Sul, territórios georgianos, cuja independência é reconhe-

cida apenas pela Rússia, Nicarágua, Venezuela e Nauru.

Milhares de agentes da autoridade usaram gás lacrimogénico, canhões de água e balas de borracha para dispersar a multidão reunida em torno do Parlamen-



to, em Tbilisi. A manifestação impedia a passagem de uma parada militar comemorativa da independência (pós-queda do czarismo, a 26 de Maio de 1918 e, portanto, antes da anexação pela URSS).

... e prisões na Bielorrússia

Numa jornada particularmente dura para os activistas políticos nas ex-repúblicas soviéticas, um tribunal bielorrusso condenou a penas de prisão dois opositores ao Presidente Alexander

Lukashenko, por terem contestado a sua reeleição (que a ONU considerou fraudulenta) em Dezembro passado. No dia seguinte, Lukashenko ameaçou banir do país todos os jornalistas estrangeiros.

O primeiro-ministro do governo de coligação no Quênia, Raila Odinga, assegurou ao Tribunal Penal Internacional (TPI) que está a preparar-se para cooperar nos inquéritos sobre a violência pós-eleitoral de 2007-2008, e reconheceu que as pessoas estiveram implicadas por causa dos “interesses partidários”.

Líbia: uma guerra sem fim



Texto: **Expresso** • Foto: **Reuters**

Impasse. A guerra na Líbia eterniza-se. A NATO repensa estratégia e Kadhafi tem dificuldade em encontrar local de exílio.

Os ataques aéreos internacionais foram lançados sem estratégia. A Líbia, dividida em duas, caiu no caos.

A guerra não foi tão rápida como se julgava. Sem os aviões da NATO, talvez os opositores já tivessem sido esmagados.

Nas imagens da TV vêem-se rebeldes mal fardados e armados com o que calha, pendurados em pick-up com peças antiaéreas nas caixas de carga, quando não lança-mísseis adaptados de aviões de combate. Do outro lado há carros de combate, artilharia e equipamento padronizado. Só deixou de haver aviação porque a NATO tratou do assunto.

O Conselho de Transição está dividido e o exército parece o da República Espanhola em 1936: uma mistura de antigos soldados regulares, milicianos e brigadas privadas, não anarquistas mas islamitas que nem sempre cumprem ordens.

O embargo às armas, petróleo e dinheiro ainda não causou danos por dois motivos. Primeiro, porque os cofres ainda estão cheios em Trípoli. Segundo, porque as fronteiras com o Chade, Níger, Sudão e Argélia continuam permeáveis a mercenários, armas e petróleo. A aliança internacional estuda uma forma de bloquear esta fronteira sul (desértica).

O aumento dos bombardeamentos, nomeadamente contra o bunker de Bab al-Azizia, visa pressionar a ditadura e empurrar Kadhafi para a clandestinidade. A mudança de regime é exigida pelos três países envolvidos (França, Reino Unido e EUA), mas falta explicar como se enquadra na Resolução 1972 (ou se é necessário formalizar outra no Conselho de Segurança da ONU).

Para acelerar as coisas está a ser analisada a hipótese de uma intervenção terrestre em pequena escala, levada a cabo por tropas especiais. É algo que desagrada aos opositores líbios e que reforçaria politicamente os islamitas, muito embora já haja

forças especiais estrangeiras que fazem reconhecimento e identificam objectivos para os aviões da NATO.

O recurso a helicópteros de ataque, como o Apache dos EUA ou o franco-alemão Eurocopter Tiger, está a ser equacionado. São aeronaves de ataque ao solo, eficazes contra blindados e posições fortificadas e capazes de proporcionar aos rebeldes o apoio aéreo próximo de que nunca dispuseram. Embora sejam resistentes ao fogo antiaéreo e tenham capacidade de iludir mísseis, voam a altitudes e velocidades que os tornam vulneráveis ao fogo inimigo, sendo de esperar aparelhos abatidos e pilotos presos ou mortos.

No sueste, os bombardeamentos da NATO em Kufra (cenário da primeira batalha das Forças Francesas Livres em 1941)

e Jalu impedem que Kadhafi ameace Bengasi pelo sul. Também aliviaram a pressão sobre Misrata e animam os insurgentes a avançar para Zliten e, daí, para Trípoli. Multiplicam-se bombardeamentos na zona montanhosa de Nafusa, no sudoeste, para ajudar a manter aberta a fronteira com a Tunísia, vital para o reabastecimento da oposição.

A oposição condiciona o diálogo à saída de Kadhafi. Se este sair será quase inevitavelmente julgado pelo Tribunal Penal Internacional (ver caixa). Ao contrário do Egipto e da Tunísia não há instituições para uma transição para eleições livres.

Os novos responsáveis encontrarão um país destruído e sem instituições democráticas. Os líbios terão de superar o ódio e a vingança de um país tribal, dividido desde há déca-

das. De solucionar o drama dos refugiados e o de voltar a pôr o país a funcionar.

O impasse no conflito só traz mais vítimas e, provavelmente, mais força para os islamitas. Uma transição incompleta poderá afectar os países vizinhos, todos a braços com conflitos internos (Sudão, Níger, Mali, etc.).

Uma solução política, diplomática – que incluisse um cessar-fogo, um corredor humanitário e um diálogo de alto nível entre os dois campos, com assessoria internacional da ONU e a atribuição de um papel à Liga Árabe e à União Africana – seria o ideal para assentar as bases da nova Líbia, realmente democrática e livre. Para já, é algo improvável, dado que nem a oposição, nem Kadhafi, nem a NATO parecem muito interessados e todos se mantêm apegados a posições inflexíveis.

Kadhafi sem refúgio

Imaginar um poiso para Kadhafi não é fácil. No tempo da II Guerra Mundial os reis europeus depostos escolhiam Cascais. Alguns ditadores do Terceiro Mundo ainda se exi-

proezas cada vez mais difíceis de repetir. Se escaparem à fúria dos seus povos os ditadores não têm muito para onde ir.



laram na Europa. Ben Ali conseguiu fugir para a Arábia Saudita em Janeiro. São tudo

Multiplicaram-se os acordos de extradição e 114 países aderiram ao Tribunal Penal Internacional. As atrocidades dos tiranos são mais divulgadas, dificultando a vida a quem se dispuser a recebê-los. Isto não é forçosamente bom: há guerras civis que só acabam se for garantido exílio seguro a um déspota. Riccardo Orizio, repórter italiano que entrevistou ditadores exilados, sugere, na revista "The Economist", uma saída: estados independentes de facto mas não reconhecidos juridicamente, onde a lei internacional não se aplica, como a Transdniestria (Moldávia).

Genocida Ratko Mladic detido na Sérvia

A Sérvia prendeu Ratko Mladic, que massacrrou 8 000 muçulmanos em Srebrenica, na Bósnia.

Texto: **VEJA** • Foto: **Reuters**

Enquanto general do Exército sérvio na Bósnia, Ratko Mladic perseguiu o objectivo de construir uma “Grande Sérvia”, onde não haveria espaço para os muçulmanos. “São nossos inimigos comuns”, escreveu ele no seu diário. Não se desviou um único momento dessa missão.

No comando de um Exército de 85 000 soldados, abriu campos de concentração, ordenou a matança de civis desarmados e o estupro colectivo de mulheres e meninas. A limpeza étnica foi a pior carnificina em território europeu desde a II Guerra e marcou o conflito fratricida que começou em 1992, quando a maioria muçulmana da Bósnia-Herzegovina, república resultante da dissolução da ex-Jugoslávia, declarou independência da Sérvia.

A guerra da Bósnia durou três anos, fez 10 000 vítimas fatais e resultou em 2 milhões de refugiados. Mladic esteve directamente envolvido em dois dos seus episódios mais sangrentos: o cerco de 43 meses à cidade de

Sarajevo, que custou a vida de 12 000 pessoas, e o massacre na cidade de Srebrenica, em 1995, onde 8 000 idosos, homens e meninos, foram executados a tiro só porque eram muçulmanos.

Antes da matança, um soldado holandês da ONU, que deveria zelar pelo local, descreveu assim uma das visitas do general à cidade: “(Mladic) entrou a sorrir. Enquanto olhava para as câmaras de televisão, repartia pão com as crianças e dizia-lhes para não se preocuparem. Quando as lentes se viravam, ele tirava o alimento das suas mãos”. O genocídio em Srebrenica foi revelado quando aviões dos Estados Unidos fotografaram milhares de covas rasas. Até hoje, centenas de corpos continuam a ser descobertos no local.

O carneiro dos Bálcãs, como Mladic ficou conhecido, foi capturado na quinta-feira, dia 26, no vilarejo rural de Lazarevo, a 80 quilómetros de Belgrado, capital da Sérvia. Uma equipa de agentes vigiou por duas



semanas a casa da fazenda onde ele estava e que pertence a um dos seus sobrinhos. “Mladic tinha duas armas carregadas, que não usou. Ele cooperou e não resistiu à prisão”, disse Rasim Ljajic, ministro sérvio encarregado da busca de criminosos de guerra. O general foi então levado para interrogatório. Um polícia que testemunhou a sessão disse que ele aparentava cansaço e desorientação. Uma das suas mãos está quase paralisada, em resultado talvez de um derrame. Ele foi examinado

por um médico. Nos próximos dias, deve seguir os passos dos seus comparsas na guerra, o ex-presidente sérvio Slobodan Milosevic e Radovan Karadzic, o mentor do genocídio de bós-nios muçulmanos.

Ambos foram presos e extraditados para o Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia. Em Haia, na Holanda, Milosevic morreu de enfarte na prisão, em 2006. Karadzic aguarda julgamento.

Nos últimos dezasseis anos, Mladic viveu confortavelmente na Sérvia, mesmo com um mandado de prisão emitido contra ele.

Considerado um herói nacionalista, era protegido por militares e integrantes do serviço secreto sérvio, os quais ainda mantêm nos seus quadros intermediários muitos homens que participaram nos massacres. “Mladic tinha provas que poderiam incriminar militares que ainda estão nas Forças Armadas”, diz o inglês Marko Hoare, historiador da Universidade Kingston, em Londres.

O general sérvio nem sequer estava preocupado em esconder-se. Vídeos divulgados por um canal de televisão local, em 2009, mostram-no a conversar com os vizinhos, fazendo claque em estádios de futebol e passeando tranquilamente na floresta. Também aparece em diversas festas, em que era sempre a grande estrela.

Numa das cenas é visto no salão e é chamado pelos seus fãs para posar para fotos a todo o momento. Mladic visitava o cemitério onde está enterrada a sua filha, uma estudante de

medicina que cometeu suicídio em 1994, depois de ler numa revista factos sobre as atrocidades do pai.

Em Haia, Mladic deve responder a quinze acusações de crimes de guerra e contra a humanidade, entre elas a de genocídio. Se for condenado, passará o resto da vida atrás das grades.

A Sérvia prendeu Mladic para retomar o processo de integração à União Europeia (UE), suspenso em 2008 quando a Holanda, cujos soldados foram incapazes de impedir o massacre de Srebrenica, vetou o acesso do país. O pedido de entrada só seria aceite se os criminosos de guerra fossem entregues à Justiça.

Não foi coincidência o facto de o Presidente da Sérvia, Boris Tadic, ter anunciado a prisão de Mladic no mesmo dia em que Catherine Ashton, ministra das Relações Exteriores da UE, desembarcou em Belgrado. Para pôr um ponto final nesse período negro da história, resta prender Goran Hadzic, ex-líder sérvio na Croácia, foragido. Tadic já assegurou que esse é o próximo passo.

COMENTE POR SMS 821115



AMÉRICA DO NORTE

Jovens vestidos de super-heróis patrulham as ruas de Nova York

Jovens nova-iorquinos estão a sair às ruas vestidos de super-heróis para patrulhar a cidade e “melhorar” a vida de todos. O grupo, baptizado de “The New York Initiative” (A Iniciativa Nova York, em tradução literal) é parte de um movimento global de pessoas que se autodenominam “heróis da vida real”.

Um dos jovens, que atende pelo nome de Samaritan Prime (O Melhor Samaritano, em tradução livre), explicou que os participantes no movimento mantêm as suas identidades em segredo. “Se você se transforma num símbolo sem nome, pode representar muito mais do que apenas uma pessoa”. Uma frase que poderia ter sido dita por um super-herói como o Batman.

O movimento está a crescer. Começou nos Estados Unidos e já inclui pessoas em cidades como Birmingham e Norwich, na Inglaterra. Hoje, os integrantes do NYI estão a patrulhar a perigosa região conhecida como South

Bronx Projects, procurando pessoas que habitualmente criam problemas e as suas vítimas. “Às vezes deparamo-nos com lutas de bêbados, violência doméstica, um roubo, qualquer coisa desse tipo”, explica Deaths Head Moth. “Uma vez eu impedi um estupro. Dois homens estavam a levar uma garota bêbada para casa com eles. Eles estavam a falar sobre tudo o que iam fazer com ela. Eu aproximei-me e disse a eles que se afastassem dela”.

Deaths Head Moth admite que às vezes usa a violência. “Não faço isso para punir os malvados e, sim, para proteger as vítimas”, explica. “Mas algumas pessoas não reagem bem quando alguém lhes pede, educadamente, que parem de fazer o que estão a fazer”.

As autoridades americanas dizem que a luta contra o crime deveria ser tarefa da polícia. O Departamento de Polícia de Nova York recusou-se a comentar as actividades do grupo. / *Por Redacção e Agências*



ÁFRICA

Sudão e Sudão do Sul anunciam zona desmilitarizada na fronteira

Autoridades do Sudão e da região do Sudão do Sul, que se tornará um país independente a 9 de Julho, concordaram na última terça-feira (31) com o estabelecimento de uma zona desmilitarizada ao longo da fronteira entre os seus dois territórios, patrulhada por soldados de ambos os lados.

O acordo, mediado pela União Africana, foi alcançado dez dias depois de tropas do norte terem invadido a região fronteira de Abyei, disputada pelos dois lados. Analistas temiam que a disputa por Abyei poderia levar ao reinício da guerra civil entre o norte e o sul. O Conselho de Segurança da ONU condenou a ocupação de Abyei e pediu a retirada imediata das tropas de Cartum da região, rica em petróleo.

O acordo de paz de 2005 que encerrou a guerra civil de 22 anos previa que

Abyei teria um estatuto especial. Em 2008, uma administração conjunta foi estabelecida até que o futuro da área fosse decidido em referendo. A votação deveria ter ocorrido em Janeiro, com o referendo que aprovou a independência do Sudão do Sul, mas acabou por ser adiado indefinidamente.

A zona desmilitarizada incluirá toda a fronteira entre o Sudão e o Sudão do Sul, de cerca de 2,1 mil quilómetros. Mas o comunicado da União Africana sobre o acordo não especificou quando ela entrará em vigor nem como será aplicada na região de Abyei.

Segundo a agência de notícias Associated Press, a zona estender-se-á por dez quilómetros, mas ainda não se sabe se será de dez quilómetros para cada lado da fronteira ou no total. / *Por Redacção e Agências*



EUROPA

Em Portugal, oposição lidera pesquisa eleitoral

A principal força da oposição em Portugal, o Partido Social-Democrata (PSD), aumentou a sua vantagem sobre o Partido Socialista (PS), dias antes da eleição geral de 5 de Junho, segundo duas pesquisas.

O PSD, liderado por Pedro Passos Coelho, aparece com 37% dos votos. Já o PS, comandado pelo primeiro-ministro José Sócrates, ficou em segundo, com 32,3% da preferência. A pesquisa realizada pela companhia Intercampus entrevistou 1.010 pessoas, entre 25 e 29 de Maio, e foi encomendada pelo jornal Público e pela emissora de televisão TVI. Em pesquisa divulgada na sexta-feira, o PSD aparecia com 35,8%, enquanto o PS tinha 34,1%. O Centro Democrático e Social (CDS), liderado por Paulo Portas, subiu para 12,7% na última sondagem, e na de sexta-feira tinha 11,3%.

Uma segunda pesquisa mostra o PSD a romper um empate técnico com o PS pela primeira vez desde o início da

sondagem diária, em 24 de Maio. Esta pesquisa apresenta o PSD com 34,7% dos votos, e o PS com 32,1%. O CDS aparece com 12,9%. Essa amostra diária é da Eurosondagem para a emissora SIC Notícias, o jornal Expresso e a Rádio Renascença.

Os três principais partidos têm ainda quatro dias de campanha para avançar sobre os indecisos. A Intercampus estima que 23,2% dos eleitores ainda estão indecisos, enquanto para a Eurosondagem os indecisos são 22%.

Caso o quadro actual se confirme, nenhum partido terá maioria absoluta no Parlamento. Dessa forma, será preciso haver coligações legislativas para a aprovação de novas leis. Pela pesquisa da Intercampus, uma coligação do PSD e do CDS ficaria com 49,7% dos votos, o suficiente para formar um governo próprio. Os três partidos mais à esquerda somariam 45,2% nesse cenário. / *Por Redacção e Agências*



AMÉRICA CENTRAL/ SUL

Confronto entre traficantes faz seis mortos em favela do Rio de Janeiro

Seis pessoas morreram e quatro ficaram feridas quando um grupo de traficantes do Morro da Pedreira tentaram invadir a favela Para Pedro, no norte do Rio de Janeiro, durante a madrugada do passado domingo (29). Segundo uma fonte policial, o tiroteio começou quando um grupo de traficantes rivais tentou invadir a favela Para Pedro durante a madrugada para se apoderar dos seus postos

de venda. Os invasores que entraram a matar na favela, disparando logo contra duas pessoas, desencadearam um tiroteio que espalhou o pânico durante algumas horas. A polícia ainda não identificou as vítimas, mas sabe-se que entre elas não estão apenas traficantes mas também inocentes, como uma senhora idosa que foi atingida por uma bala perdida. / *Por Redacção e Agências*



OCEANIA

Desastres naturais causam a pior queda do PIB da Austrália em 20 anos

Os desastres naturais provocaram uma queda de 1,2% no Produto Interno Bruto (PIB) da Austrália no primeiro trimestre de 2011, a pior contracção da economia do país em duas décadas, informaram fontes oficiais nesta quarta-feira. O Escritório Australiano de Estatísticas (ABS, na sigla em inglês) indicou que a queda do PIB foi provocada pelo impacto gerado nas exportações pelos ciclones e as inundações que desde Novembro e durante meses afectaram as regiões norte e nordeste do país.

Os sectores mais afectados e que mais tiveram influência na contracção do PIB foram a mineração e a agricultura, que caíram 6,1% e 8,9%, respectivamente, enquanto o sector manufactureiro desceu 2,4%. É o primeiro resultado negativo do PIB desde o último trimestre de 2008, em plena crise financeira internacional, quando foi registada uma contracção de 0,9%. Este também foi o pior retrocesso desde o primeiro trimestre de 1991, quando a economia australiana caiu 1,3%. / *Por Redacção e Agências*



ÁSIA

ONU denuncia dezenas de mortos “às mãos do Exército” no Iémen

A espiral de violência não pára de aumentar no Iémen. Enquanto os combates entre forças leais ao Presidente Ali Abdullah Saleh e membros de uma tribo que apoia a oposição regressam às ruas da capital, Sanaa, a ONU diz que desde domingo “mais de 50 pessoas foram mortas às mãos do Exército” em Taiz, no sul do país.

Os protestos contra o regime de Saleh, no poder há 33 anos, começaram em Fevereiro, inspirados pelas revoltas na Tunísia e no Egipto. Desde então, o Presidente já aceitou três acordos para se afastar e de todas as vezes recuou.

De acordo com a ONU, nos últimos dias

“Exército, Guardas Republicanos e elementos leais ao Governo destruíram à força o campo de protesto na Praça Horiya usando canhões de água, bulldozers e munições reais”. “Esta violência contra civis desarmados tem de parar”, disse a comissária para os Direitos Humanos, Navi Pillay, que denunciou ainda ataques aos hospitais que trataram as “centenas” de feridos provocados pelos militares. “Mais de 52 pessoas foram mortas, incluindo 15 que foram queimadas vivas”, afirmou ao jornal “Yemen Post” Bushra Maktati, activista pró-democracia. / *Por Redacção e Agências*

Publicidade

Vermelho é mais rápido

Compra já este modem e navega em qualquer lugar.

tudo bom pra ti

Modem Vodafone USB

+1GB
+ Pacote Inicial

Por apenas

2.499MT

www.vmco.mz

Termos e condições aplicáveis; oferta válida em todas as lojas Vodacom enquanto houver stock.

O Fundo Distrital de Desenvolvimento (FDD), vulgarmente conhecido por “sete milhões” gerou 58.022 postos de trabalho na província de Nampula, desde a sua criação em 2006.

ECONOMIA
COMENTE POR SMS 821115

Texto: **Hélder Xavier** • Foto: **Istockphoto**

Fundo! Qual fundo?

O fundo destinado à redução da pobreza, vulgarmente conhecido por “sete milhões”, já está disponível no meio urbano. Porém, para quem tentou obtê-lo, a experiência não foi agradável. Aliás, foi uma “aventura impossível”. O excesso de burocracia, passando pelos duvidosos critérios de atribuição e culminando na falta de informação, eis alguns entraves que o caracterizam...

Três jovens e dois distritos municipais. Eles têm idades diferentes e também ambições, mas partilham um objectivo comum: ter acesso ao Fundo de Redução da Pobreza Urbana destinado à cidade de Maputo. O que, à partida, lhes parecia um “balão de oxigénio” para as suas respectivas situações financeiras transformou-se na maior decepção das suas vidas. Tudo porque acreditavam que era apenas necessário um documento aqui e outro ali para se ser elegível. A realidade foi-lhes dura. Estes são apenas exemplos de alguns moçambicanos que tentaram obter os “sete milhões” e não o conseguiram.

Há seis anos, Américo Manjate, de 31 anos de idade, procura um emprego. Nunca teve um trabalho formal. Durante nove meses, dedicou-se à venda de recargas de telemóveis ao longo das artérias da cidade de Maputo, mas, devido a certas questões, que não quis lembrar, o negócio parou. Mora no bairro 25 de Junho (Choupal), Distrito Municipal Kambukwana, e o seu objectivo é voltar a exercer uma actividade económica. Já definiu o tipo de actividade, mas falta-lhe o essencial: dinheiro.

“Gostaria de abrir um pequeno bar aqui nesta zona”, conta. A falta de financiamento é o seu maior obstáculo para a materialização do seu desejo. Ouviu falar da existência dos “sete milhões” para a cidade, e decidiu tentar a sorte. Mas a sua experiência não foi boa.

Declaração do bairro, Registo Criminal e fotocópia do Bilhete de Identidade autenticado foram os documentos exigidos. Quando Manjate pensava que já estava a um passo de obter os 100 mil meticais para pôr em marcha o seu empreendimento, exigiram-lhe mais um documento. Desta vez, o Número Único de Identificação Tributária (NUIT). E não se ficou por aí. Para a sua surpresa, veio uma enorme lista de exigências, além de saber que se estava a dar prioridade aos projectos agro-pecuários, o que acabou por fazer com que desistisse da ideia.

Paulo Farranguane, de 29 anos de idade, vive do que a sua banca de venda de produtos de primeira necessidade pode dar. É graças a esse negócio que garante o sustento diário da sua família composta por seis pessoas. Mas a sua ambição é mudar de actividade. “Gostaria de me dedicar à confecção de refeições. Cerca de 50 mil meticais é o suficiente para começar um bom negócio”, comenta.

Apesar de saber da existência do Fundo de Redução da Po-

breza Urbana, Farranguane desconhecia os mecanismos para a sua obtenção. Logo que pôde, obteve informações e, mais tarde, apresentou todos os documentos exigidos, nomeadamente comprovativo de residência, Certidão de Nascimento e NUIT.

Mas dois obstáculos apareceram no seu caminho. O primeiro diz respeito ao tempo em que reside no bairro. Paulo vive no Albasine, Distrito Municipal de Ka Mavota, há pouco menos de seis meses. O secretário do bairro informou-lhe que o fundo é para pessoas que moram há mais de dois anos naquele local. E o segundo entrave está relacionado com a apresentação do projecto. “O grupo dinamizador do bairro disse que o projecto devia ser apresentado por escrito e eu não sei elaborar um projecto”, disse Paulo Farranguane que tem apenas a 5ª classe interrompida.

À semelhança de Américo e Paulo, Benedito Gustavo, de 33 anos de idade, também tentou sem sucesso obter o Fundo de Redução da Pobreza Urbana. Mora no Albasine há 10 anos e trabalha no sector de construção. Quando ouviu a falar do fundo dos “sete milhões” para a cidade de Maputo, pensou: “É desta vez que trabalho por conta própria”.

Em mente, Benedito tinha a ideia de adquirir uma carrinha para o transporte de passageiros. Mas depois de apresentar os documentos exigidos ficou a saber que não era elegível, uma vez que o fundo era atribuído às mulheres chefes de família, jovens desempregados, deficientes físicos ou pessoas cujos rendimentos mensais não ultrapassam os 2500 meticais. “Acho que se deveria dar prioridade às pessoas que têm capacidade de reembolsar o valor, à semelhança do que fazem os bancos”, afirma.

Um drama comum

Este não é apenas o drama dos três jovens para se ter acesso aos fundos de desenvolvimento. Grande parte dos moçambicanos, sobretudo os que pretendem expandir (ou começar) os seus negócios, passa pelo mesmo dilema.

Muitas vezes, recorrer ao empréstimo bancário, submetendo-se a juros quase impossíveis de pagar, tem sido a única saída, apesar de frequentemente se anunciarem diversos fundos bonificados para pessoas empregadas, tais como o de Apoio à Iniciativa Juvenil, os “sete milhões” para zonas urbanas e de Apoio ao Sector Privado.

Ter acesso ao fundo de “sete milhões” equipara-se a uma missão impossível. Primeiro, é necessário que o interessado apresente um projecto relativo à actividade que pretende desenvolver. Num país em que poucas pessoas são capazes de desenhar um projecto, este deve ser preciso, e ter-se em conta que se dá prioridade aos projectos de desenvolvimento, tais como

agro-pecuários e de pequenos negócios.

Posto isto, o segundo passo é encaminhar o projecto para os chefes de 10 famílias do bairro em que o indivíduo reside e estes, por sua vez, enviam-no ao chefe de quarteirão. Os dois líderes locais elaboram uma declaração que deve ser anexa ao projecto e ambos os documentos

são enviados para o círculo do bairro.

Na referida instância, existe uma brigada cuja responsabilidade é analisar a viabilidade do projecto. Por fim, o mesmo é enviado à administração do bairro, onde também existe uma comissão cujo objectivo é aprovar ou não a proposta. Depois de atingida essa fase, aguarda-se

por uma semana para a obtenção da resposta.

De referir que para se ter acesso ao Fundo da Redução da Pobreza Urbana, a prioridade é dada aos jovens desempregados, mães chefes de família e deficientes físicos, cujo financiamento abrange projectos com um custo de até 400 mil meticais.

Publicidade



Vagas

Vaga para Coordenador Administrativo

Estabelecida em Moçambique em Julho de 1990 A KPMG Auditores e Consultores, SA é a mais antiga firma de auditoria e consultoria a operar em Moçambique. A KPMG, pretende contratar para o seu quadro de pessoal, um **Coordenador Administrativo** cuja missão será a de coordenar todas as actividades do departamento de administração.

Responsabilidades:

- Manutenção do escritório;
- Coordenar a manutenção de viaturas;
- Coordenar os serviços de Aprovisionamento;
- Coordenar a gestão do PABX assim como arquivo.

Requisitos:

- Nível médio de escolaridade;
- Mínimo 7 anos de experiência nas áreas;
- Fluência em português e inglês;
- Domínio das ferramentas Microsoft Office;
- Capacidade de trabalhar e adaptar-se em ambientes multiculturais;
- Capacidade de relacionamento interpessoal muito forte;
- Espírito de iniciativa, pro-actividade, dinamismo e rigor;
- Capacidade de trabalhar sobre pressão;
- Nacionalidade Moçambicana.

A KPMG oferece:

- Integração numa empresa multinacional dinâmica;
- Remuneração compatível com a capacidade e experiência evidenciadas;
- Boas perspectivas de progressão de carreira;
- Boas condições de trabalho;
- Outras regalias em vigor na firma.

Os CVs em Português e/ou Inglês, detalhados e acompanhados de carta de candidatura e respectivos documentos comprovativos, devem ser enviados até ao dia **15 de Junho de 2011** para o seguinte endereço:

Edifício Hollard, Rua 1.233 nº 72 C - Maputo Telefone: 258 21 355 200 / 258 21 31 33 58, à atenção de Sandra Nhachale, ou através do seguinte e-mail: snhachale@kpmg.com

Mantém-se o máximo sigilo

© 2010 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.



cutting through complexity™

Segunda a Sábado 20h35

CORDEL ENCANTADO



Batoré retira Antônia à força do carro de Timóteo. Todos na igreja estranham a demora da noiva. Batoré atropela uma mulher na estrada para fugir de Inácio. Lílca ouve o coronel dizer que vai acabar com Jesuíno no dia do seu casamento. Benvinda implora que Herculano proteja seu filho de Timóteo. Inácio resgata Antônia, mas se desespera por não conseguir salvar a mulher que Batoré atropelou. Timóteo mente sobre Antônia para Augusto, Helena, Felipe e Dora. Lílca conta para Nicolau que o coronel pretende agir contra Jesuíno. Zenóbio fica incomodado com o jeito com que Florinda trata Petrus. Inácio promete cuidar dos filhos da mulher que Batoré atropelou. Úrsula conta o plano de Timóteo para Herculano. Miguézim consola Inácio. Batoré pede que Timóteo ajude-o a pegar Antônia. Úrsula ouve o plano de Augusto para impedir o casamento de Jesuíno e Açucena.

Timóteo decide ir atrás da irmã depois da ameaça de Batoré. Inácio tem um pesadelo e Antônia, Felipe e Helena o ajudam. Úrsula pede para Cesária convencer Augusto a desistir de impedir o casamento de Açucena. Batoré tenta invadir o palácio para levar Antônia. Inácio vai falar com Miguézim sobre seu sonho. Açucena fica intrigada com o jeito com que Augusto fala com ela. Zenóbio chora ao ver Petrus beijar o rosto de Florinda. Augusto diz a Cesária que só poderia ficar com ela se o povo de Seráfia a aceitasse. Petrus fica perturbado ao ver Florinda e Zenóbio juntos. Inácio decide doar tudo o que tem para um mendigo. Batoré ameaça romper com o acordo feito com Timóteo caso ele não se case com Antônia. Inácio afirma que ajudará os pobres e seguirá sua missão. Herculano revela a Zóio-Furado que pretende invadir a fazenda de Timóteo.

Segunda a Sábado 21h35

MORDE & ASSOPRA



Lílian se ofende com a desconfiança de Minerva e hesita em mostrar sua bolsa. Dulce insiste para o filho continuar trabalhando no café. Áureo conta para a mãe que pegou o anel para proteger Lílian. Alice ouve a mãe dizer que tem um segredo. Maria João e Xavier passam a noite trancados na cela e Marli vai à delegacia dar queixa do sumiço da sobrinha.

Lílian decide voltar a trabalhar na casa de Minerva para ficar perto de Alice. Salomé pede a Marcos que procure as plantas da casa de Ícaro. Áureo dá o anel da mãe para Celeste. Salomé visita a fazenda e tenta pegar Zariguim, mas cai em outra cilada de Tónica. Júlia vai atrás de Josué com Ícaro e pressiona o segurança a revelar por que está querendo prejudicá-la.

Herculano conta que Abner preservou o nome de Júlia quando denunciou Josué pelo incêndio. Josué insinua que tem costas quentes e Xavier revela para Júlia que viu o segurança conversando com Minerva antes e depois do incêndio. Naomi procura Cristiano no hotel e diz que quer falar com ele sobre Júlia. Áureo conversa com Abner e confessa que só está com Celeste para provocar ciúmes nele. Alice surge no café e

Segunda a Sábado 22h45

INSENSATO CORAÇÃO



Léo age friamente com Pedro, que perde a paciência com o irmão. Ismael mostra para Norma as fotos que tirou de Léo e Irene. Rafa culpa Cortez pela morte de Clarice. Raul e Pedro suspeitam de que Léo possa ser o responsável pela morte de Irene. Pedro tenta contar a verdade para Marina, mas ela não acredita nele. Pedro sai em busca de provas do atropelamento de Irene. Paula dá um carro para Eduardo e ele termina o namoro com ela. Kléber recebe informações sobre um esquema de superfaturamento de um hospital com a compra de medicamentos. Eduardo fica pensativo quando Alice comenta que há algo estranho no relacionamento dele com Paula. Olívia ajuda Kléber a publicar uma denúncia sobre o hospital em seu blog. Léo faz com que Eunice acredite que Pedro seja o culpado pela morte de Irene. Paula procura Eduardo e eles reatam o namoro. Vitória aconselha Marina a procurar Léo. Raul adia sua viagem com Carol. Léo finge se emocionar durante uma conversa com Marina. Carol fala com André que não irá mais viajar e ele lamenta por não poder passar a noite com Antônio.

Marina vai à Barão da Gamboa com Bibi. Beto confunde Alice com uma moça na boate. Rafa tenta conversar com Cecília, mas ela não aceita. Eunice fica abalada com uma conversa que tem com Leila. Vinícius beija Cecília. Marina repreende Raul por tentar falar com ela sobre Pedro. Norma se encontra com Ismael. Gilda não concorda que Oscar dê um carro para Vinícius. Serginho ouve Vinícius fazer um comentário suspeito sobre Teodoro e decide se reconciliar com Júlio. Pedro e Raul se emocionam no enterro de Irene. Ismael se encontra com Zulmira e descobre que a moça atropelada por Léo estava esperando um filho de Pedro. Bibi fala com Léo que Marina vai viajar. Kléber vê Roni e Douglas conversando e faz comentários preconceituosos. Sueli elogia Hugo para Eduardo. André repreende Beto por mentir para Alice. Serginho conta para Gilda os comentários feitos por Vinícius e ela fica preocupada. Eunice convence Júlio a voltar para casa. Léo diz a Marina que se sente atraído por ela.

Publicidade



JAZZ
DIRECTAMENTE DA ÁFRICA DO SUL
MARCUS WYATT QUARTET

AFRIKA MKHIZE JUSTIN BADENHORST PRINCE BULO

22h30 - ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE FERRO DE MOÇAMBIQUE

04 JUNHO '11
K A M P F U M O

Publicidade



Kizomba
FESTA DANÇANTE

3 Junho
A partir das
20 horas
✕
1 Aula de
Kizomba-20h30

Prof's Carlos e Sara
200 Mts*

* Desconto de 100mts (para alunos da Academia de Dança Pa'Ssa B'Ssica)

LOCAL: PARKE
(entrada pela Av Páco Tse Tung - Parque dos Continente)

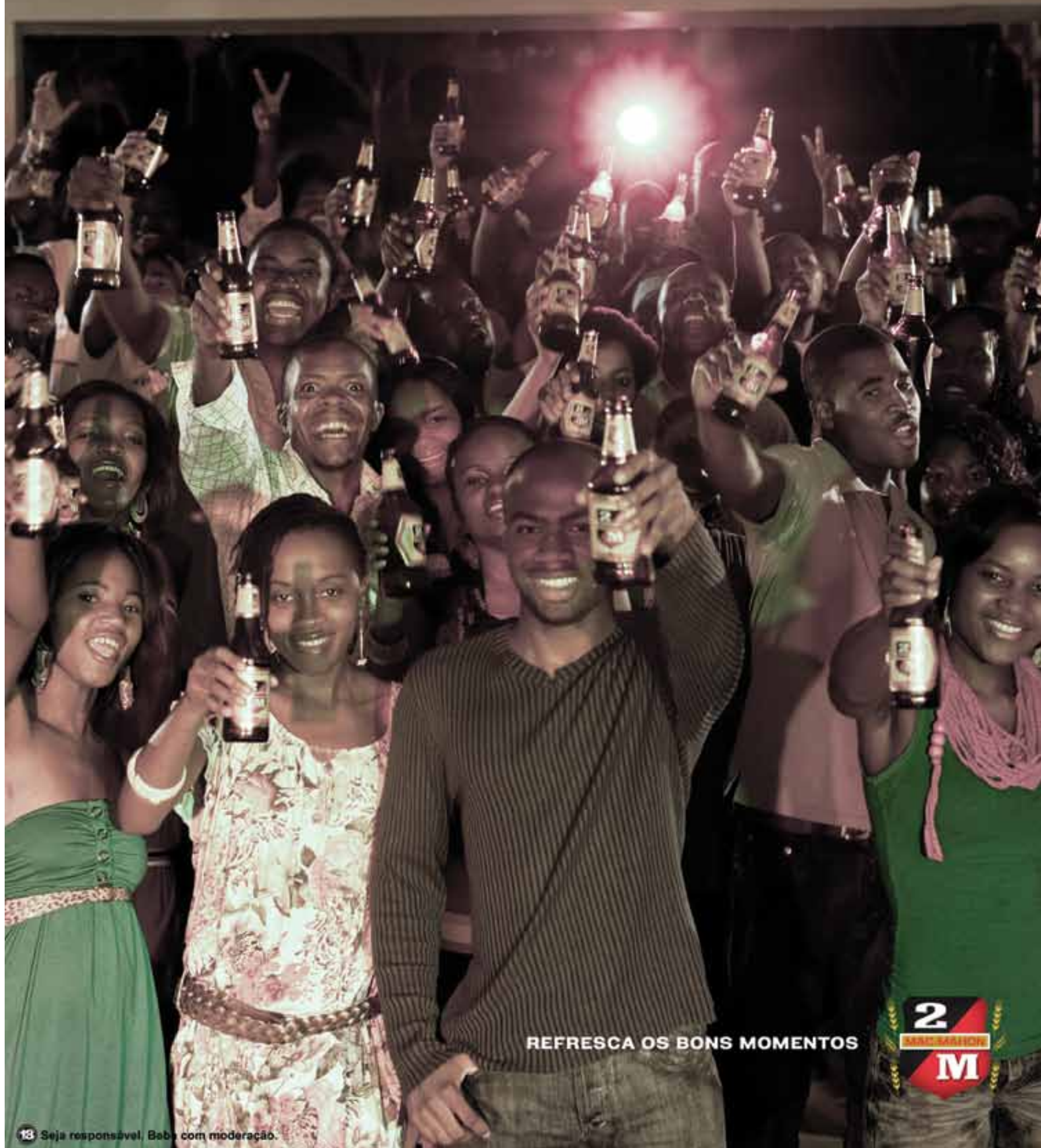
ORGANIZAÇÃO:  PARCERIA: 



WWW.CERVEJA2M.COM
FAZ O TEU TCHIM TCHIM NA INTERNET

TCHIM TCHIM

CADA MOMENTO DA TUA VIDA MERECE UM BRINDE



REFRESCA OS BONS MOMENTOS

2

MACMAHON

M

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

1150 corpos não reclamados por parentes, nos primeiros seis meses de 2010, foram sepultados na Vala comum do cemitério do Lhanguene.



Uma Vala (in)comum

É uma cova enorme no coração do cemitério que desperta a atenção. Há corpos sem vida. Por baixo deles encontram-se dezenas de outros corpos. Também há ossos. O ar é irrespirável, uma mistura de carne queimada e excrementos. Não sabe onde nos encontramos? Um coveiro disse-nos que estávamos na vala comum do cemitério de Lhanguene.

Texto: **Victor Bulande** • Foto: **Miguel Manguze**

Se sustentar uma pessoa desde a tenra idade até à fase adulta já é um bico-de-obra, o mesmo se pode dizer quando esta morre. Ou seja, não é barato levar um cadáver ao seu último descanso.

Quando uma família enfrenta dificuldades para realizar o enterro, os agentes funerários, tidos como “empresários da morte”, não se compadecem com a dor alheia, ou seja, quando não há dinheiro estes não prestam os serviços, daí o surgimento, de há uns tempos a esta parte, de um fenómeno um tanto ou quanto preocupante na nossa sociedade: o abandono de corpos nos hospitais e nas morgues.

Sempre que um corpo é abandonado, a responsabilidade recai sobre o Estado que, como já é do domínio público, não possui condições para fazer face a este novo fenómeno. Como solução o Estado introduziu o sistema de vala comum, método usado em muitos países para sepultar corpos não reclamados.

Na cidade de Maputo, a vala comum está localizada no Cemitério de Lhanguene, bairro Luís Cabral, e sob a responsabilidade do Conselho Municipal da Cidade de Maputo, como gestor dos cemitérios da capital do país.

Segundo dados do Conselho Municipal, são levados para aquele local em média 280 cadáveres por mês, constituídos maioritariamente por crianças com idades compreendidas entre os 0 e 12 anos. Os restos mortais são provenientes de quatro hospitais, nomea-

damente Hospital Central de Maputo, Hospital Geral de Mavalane, Hospital Geral José Macamo e Hospital Geral da Machava, este último localizado no município da Matola.

De acordo com Lucas Gulube, diretor-adjunto dos Serviços de Saúde e Salubridade do Conselho Municipal da Cidade de Maputo, este número tende a crescer devido ao que chama de “perda de valores” por parte da sociedade. “Antigamente, os corpos eram de mendigos e de vítimas de acidentes, mas ultimamente tem-se verificado um crescimento exponencial de corpos abandonados pelas famílias, o que não é habitual nem é permitido na nossa sociedade”.

O normal era que fossem levados à vala comum apenas os corpos não identificados ou abandonados nas morgues. Porém, ultimamente, as famílias têm abandonado os seus entes queridos ainda em vida, ou seja, levam-nos ao hospital e preenchem as fichas com nomes e moradas falsos como forma de dificultar ou impedir a sua localização para a realização das cerimónias fúnebres, no caso de o paciente perder a vida.

Antigamente os Serviços Sociais do Ministério da Saúde afectos às unidades sanitárias usavam os dados constantes nas fichas para localizar os responsáveis pelo paciente mas este novo modus operandi das famílias veio tornar este exercício difícil e, em muitos casos, impossível.

“O cenário é preocupante”

Alexandre Libombo é administrador do Cemitério de Lhanguene. Foi com este homem que tentámos compreender a dinâmica, o funcionamento da vala comum, a origem dos corpos, as causas de morte, bem como o sexo dos mortos.

O cenário que se vive na vala comum é bastante preocupante, diz Libombo. Sublinhou que, para além do elevado número de corpos que diariamente vão a enterrar na vala comum, o cemitério debate-se com sérios problemas de falta de espaço para abertura de mais valas.

Nos dias de hoje, para conseguir enterrar mais corpos, os gestores do cemitério são obrigados a abrir sepulturas nos mesmos lugares em que anteriormente estiveram abertas outras valas.

Diz Libombo que é uma vergonhosa realidade. E acrescenta, a forma como as coisas se apresentam não abre espaço para que aspectos morais sejam levados em conta.

É que por aquilo que é a exigência de uma vala comum, esta nunca podia ser aberta perto das campas ou em outro lugar onde as pessoas frequentam. Tinha que ser num lugar isolado porque a forma como aqueles corpos são levados para a sua última morada não é justa, razão pela qual não fica bem que as pessoas tenham que assistir a esta triste realidade. “O número de corpos por enterrar na vala comum está a subir cada dia que passa, e nós não temos mais espaço. O cemitério está cheio, e para garantir o depósito de outros corpos somos obrigados a exumar os antigos”, diz.

Os principais contribuintes são o Hospital Central de Maputo, os Hospitais Gerais de Mavalane, José Macamo e Machava, e ainda o Centro de Saúde de Bagamoyo.

Os casos de abandono de doentes registam-se frequentemente no Hospital Geral José Macamo.

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

“Não é pertinente haver um serviço funerário do município”

Perante este quadro negro, questionámos a Lucas Gulube se o município aventava a hipótese de criar um serviço funerário municipal para apoiar as famílias sem capacidade para custear as cerimónias fúnebres, tendo este dito que “neste momento esta ideia está fora de cogitação. O que se deve fazer é criar mecanismos de apoio às famílias para custear as cerimónias fúnebres. O município devia negociar com os agentes funerários para que estes fabriquem urnas mais baratas, tendo em conta a sua responsabilidade social. O que o município faz já é

identificados por meio de uma pulseira, o que não acontece no nosso país. Cá, os corpos são enterrados numa cova previamente aberta e a sua identificação é feita só no papel, ou seja, no caso de aparecer uma família a reclamar um corpo dado como abandonado não é possível exumar o corpo.

Porém, o município diz ter identificado um tipo de urna feita de papelão que poderá ser utilizado futuramente mas ela é fabricada no exterior, o que acarreta custos. Neste momento está-se em conversações com o empresário nacional para que este tipo de urna seja produzido localmente. Ainda não existe previsão para a implementação desta medida.

Pobreza ou perda de valores?

Para o Conselho Cristão de Moçambique (CCM), organização que congrega várias igrejas, a pobreza não pode ser vista como sendo o principal motivo do aumento de casos de abandono de corpos nos hospitais e nas morgues pois ela não é um fenómeno novo. Esta situação deve-se ao contexto urbano. “A vida da cidade altera os valores, a moral, e passa a reinar um espírito de sobrevivência onde cada um se preocupa com a sua vida. Há um rompimento com a ética, moral, o respeito, e a coesão social no seio da sociedade e a vala comum é uma manifestação da rotura desses valores, é a parte mais visível”.



Associação não está à leste do sofrimento dos cidadãos

A Associação das Agências Funerárias de Maputo (ASAFUM) disse que não está à leste do sofrimento por que muitos cidadãos têm passado quando confrontados com a morte de um ente querido. Contudo, disse o porta-voz da associação, Samuel Banze, nada podem fazer, uma vez que a produção de urnas tem custos que não podem ser contornados, a não ser que o Estado intervenha com um subsídio.

De acordo com Banze, o custo básico de uma urna é de 1 450 meticaís.

“Aqui, a margem de lucro é de 150 meticaís. É desse valor que os proprietários das casas funerárias devem pagar os seus trabalhadores, impostos e transporte da matéria-prima”, frisou.

Ainda de acordo com Banze, um metro quadrado de toro custa 900 meticaís. Isto é suficiente para a produção de quatro urnas básicas. Ao custo do toro devem ser adicionados os desperdícios no processo de serragem, e ainda os pregos, o verniz e outros acessórios. “São custos operacionais que as pessoas no momento de aflição ignoram, e atiram as culpas aos agentes funerários”, salientou.

“A morte não é como uma festa ou casamento, que as pessoas se preparam atempadamente; é uma coisa que acontece bruscamente, e, muitas vezes, encontra as pessoas desprevenidas. Somos humanos e entendemos isso, mas a alternativa seria fechar o nosso negócio”, disse Banze.

muito. Só em combustível, nós gastamos mais de 400 litros de diesel por semana”.

Para o Conselho Municipal, o valor pago pelas famílias pelo espaço, chapa de identificação, fixado em 75,00 meticaís, em nada contribui para as receitas pois não representa nem sequer metade das despesas com o pessoal, funcionamento e manutenção dos cemitérios.

O município passa, a partir deste ano, a licenciar as agências funerárias, o que, segundo Gulube, irá criar um espaço para o diálogo com os agentes funerários no sentido de estes olharem não só para o lucro mas também para a área social.

O que é a vala comum?

Vala comum é uma cova geralmente localizada nos cemitérios onde os cadáveres não identificados, em conjunto, e não reclamados, são enterrados sem recurso a nenhuma cerimónia. Normalmente, os mesmos não são registados nos locais onde são enterrados.

Como funciona?

Quando passa o tempo previsto para a conservação de um corpo (um mês) sem que tenha sido reclamado, as unidades sanitárias comunicam ao município da sua existência e este faz a recolha e leva-os à vala comum, onde é feita a inumação (acto de enterrar, sepultar). A recolha dos corpos é feita todas as quartas e sextas-feiras por uma viatura pertencente ao Conselho Municipal de Maputo.

Em muitos países os corpos são acondicionados em urnas individuais e



Custo mínimo de um funeral

Segundo dados fornecidos pela Associação das Agências Funerárias da Cidade de Maputo, para a realização de um funeral são necessários, no mínimo, cinco mil meticaís, o equivalente a mais de dois salários mínimos. Este valor não inclui os gastos com o transporte, alimentação e outras despesas da cerimónia fúnebre.

Eis a lista das despesas	
Descrição	Valor
Remoção do corpo da casa para a morgue	450,00 MT
Conservação do corpo (por dia)*	10,00
Caixão mais barato	2 000,00
Transporte para	
Cemitério de Lhangueue	400,00
Cemitério de Texlom	600,00
Chapa de identificação	75,00
*Quando o óbito ocorre no hospital, as primeiras 72 horas de conservação do corpo são gratuitas.	

Segundo Marcos Macamo, secretário-geral do CCM, as comunidades devem ter pessoas que lidem com estes aspectos, consciencializando e promovendo a união entre os residentes porque “esses valores estão a ser pressionados pela vida urbana”.

Para Macamo, uma das soluções para este problema seria anunciar, nas rádios e jornais, os nomes e a existência de corpos não reclamados nas morgues de forma que os familiares ou pessoas de boa-fé possam proporcionar um enterro condigno aos finados e deixarmos de nos refugiar na pobreza.

Macamo acrescentou ainda que o município não pode, sem apoio, responsabilizar-se pelos corpos abandonados, o que este deve fazer é humanizar o serviço, dialogando com as comunidades e trabalhando com as organizações humanitárias. Outra solução apontada pelo secretário-geral da CCM é a introdução de uma taxa

para a realização destes serviços, à semelhança do que acontece com a recolha de lixo e a taxa de rádio. “Mas na impossibilidade de adoptar essas ideias, o município podia introduzir o serviço de cremação, pois, para além de dar dignidade à pessoa, poupa espaço”, concluiu Macamo.

Cansaram-se de reclamar

O local onde se encontra a vala comum, nas traseiras do Cemitério de Lhangueue, para além de ser inadequado para aquele tipo de serviço, obriga a que os moradores do bairro Luís Cabral tenham de conviver com o cheiro nauseabundo que os cadáveres exalam quando entram em decomposição. Os moradores por nós ouvidos foram unânimes em afirmar que o município está a par das suas preocupações mas nada faz para as resolver.

A cova que é usada como vala comum está a menos de 20 (vinte) metros da área residencial e sem nenhuma vedação, embora o município tenha erguido um muro à sua volta.

Maria Machava, residente daquele bairro, diz que o município tem conhecimento das preocupações dos moradores, pois, vezes sem conta, estes já se manifestaram contra a continuidade da deposição de corpos naquele espaço devido ao cheiro, por um lado, e à hora em que são feitos os trabalhos (de dia). “Hoje em dia o município traz lixo e despeja-o mesmo em frente das nossas casas como se a nossa saúde não significasse nada para eles”.

“Pedimos que eles realizassem os en-

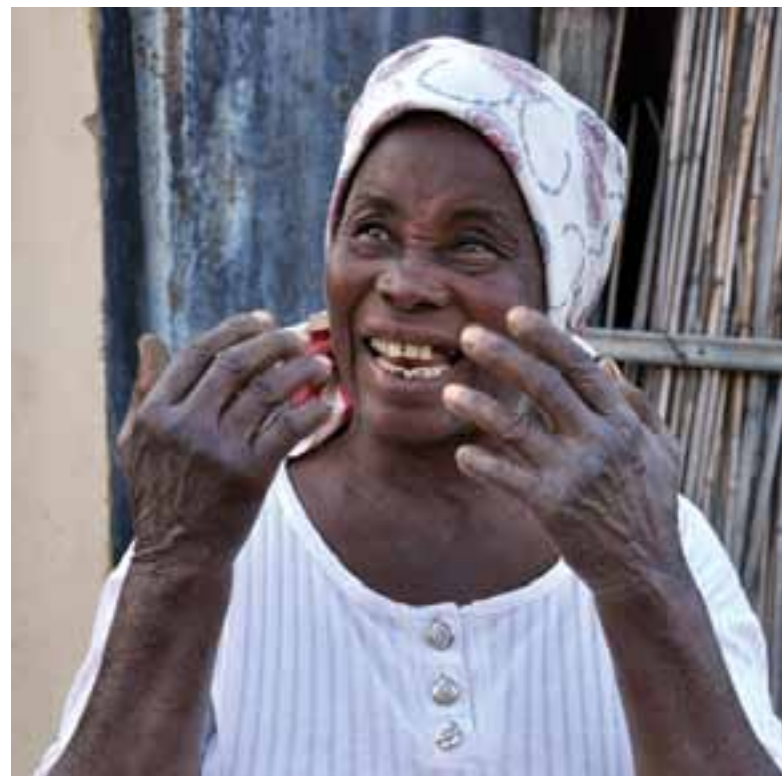
terros na vala comum de noite porque isso evitaria que as crianças presenciassem aquele acto, mas o município fez ouvidos de mercador e continua a fazer os trabalhos de dia. As crianças já conhecem o carro da vala comum e quando o vêem seguem-no e, nalgumas vezes, chegam a assistir aos homens do município a deitar os corpos, elas já não têm medo”, concluiu.

Por seu turno, Verónica Inguane, também moradora no mesmo bairro, diz que o principal nó de estrangulamento para os residentes daquele bairro é o cheiro insuportável que é exalado pelos cadáveres.

“Por mais que trabalhem de noite o cheiro vai continuar. Não sabemos se tapam mal os corpos ou não. Há dias em que o carro chega durante a hora do almoço e isso abriga-nos a interromper a refeição até que eles terminem”, disse Verónica.

Outro cidadão que falou à nossa equipa de reportagem foi Armando João*. Este diz que os moradores já estão cansados de reclamar e isso já levou algumas pessoas à cadeia porque, segundo ele, o Estado tem o monopólio do uso da força.

Para Manuel, só o facto de o carro passar por aquela zona durante o dia já é errado, para além do cheiro que os corpos provocam. “Sempre que o carro transportando os corpos chega temos que esconder as crianças porque as pessoas que fazem aquele trabalho não têm moral, mesmo vendo os petizes a brincar nas imediações da vala não as expulsam”.



COLO

O futuro que os moçambicanos idealizam,



Moçambique é um país em crescimento. Por todo lado, surgem novas oportunidades. De um nasce a ideia. E do financiamento dos projectos nascem escolas que fazem falta. Quando se financiamos, estamos a criar o futuro. Estamos no momento mais especial da nossa história: o agora. As soluções para os desafios do amanhã.

Pintura de Nelia, esta deseja que as crianças do seu país tenham acesso a uma educação de qualidade.

a insitec ajuda a realizar.

espaço nasce a oportunidade, da mesma forma que da vontade
ia projectos de interesse nacional, o futuro de Moçambique nasce.
anhã, têm de acontecer hoje.



O futuro é agora

Desigualdades diminuem diante das enfermidades

O mundo assiste a uma mudança na distribuição geográfica das enfermidades.

Texto: Gustavo Capdevila/ IPS • Foto: LUSA



Tradicionalmente, as doenças infecciosas, causadoras de grande mortalidade de mães e crianças, afectavam os países pobres, e as não transmissíveis como diabetes, doenças cardíacas e cancro, os países ricos. As últimas estatísticas divulgadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstram que agora já não importa tanto o nível de renda das nações, pois todas devem enfrentar o peso das duas variedades de doenças.

“Com frequência tínhamos a tendência de identificar as doenças não transmissíveis como os males da opulência, limitadas, portanto, aos países de alta renda”, disse à IPS o director de Estatísticas da Saúde e de Sistemas de Informação da OMS, Ties Boerma. As mudanças ocorridas no envelhecimento da população, as melhorias proporcionadas pelos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), as variantes

na fertilidade e outros factores indicam que compete aos países em desenvolvimento combater as doenças não transmissíveis, afirmou.

Boerma alertou que o fenómeno começou nas áreas urbanas das nações em desenvolvimento, entre as suas populações mais educadas, mas já se expande com rapidez. Esta é a conclusão fundamental que os especialistas da OMS tiram da análise das estatísticas mundiais de saúde publicadas em 2011 e apresentadas no dia 13 de Maio. O estudo confirma que os progressos foram importantes para melhorar os principais indicadores de saúde, lutar contra a pobreza e a indigência, para a igualdade de género, educação e outros aspectos sociais incluídos nos oito ODM – o plano idealizado em 2000 pelos Governos da Organização das Nações Unidas (ONU) com metas até 2015

–, disse Boerma.

Nos últimos dez anos, o ritmo de melhoria nos índices de mortalidade infantil e materna, um dos ODM, duplicou o sucesso conseguido na década anterior, a de 1990. Muitos países ainda estão atrasados, às vezes marcando passo, e, portanto, será preciso um enorme esforço nos próximos cinco anos para alcançar as Metas do Milénio, reconheceu Boerma, ressaltando que os progressos aumentam o ritmo.

No caso da mortalidade infantil, apenas chegou-se à metade da pauta estabelecida pelos ODM, enquanto na mortalidade materna chega a apenas um terço da meta, disse o especialista da OMS. A situação da mortalidade infantil voltará a ser avaliada em Setembro, quando a OMS e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) atualizarem os da-

dos. Presentemente, continuamos com o índice de 8,1 milhão de meninos e meninas com menos de cinco anos mortos em 2009, acrescentou Boerma. Em 1990, esse número chegava a 12,4 milhões de mortes entre crianças nessa faixa etária.

Boerma comentou o caso de Cuba, país que não é muito rico, mas que investe consideravelmente na saúde e de maneira muito equitativa, o que faz com que toda a população tenha acesso gratuito aos serviços médicos. Assim, Cuba apresenta altos índices em relação à expectativa de vida, tem baixa mortalidade infantil e apresenta alta cobertura de intervenção. Portanto, obtém muito retorno em saúde, resumiu.

Por outro lado, o estudo da OMS ressalta que a expectativa de vida da população mundial passou de 64 anos, em 1990, para 68, actualmente. Nos países mais pobres, este índice cai para 56 anos, enquanto nas nações de alta renda chega aos 80 anos. Índia e China estão actualmente entre os países de renda média alta. As mulheres superam, em média, em cinco anos a expectativa de vida dos homens. Essa diferença variou entre quatro e cinco nas últimas duas décadas.

Os números apresentados pela OMS mostram que existem enormes diferenças entre o gasto com saúde dos países de baixa renda, que é, em média, de 32 dólares por pessoa, e os 400 investidos no mesmo item e mesmo período pelas nações ricas.

Caro leitor

Pergunta à Tina... Olá Tina, estou com cólicas, ajude-me.

Olá pessoal! Hoje a coluna tem como tema uma questão que atormenta várias mulheres mensalmente, as cólicas menstruais. A maioria das mulheres sofre algum tipo de dor menstrual durante a sua vida. O termo médico para as dores menstruais é dismenorreia. A dor causada pela menstruação pode ser sentida na região inferior do abdómen, mas também pode espalhar-se para as costas e coxas. A dor menstrual é um problema muito comum. Alguns estudos sugerem que em 20% das mulheres, a dor é tão forte que as impede de executarem as suas actividades do dia-a-dia. Na maioria dos casos, a dor menstrual é um efeito secundário do processo. Na maioria dos casos, a dor menstrual é um efeito secundário do processo natural de menstruação do organismo. No entanto, em alguns casos, as dores menstruais podem ser o resultado de um problema médico. As dores menstruais podem geralmente ser tratadas em casa. Embora não se possa conseguir eliminar totalmente a dor, existem medidas para a aliviar ou reduzi-la. Exercício, aplicação de calor no abdómen, chás e banhos quentes podem ajudar a diminuir a dor. Massagens e técnicas de relaxamento também podem ajudar. No entanto, no caso de dores fortes, a mulher poderá ter de consultar o ginecologista. Então amigas, nada de tomarmos comprimidos sem prescrição médica mesmo que seja para uma simples cólica menstrual. Cuidem-se para que possamos ter uma vida saudável de forma regular. Aguardo por mais dúvidas e comentários vossos.

Envie-me uma mensagem

através de um sms para

821115 ou 8415152

E-mail: averdademz@gmail.com

Olá Tina, estou com cólicas, mas não estou com o período, falta muito tempo. Estou mal, ajude-me.

Olá minha querida! Dá próxima, não te esqueças de escrever a tua idade. Olha, apesar de faltar algum tempo para poderes ver o sangramento, não quer dizer que não possas sentir as dores no baixo-ventre que chamamos de cólicas (dismenorréia). Elas geralmente aparecem algumas dias antes ou podem mesmo coincidir com a menstruação, a dor pode ser leve, moderada ou intensa. Fica descansada que isso é um sintoma comum do período menstrual, não é uma doença, não existe cura, mas, sim, tratamentos que ajudam a aliviar a dor. Mas aconselhamos-te a marcares uma consulta com o ginecologista para que ele possa avaliar-te e assim descartar até a existência de alguma anomalia nos teus órgãos reprodutores. O médico poderá dar-te algumas sugestões de analgésicos, chás, infusões e até mesmo posições que podem auxiliar durante o período em que as dores estiverem intensas. Não tomes medicamentos sem antes consultares o médico. Procura cuidar-te antes de mais nada.

Alô Tina! Sou um jovem de 22 anos, tenho namorada e está tudo bem entre nós... Mas tenho uma colega que quando estou perto dela fico todo excitado e, num simples toque dela em mim, o meu biquíni fica molhado (mas não de xixi), às vezes até as calças... Coisa que nunca me acontece em relação à minha namorada. Isso é normal? O que faço?

Olá. Seria interessante se eu soubesse há quantos anos vocês estão a namorar, mas podemos analisar essa situação por duas ou mais vertentes: primeiro a parte sexual do casal, a satisfação sexual é fundamental num relacionamento, será que a vossa vida sexual ainda é a mesma coisa de antes? Por vezes, temos fantasias sexuais que por alguns motivos não realizamos com a(o) nossa(o) namorada(o), a falta de diálogo e o medo de expormos os nossos desejos leva muitas vezes a olharmos a traição como sendo a única forma de a satisfazermos. Nunca tenhas medo de partilhar as tuas fantasias sexuais com a tua namorada. Por outro lado, pode ser que o desejo ou o sentimento por ela esteja a diminuir. Já paraste para pensar se realmente o sentimento que tinhas por ela no início da relação aumentou ou diminuiu? Tenta reflectir, para poderes identificar os prováveis motivos dessa reacção e o que a pessoa pela qual tens sentido essa atracção representa para ti. Faz isso o quanto antes, para que não corras o risco de magoar e até desrespeitar a tua parceira. Não te esqueças de usar o preservativo em todas as relações sexuais que tiveres, é a forma mais segura para te protegeres das doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas. Espero que saibas que andar fora é maningue arriscado!

Como frequentemente há um período de muitos anos entre o momento em que as pessoas começam a fumar e o momento em que isso afeta sua saúde, a epidemia de doenças e mortes relacionadas ao tabagismo apenas começou, disse a OMS. Mas até 2030 é possível que o número de mortes por ano chegue a 8 milhões. A organização para saúde da Organização das Nações Unidas (ONU) fez um apelo a governos para que assinem e implementem seu tratado de controle do tabaco.

A OMS alertou ainda que, se as tendências atuais se mantiverem, o tabaco pode causar até 1 bilhão de mortes no século 21, um aumento dramático em relação ao século passado, quando causou 100 milhões de mortes. Até agora 172 países e a União Europeia firmaram a Convenção para o Controle de Tabaco (FCTC) da OMS, que entrou em vigor em 2005 e obriga os países a tomar medidas ao longo do tempo para reduzir o índice de tabagismo, limitar a exposição de não fumantes à fumaça, o chamado fumo passivo, e limitar a publicidade e promoção de cigarros.

A OMS assinalou algumas medidas recentes encorajadoras: o Uruguai hoje impõe que



80 por cento da superfície dos maços de cigarros seja coberta por advertências sobre os riscos à saúde, como fez o Brasil há anos, e a China proibiu no mês passado o fumo em locais públicos, como restaurantes e bares. Mas a organização disse que é preciso que seja feito mais para que a FCTC alcance seu potencial pleno como “a mais poderosa ferramenta de controle do tabaco”.

O tabaco mata até metade de seus usuários e é descrito pela OMS como “uma das maiores ameaças à saúde pública que o mundo já enfrentou”. O fumo causa câncer do pul-

mão, que frequentemente é fatal, e outras doenças respiratórias crônicas. Também é um importante fator de risco para doenças cardiovasculares, a maior causa de morte no mundo.

A OMS disse que o fumo é um dos maiores factores que contribuem para uma epidemia mundial de doenças crônicas, como ataques cardíacos, derrames cerebrais, câncer e enfisema, que respondem por 63 por cento de todas as mortes no mundo, quase 80 por cento das quais ocorrem em países mais pobres.

Comemora-se no dia 5 de Junho o Dia Internacional do Meio Ambiente. Hoje, os maiores problemas ambientais do país estão directa e indirectamente relacionados com os grandes projectos nos sectores de mineração, petróleo, florestas, barragens, grandes plantações de monoculturas, usurpação de terra, agro-negócio e erosão, com a sua exploração intensiva e insustentável dos recursos naturais.

Tornados devastam EUA

Nada menos do que 12 Estados norte-americanos sofreram baixas desde o fim de Fevereiro, época na qual os primeiros tornados do ano começaram a aparecer. No domingo, dia 22, ventos de até 300 km/h arrasaram a cidade de Joplin, no Missouri, deixando a impressão de que casas, árvores e carros foram simplesmente triturados e lançados em todas as direcções.

Texto: Adaptado Revista ISTOÉ • Foto: Lusa



Os esforços agora são para reduzir a lista de pessoas reportadas como desaparecidas, que chega a 232. Outro episódio dramático ocorreu no dia 27 de Abril nas cidades de Hackleburg, Phil Campbell, Tuscaloosa e Birmingham, todas no Alabama. Com isso,

o número de mortos chegou a 504 na quinta-feira, dia 26. A tragédia só é superada, e por pouco, pelos eventos ocorridos durante o ano de 1953, quando 519 pessoas perderam as suas vidas, a maioria na cidade de Waco, no Texas.

Os eventos concentraram-se no sudeste do país, uma das duas zonas conhecidas como “corredores de tornados”. A outra região, que inclui alguns Estados do norte, costuma ter a própria temporada – embora mais branda – entre os meses de Junho e Agosto.

Portanto, é possível que as baixas ultrapassem as de há 58 anos e só fiquem atrás dos eventos de 1925, quando uma série de redemoinhos atingiu os Estados do Missouri, Illinois e Indiana. Apenas um deles matou 695 pessoas.

Os tempos, no entanto, eram outros. “Antes dos anos 1920, a probabilidade de ser morto por um desses fenómenos da natureza nos EUA era de uma em quinhentas mil. Hoje, esse número já é de um em cinco milhões”, afirma o meteorologista da Somar Meteorologia, Willians Bini.

De facto, o incremento da tecnologia antidesastres permitiu que os EUA ficassem quase quatro décadas abaixo da marca de 130 mortes anuais. Em 2010, para se ter uma ideia, 45 pessoas perderam a vida em tragédias desse tipo. Um número animador, quando comparado com o cenário actual.

O aumento na intensidade dos tornados pode levantar a suspeita de que o aquecimento global seja um dos vilões da história. Mas os especialistas dizem que ainda é cedo para esse tipo de conclusão e que o fenómeno conhecido como La Nina é um dos responsáveis pela tragédia.

“É prematuro afirmar que as mudanças climáticas tenham alguma influência. É comum a variação brusca de intensidade de um ano para o outro nesses casos.

Provavelmente, as causas reais só poderão ser apontadas daqui a muito tempo”, diz o meteorologista do Instituto de Pesquisas Me-

teorológicas da Universidade Estadual Paulista, Fernando Tavares.

A imprevisibilidade dos tornados não é um empecilho só para os pesquisadores. É também o principal agravante do fenómeno. “Os EUA podem estar na vanguarda da tecnologia” mas não irão conseguir prever quando e onde esses fenómenos se vão formar.

Os tornados não são como furacões, que seguem um longo caminho desde o oceano. Eles formam-se já em terra e por isso podem aparecer de uma hora para a outra” compara Bini.

A saída que os americanos encontraram foi pecar pelo excesso. “O que os cientistas fazem é monitorar as áreas propícias a esse fenómeno e assim que vêem uma formação susceptível, emitem um alerta” explica o pesquisador. “Mas, em média, 75% acabam em falsos alarmes”, completa.

Para a desgraça dos EUA, outro factor pode ter contribuído para elevar o número de óbitos: a crise económica na qual o país mergulhou nos últimos dois anos.

De acordo com o Centro de Previsões de Tempestades dos EUA (SPC, na sigla em inglês), das 210 pessoas mortas por tornados este ano que tinham localização conhecida, 119 viviam em trailers.

A moradia móvel é uma conhecida alternativa americana a quem teve de deixar a casa em consequência das dívidas. Outras 67 vítimas estavam nas suas casas ao morrerem e quase 300 nem sequer tinham paradeiro conhecido.

Mais uma amostra do poder devastador desses gigantes de vento e prova de que, por mais poderosa que seja, nenhuma nação está livre da fúria da natureza.

Oxfam avisa que preços dos alimentos “vão duplicar até 2030”

Os preços dos alimentos considerados essenciais vão duplicar nos próximos 20 anos, avisou ontem a organização Oxfam no seu relatório

Texto: Redação e Agências

“Growing a Better Future”. As alterações climáticas são uma das maiores causas. Metade do aumento do preço dos cereais será causado pelas alterações climáticas, prevê a Oxfam, organização que aproveita para apelar aos líderes mundiais para melhorarem a regulamentação do mercado e investir num fundo climático global. “O sistema alimentar deve ser revisto se quisermos ultrapassar os desafios cada vez maiores das alterações climáticas, aumento de preços e escassez de solos, água e energia”, comentou Barbara Stocking, directora-executiva da organização, citada pela BBC.

De momento, há quatro regiões do planeta onde as dificuldades em alimentar as populações já se sentem com maior gravidade: Guatemala, Índia, Azerbaijão e África Oriental, de acordo com o relatório da Oxfam.

“Uma em cada sete pessoas no planeta passa fome todos os dias, independentemente da capacidade do planeta em alimentar todas as pessoas”, acrescentou Stocking. No topo da lista dos factores que levaram a este cenário, a organização coloca as alterações climáticas e apela à criação de um fundo climático global para “que as pessoas se possam proteger dos impactos do aquecimento global e que possam cultivar os alimentos de que precisam”.

CARTOON





Moçambola mais equilibrado

A 12ª tentativa alguém logrou parar o Maxaquene. Neste caso, um sensacional Chingale de Tete, capatulado para o grupo de terceiros classificados por obra e graça de Sérgio Faife. Augusto Matine agradece, ele que prefere a vice-liderança isolada e com distância cada vez mais curta para o topo. Ainda assim, dois pontos à maior pelos tricolores.

Augusto Matine, transformou-se um figura central da jornada, a 12a do Moçambola 2011. Pelo futebol que o seu Desportivo apresenta e pela forma como impôs um derrota ao locomotivas no seu reduto. Zainadine, terceiro golo na competição, restabeleceu a igualdade na segunda parte. O Ferrovário sem a clarividência de outras ocasiões na Machava. Nando, um fantasista, saltou do banco

para garantir um triunfo que se aceita.

A Liga Muçulmana, que venceu, o Sporting segue no terceiro lugar, com mais dois pontos do que o Chingale de Tete. Num duelo entre David e Golias, a história da não se repetiu e os beirenses caíram com estrondo (3-1). O equilíbrio tem sido a principal nota na tabela classificativa do Moçambola. Entre o 5o e o 10o, dois singelos pontos de diferença. Por sinal, o HCB de Songo é uma equipa no patamar dos 17 pontos. O Incomáti e o Costa do Sol são as outras.

Cá em baixo, o Sporting (12 pontos) só está à frente do Matchedje e Atlético Muçulmano (9 pontos). Um escalão mais em cima (13 pontos) está o Fer-

roviário de Nampula que até já mudou de treinador. O Costa do Sol voltou a comprovar a sua irregularidade. Encontrou uma equipa praticamente intratável, é certo, mas há algo mais a explicar a este sobe-e-desce constante dos canarinhos. Falta de sorte e ansiedade, por exemplo.

A 12ª jornada começou com duelo numa das zonas turísticas de Moçambique, resultando num triunfo que permitiu ao Vilankulos alcançar o Ferrovário de Maputo. Segui-se mais um triunfo do Desportivo, um projecto sustentado, agora nas mãos de Augusto Matine. No domingo, para lá da batalha vencida pelo Chingale frente ao Maxaquene, registo para as vitórias da Liga Muçulmana, Incomáti, Ferrovário de Nampula.

Desportivo quer o primeiro lugar

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguzeu

Se algum dramaturgo decide levar ao teatro actos de loucura, aqueles delírios com os quais um grupo de miúdos disputa uma partida de futebol, seria aconselhável que desse uma vista de olhos ao jogo entre o Ferrovário de Maputo e o Desportivo, um espectáculo fantástico, de alta voltagem, que teve de tudo e finalmente coroou os alvi-negros.

Os pupilos de Augusto Matinejá “meteram” a quinta mudança e vão tirando do caminho os obstáculos que encontram pela frente. Só falta o Maxaquene. Ainda há muito campeonato, é certo, mas o Ferrovário vai perdendo a carruagem da frente, aquela que dá direito a lutar pelo título. Ainda assim, esperava-se que os locomotivas quisessem manter a invencibilidade no seu reduto com o adorno importante de uma exibição de qualidade.

Verdade que o adversário bem cedo mostrou não estar ali para colaborar com estatísticas ou ser comparsa de uma qualquer festa. Realmente, o Desportivo posicionou-se no terreno de forma a jogar no meio-campo defensivo dos locomotivas, a não permitir circulação de bola e a manter sobre Whisky e Valdo todos os olhos do mundo, não fosse um erro de Zainadine Júnior a permitir que Buramo inaugurasse o marcador. O defesa alvi-negro não controlou um passe de Leonel, e Buramo, contra a corrente do jogo, ganhou a bola e partiu veloz para área onde bateu um desamparado Leonel.

Mesmo com o golo locomotiva, os alvi-negros tinham prometido não “embarcar” no estilo do adversário e

muito menos aceitar que fossem estes a marcar o ritmo do jogo. Mas depois não cumpriram até ao soar do “gong” do primeiro tempo.

E porquê? Fundamentalmente porque o Ferrovário, abdicando mais ou menos conscientemente de contra-atacar (quanto mais atacar...), se aplicava no rigor de marcações e sempre com mais homens no meio-campo, prontos para acudir onde fosse necessário. Enfim, num quatro 4-5-1 claro esbarrava o maleável 4-4-2alvi-negro, com as consequências naturais de não conseguir criar zonas de passe e espaços vazios por onde pudessem surgir as desmarcações de Tico-Tico.

Foram os tais 45 minutos de muita emotividade que a vantagem locomotiva espelhava às mil maravilhas.

E o segundo tempo seguir-lhe-ia as pisadas, apenas com uma diferença: dois socos (leia-se golos) no marasma colectivo. Golos válidos, bonitos até, e resultantes do envolvimento colectivo, isto é, realçando a qualidade dos artistas dos alvi-negros: Zainadine deu o que tirou: marcou um golão e esteve no início da jogada do segundo golo, apontado por Nando.

Quanto ao resto, isto é, aos outros minutinhos, não conseguiram, embora com outra emoção a envolver as bancadas mal compostas de público, escapar à tónica da mediocridade qualitativa, aqui e além pintalgada com algumas entradas à margem das regras, mas às quais o árbitro não deu o devido “valor”.

A vitória do Desportivo – importante por mantê-lo na luta pelo primeiro lugar – acaba, no entanto, por dar o braço à moral do jogo. Foi, sem dúvida, o conjunto que mais atacou, que mais situações de perigo ensaiou. Porém, que menos tempo teve a bola nos pés. Claro que essa posse foi consentida pelo Ferrovário que não procurou – como era lógico pensar – apanhar os visitantes em contrapé. Talvez por isso, quando Buramo inaugurou o marcador, depois do erro de Zainadine, se tivesse pensado que o futebol não tinha moral! Por outras palavras, o Ferrovário nada tinha feito até então para justificar um golo. E, curiosamente, também nada mais fez depois de o ter obtido. Muita pressão, muita genica, tudo isso importante mas insuficiente para retrair Zainadine de mostrar, outra vez, o seu talento na ala direita, restabelecendo a igualdade no marcador com o golo que deu o mote, aos 83 minutos, à cambalhota no marcador.

A CAMINHO DOS JOGOS AFRICANOS SEM A GINÁSTICA

A ginástica é uma das modalidades que menos tradição tem em Moçambique. Só em 2004 é que voltou a ser praticada em termos associativos e massivos. No desporto escolar, existem vários núcleos que se agrupam em oito associações provinciais e movimentam pelo menos três milhares de praticantes. Não é uma modalidade que exija grandes investimentos, sendo que a nível escolar se pratica o salto acrobático à corda, que necessita apenas de uma corda. É certo que também são necessários outros meios, para categorias específicas, como o trampolim para o salto, o cavalo com alças, as barras paralelas, as barras fixas ou mesmo as argolas. Mas comparativamente aos investimentos necessários em outras modalidades a ginástica não é a mais dispendiosa, portanto, as razões que ditaram a sua exclusão dos 10ªs Jogos Africanos são duvidosas.

O Comité Executivo do Conselho Supremo de Desportos em África (SCSA), na altura da exclusão, justificou-se alegando a inexistência de condições para a prática da ginástica. Contudo, o secretário - geral (SG) da Federação de Ginástica de Moçambique, Paulo Tiberio Saveca, afirma não haver recebido ainda nenhuma informação oficial sobre esta exclusão. Segundo Saveca, Moçambique teria condições para incluir a ginástica nos Jogos até porque o estágio da modalidade em termos gerais não difere muito de outras que estarão na ribalta dos Jogos. O potencial de ter a modalidade nos Jogos iria servir também a para a sua massificação, e a perspectiva de investimentos nos meios técnicos deixaria sem dúvidas um legado para os actuais e futuros ginastas moçambicanos.

Habituaados a fazer ginásticas, que é como a modalidade tem sobrevivido até os dias de hoje, os membros da Federação não atiram a toalha ao chão e garantem a continuidade do seu trabalho. A meta é, em dois anos, a modalidade passar a ter muito mais competição, para além do nível escolar.

Sem a ginástica o que irá deslumbrar nos Jogos?

Quem presenciou a inauguração do estádio do Zimpeto, ao vivo ou pela televisão, terá reparado num grupo de crianças que, a determinado momento da cerimónia, se fez ao relvado para executar alguns números de ginástica artística. O que assistimos foi desolador. Sem preparação nenhuma, os meninos e meninas que ali se apresentaram estiveram descompassados, sem ritmo nenhum e as coreografias não aconteceram. Seguramente que não eram praticantes de ginástica.

Porque não foram seleccionados praticantes de ginástica para aquela cerimónia? A esta altura já ninguém assume a responsabilidade de haver recrutado estas crianças apenas porque residiam próximo ao estádio. Segundo os organizadores, não havia meios para trazer crianças melhor preparadas. Paulo Saveca confidenciou-nos que a Federação de ginástica até foi convidada a trabalhar com a organização desse evento mas, no último momento, foram evocadas as habituais faltas de condições. Que condições eram essas? Transporte – de/ e para o estádio – e apoio alimentar apenas. O SG da Federação de Ginástica de Moçambique acrescentou que para as cerimónias, de abertura e encerramento, dos 10ªs Jogos nada está a acontecer envolvendo os ginastas moçambicanos.

Diga-se que a ginástica é uma das mais belas modalidades olímpicas. Deslumbra vermos as coreografias perfeitas e coloridas que são executados em muitos eventos desportivos por esse mundo fora. A exclusão desta modalidade nos Jogos não só vai tirar beleza, mas ainda a possibilidade de massificação de uma modalidade que tão bem faz à saúde.

Escrito por Adérito Caldeira



O leitor acredita que até ao dia 3 de Setembro todas as infra-estruturas estarão prontas para os Jogos Africanos?

Envie-nos um SMS para 821115 ou um tweet para @verdademz

Publicidade

Os melhores de sempre

Agora em livro

350 M€

XITOLO ONLINE

Vá as compras sem sair de casa

Cidade Maputo

Adquira este produto. Ligue para 84 39 98 625

Nós entregamos em poucas horas.Você paga na entrega.

Resultados 12ª Jornada					MELHORES MARCADORES
Fer. Maputo	1	x	2	Desportivo	
Fer. Nampula	1	x	0	HCB Songo	
Sporting	1	x	3	Liga Muçulmana	
A. Muçulmano	0	x	1	Incomáti	
Vilankulo FC	2	x	1	Costa do Sol	
Matchedje	0	x	0	Fer. Beira	
Chingale	2	x	0	Maxaquene	
Próxima Jornada (13ª)					
Estádio N. do Zimpeto	15.00	Desportivo	x	Maxaquene	
Estádio da Machava	15.00	Fer. Maputo	x	Fer. Nampula	
Campo do HCB	15.00	HCB Songo	x	Sporting	
Campo do Xinavane	15.00	Incomáti	x	Vilankulo FC	
Campo do C. do Sol	15:00	Costa do Sol	x	Matchedje	
Campo do Fer. Beira	15:00	Fer. Beira	x	Chingale	
3 GOLOS: Luís (Fer. Maputo); Hagy (Chingale); Betinho (Maxaquene); Paíto (Incomáti); Edmundo (Fer. Nampula); Zainadine Jr (Desportivo); Jerry (Liga) e David (Costa do Sol).					

Classificação MOÇAMBOLA							
		J	V	E	D	B	P
1º	Maxaquene	12	07	04	1	17-5	25
2º	Desportivo	12	07	02	03	12-7	23
3º	Liga Muçulmana	12	06	03	03	14-7	22
4º	Chingale	12	05	04	02	9-6	20
5º	Costa do Sol	12	05	02	05	12-14	17
6º	HCB Songo	12	04	05	03	6-6	17
7º	Incomáti	12	05	02	05	8-10	17
8º	Fer. Maputo	12	04	03	05	14-16	15
9º	Vilankulo FC	12	04	03	05	13-12	15
10º	Fer. Beira	12	03	06	03	6-4	15
11º	Fer. Nampula	12	04	01	07	17-18	13
12º	Sporting	12	03	02	06	7-14	12
13º	Matchedje	12	02	03	07	10-18	09
14º	Atlético	12	02	03	07	9-16	09

Apuramento para o Campeonato Africano das Nações 2012, selecção moçambicana de futebol defronta este sábado a sua congénere da Zâmbia em partida da 3ª jornada do Grupo "C", só a vitória interessa aos mambas para garantir a sua qualificação.

DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115

Liga dos Campeões Europeus: liderados por Messi, futebol arte do Barça bate Manchester United na final

O futebol arte foi premiado no passado sábado (28), no mítico estádio da Wembley, em Londres. Comandado pelo melhor artista da bola do mundo, o argentino Lionel Messi, que marcou o segundo golo e fez a jogada que originou o terceiro, o Barcelona venceu o Manchester United por 3 a 1 e conquistou o tetra da Liga dos Campeões Europeus. Pep Guardiola chegou ao seu décimo título na carreira, o terceiro na Liga – dois como treinador e um como jogador (na temporada 1991/1992). O curioso é que o caneco na década de ´90 foi levantado no mesmo estádio. O capitão Puyol, que iniciou a partida no banco de suplentes, ainda entrou no fim e recebeu a braçadeira de capitão das mãos de Xavi. No entanto, numa demonstração de união, ele cedeu a honra de levantar o caneco a Abidal, lateral que venceu a luta contra um tumor no fígado e começou como titular.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters



O jogo da final começou com o United a imprimir uma forte marcação ao Barcelona, que não conseguia sair da sua defesa para o ataque. A equipa catalã sentia muita dificuldade em imprimir o ritmo de jogo de que gostava, com toque e posse de bola. Messi era seguido de perto pelo sul-coreano Park, que levou vantagem sobre o rival nos primeiros lances. O Manchester teve dois momentos de perigo em lançamentos longos. No primeiro, aos sete minutos, Van der Sar bateu na bola da sua área e Rooney levou a melhor na corrida. Valdes antecipou-se ao inglês e cortou no limite da grande área. Dois minutos depois, Chicharito quase aproveitou a indecisão de Piqué. O guarda-redes salvou mais uma vez o Barcelona. O Barça acordou a partir dos dez minutos, a equipa passou a ter mais posse de bola, a tocar no meio-campo para encontrar espaços na defesa dos Diabos Vermelhos. E foi aí que surgiu a genialidade de Messi. O argentino lançou para Villa já dentro da área. O melhor narcador do Mundial da África do Sul rematou forte, mas foi travado por

Ferdinand. O Barcelona manteve o domínio e teve uma oportunidade clara para abrir o marcador aos 15 minutos. Após boa jogada de Messi e Dani Alves, Xavi recebeu pelo lado direito e cruzou para Pedro. O espanhol antecipou-se aos defesas e deu um leve toque na bola, que passou à esquerda de Van der Sar, já batido. Quatro minutos depois, David Villa recebeu na entrada da área e soltou uma bomba. A bola passou rente à esquerda de Van der Sar, que saltou atrasado. O atacante espanhol teve mais uma oportunidade no minuto seguinte, aos 20, quando recebeu a bola e bateu



a bola dentro da área e bateu cruzado para outra defesa do guardião holandês.

Aos 24, observando o domínio do Barcelona, Alex Ferguson deixou o banco de reservas e foi para a beira do relvado orientar a sua equipa. Mas não adiantou. Dois minutos depois, a equipa catalã abriu o marcador. Xavi recebeu no meio-campo, esperou a entrada de Pedro no espaço deixado por Evra e colocou o atacante na cara de Van der Sar. O espanhol só teve o trabalho de fazer um toque, à saída do holandês: 1 a 0. Parecia que o Barcelona teria mais tranquilidade para trocar a bola e chegar a um resultado mais elevado. Porém, os Diabos Vermelhos chegaram ao empate logo em seguida. Aos 34 minutos, após roubo de bola, Carrick tocou para Rooney, que avançou com a bola e tocou para Giggs. Em fora de jogo, o galês devolveu para o número 10, que colocou à direita de Valdes. Festa de Rooney, que comemorou com o conhecido carrinho no relvado: 1 a 1.

Após o golo, o Barça voltou a ter mais posse de bola. Aos 38 minutos, Iniesta soltou a bomba do meio-campo e Van der Sar defendeu no meio da baliza. E ainda na etapa inicial, a equipa catalã teve mais uma oportunidade de alargar a vantagem. E que oportunidade. Aos 43 minutos, Messi lançou para Villa pelo lado direito da grande área. Completamente livre, o espanhol cruzou para o Hermano, que se esticou mas não conseguiu tocar para o fundo da rede.

Messi dá o título ao Barcelona

O Barcelona voltou para a etapa final com encerrou o primeiro tempo: com muito mais posse de bola. Enquanto o Manchester marcava atrás da linha da bola, a equipa culé encurralava os rivais. Em dois lances, no primeiro minuto e aos três, os espanhóis tiveram uma oportunidade para finali-



zar, mas sem sucesso. Aos 53 minutos, sem ser incomodado, Messi recebeu o esférico na entrada da área, deu um pequeno toque e soltou a bomba do pé canhoto. Mal colocado, Van der Sar atirou-se à bola, mas não conseguiu evitar o segundo golo do Barça. O tento foi o primeiro de Lionel Messi na Inglaterra. Ele disputou 679 minutos na Terra da Rainha antes de fazer balançar a rede na Wembley. Com o golo, chegou aos 12 na Liga dos Campeões e igualou Van Nistelrooy, que atingiu a mesma marca na temporada 2001-2002 defendendo o Manchester United. A equipa catalã trocava a bola, assustava os rivais, e os Diabos Vermelhos tentavam o empate nos contra-ataques. Messi teve duas oportunidades para sacramentar o triunfo. Primeiro o

Daniel Alves recebeu um ótimo lançamento de Xavi nas costas de Evra. O brasileiro cruzou para o meio da área e Messi tentou marcar de calcanhar. A defesa do Manchester afastou em cima da linha do golo. Quase o terceiro. A equipa catalã criava oportunidades de golo, uma atrás da outra. Os Diabos Vermelhos pareciam perdidos, e Ferguson não mexia na equipa. E o futebol arte foi premiado mais uma vez. Aos 68 minutos, Messi fez o que quis pelo lado esquerdo da defesa do Manchester e cruzou para Busquets, que serviu David Villa na entrada da área. O atacante bateu colocado e marcou um golaço, no ângulo superior direito: 3 a 1. Enquanto os companheiros comemoravam, Messi, ajoelhado no chão, vibrava como há muito não se via.



argentino recebeu na entrada da área, girou em cima de Ferdinand e chutou para defesa de Van der Sar. A seguir,

O futebol arte e espectáculo triunfou, mais uma vez. O azul grená reina na Europa...

NBA: Dallas Maverick vs Miami Heat, o confronto final

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

As finais das duas conferências da NBA terminaram do mesmo modo. No Oeste, Oklahoma liderava no quarto período com uma diferença confortável e Dallas recuperou de modo surpreendente no último par de minutos. No Leste, aconteceu o mesmo, em Chicago, com os Bulls a delapidarem a vantagem no final do jogo, e os Miami Heat a fazerem dois triplos decisivos, no derradeiro minuto. Assim, num jogo em que a pressão emocional conta tanto como a perícia técnica, a final da Liga Profissional de Basquetebol norte-americano (NBA) vai colocar frente a frente duas equipas com jogadores bem maduros e experientes (Nowitzki e Kidd nos Mavericks, e James e Wade nos Heat).



Será uma reedição da final do título de 2006, quando os Mavericks chegaram a conseguir uma vantagem de 2 a 0, mas os Heat viraram para 4 a 2 e foram os campeões.

Apesar da longa série negativa, os adeptos dos Miami têm ótimas lembranças da última vitória contra os Mavericks. O resultado positivo mais recente diante do Mavericks é o mais importante da

história da NBA.

A longa sequência de invencibilidade fez os Dallas virar o resultado no histórico de duelos com os Miami. Os Mavericks venceram os Heat 29 vezes em jogos de temporada regular. A equipa da Flórida conseguiu superar o rival em 20 oportunidades. Considerando também os jogos da final de 2006, a equipa do Texas vence por 31 a 24.

Nos dois encontros desta temporada, os Dallas apareceram em dois momentos pontuais da temporada dos Miami. O primeiro jogo aconteceu em Novembro. Com a derrota, os Heat registaram uma campanha com apenas nove resultados positivos em 17 possíveis. O momento foi o auge das críticas em relação ao trabalho de Erik Spoelstra. Após a derrota, os Miami voaram no campeonato. A equipa conseguiu 21 vitórias em 22 jogos. O único tropeço aconteceu justamente diante dos Dallas, no dia 20 de Dezembro.

LeBron vs Dirk Nowitzki

LeBron James terá uma dura missão pela frente. O craque do Miami Heat pode ser o eleito para marcar o alemão Dirk Nowitzki na final da NBA contra o Dallas Mavericks. Para repetir a época de 2006, superar o rival texano e ficar com o bicampeonato, os Heat precisam de conter o bom momento de Nowitzki. O alemão foi o principal obreiro dos Mavericks na conquista da Conferência Oeste.

"Se for preciso marcá-lo durante todo o andamento da série, eu vou fazê-lo", disse James em entrevista. "As pessoas vêem-me como um bom jogador defensivo e ele é o melhor jogador no ataque. Então é automático que me coloquem com ele. Custe o que custar, isso (marcação) não me importa".

Na série contra o Chicago Bulls na final do Leste, James teve um importante papel defensivo. O jo-

gador foi o responsável por marcar Derrick Rose, eleito MVP da temporada. O craque do Heat teve bom desempenho e conseguiu, inclusive, o toque que determinou a classificação à final no quinto jogo contra o rival de Illinois.

James teve o seu esforço defensivo reconhecido esta temporada. Ao lado de Rajon Rondo, Kobe Bryant, Kevin Garnett e Dwight Howard, o atleta do Miami fez parte da primeira equipa de defesa da NBA.

Nowitzki é o segundo jogador que mais faz pontos nos playoffs. O alemão do Dallas tem média de 28,4 pontos por partida na fase decisiva deste campeonato. Apenas Kevin Durant com 28,6 tem desempenho melhor. Nos dois encontros entre Miami e Dallas na temporada regular, Nowitzki levou a melhor. O alemão teve uma média de 24 pontos e ajudou a sua equipa a vencer as duas partidas.

Formula 1: Sebastian Vettel estreia-se a vencer no GP do Mónaco

Sebastian Vettel venceu o GP do Mónaco, o que fez pela primeira vez na sua carreira. Esta é a 15ª vitória do alemão em Grandes Prémios, a quinta em seis corridas este ano, o que diz bem da superioridade do homem da Red Bull este ano.

Texto: Automotor • Fotos: Lusa

As circunstâncias da corrida chegaram a não estarem deli-neadas a seu favor, mas o inci-dente que levou à interrupção desta (ler aqui) recolocaram-no novamente na senda da vitória.

Segunda posição para Fernan-do Alonso, naquela que é a sua melhor classificação do ano até agora. Teve uma boa oportu-nidade para vencer a corrida, mas a interrupção que esta foi alvo colocou as probabilidades todas do lado de Vettel nova-mente.

Jenson Button foi terceiro, e depois de ter recuperar deze-na e meia de segundos para o líder, e numa altura em que via como paravam as modas entre os duo da frente, viu a corrida ser interrompida, terminando aí as suas hipóteses de apro-veitar qualquer erro de Vettel e Alonso na previsível disputa pela vitória que iria ter lugar. Foi pena, pois o que poderia ter sido um dos finais de Grande Prémio mais disputados, aca-bou com um mini-passeio no Mónaco.

Antes da bandeira vermelha



que ditou a interrupção do Grande Prémio, ironicamente, a corrida estava ‘só’ a ser das melhores do ano. Após perder a liderança para Jenson Button, devido a uma má paragem nas boxes, Vettel não regressou à posição, mesmo com uma en-

trada do safety-car em pista, devido ao acidente de Felipe Massa, e Button, que nessa altura já tinha parado duas ve-zes, passou a ter os melhores pneus do trio da frente, grupo que chegou à fase final da cor-rida com desgastes nos pneus

inversamente proporcionais à sua posição em pista, ou seja, quanto mais à frente, piores pneus. O que prometia muita acção até final! Depois disto, depressa se chegou a uma fase em que os três homens da fren-te rodavam colados, com me-

nos de um segundo entre eles, mas o interesse acabou com a interrupção devido ao aciden-te. Após o recomeço, foi um autêntico passeio.

Mark Webber terminou em quarto, depois de ter chegado a andar pelo 14º posto, à frente de Kamui Kobayashi (Sauber) que esteve muito perto de ficar em quarto, e só uma grande ultrapassagem do australiano à saída do túnel lhe ‘roubou’ a posição. Lewis Hamilton (McLaren-Mercedes) foi sexto após uma corrida recheada de incidentes em que o seu mono-lugar foi tocado ou ele próprio fez o mesmo a outros pilotos. No pior dos casos, o incidente com Felipe Massa, que come-çou com um toque em Loews e terminou a 280 km/hora den-tro do túnel com o despiste do brasileiro. Provavelmente ain-da será penalizado após a cor-rida, mas pelo toque em Loews.

Adrian Sutil (Force India-Mercedes) foi sétimo, à fren-te de Nick Heidfeld (Renault), enquanto Rubens Barrichello (Williams-Cosworth) e Sébas-tien Buemi (Toro Rosso-Ferra-ri) completaram o top 10.

Classificação no Mundial de Pilotos

1	Vettel	143
2	Hamilton	85
3	Webber	79
4	Button	76
5	Alonso	69
6	Heidfeld	29
7	Rosberg	26
8	Massa	24
9	Petrov	21
10	Kobayashi	19
11	Schumacher	14
12	Sutil	8
13	Buemi	7
14	Perez	2
15	Barrichello	2
16	Di Resta	2

Classificação no Mun-dial de Construtores

1	Red Bull-Renault	222
2	McLaren-Mercedes	161
3	Ferrari	93
4	Renault	50
5	Mercedes	40
6	Sauber-Ferrari	21
7	Force India-Mercedes	10
8	Toro Rosso-Ferrari	7
9	Williams-Cosworth	2

Novo Código de Estrada: o Trânsito de Veículos

Esta semana destacamos do Novo Código de Estrada as condições em que devem circular os veículos na via pública.

O artigo 16 refere que todos os veículos, e animais, que circulem nas estradas moçambicanas devem ter um condutor e que o referido condutor não deve circular com uma parte do corpo fora do veículo, sob pena de ser punido com uma multa de 1000,00MT.

Texto: Redação

No artigo 17 é abordado o sen-tido de marcha nas estradas, sendo que o trânsito deve ser feito pela esquerda das faixas de rodagem e o mais próximo possível das bermas ou pas-seios, mas a uma distância des-te que permita evitar qualquer acidente. Em alguns casos de manifesta necessidade pode-se utilizar-se o lado direito da fai-xa de rodagem para ultrapassar ou mudar de direcção. A con-travenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.

Sempre que no mesmo sentido sejam possíveis duas ou mais filas de trânsito, este deve ser feito pela via de trânsito mais à esquerda podendo, no entanto, utilizar-se outra se não houver lugar naquela e, bem assim, para ultrapassar ou mudar de direcção, refere o artigo 18 que refere ainda que dentro das localidades, o condutor deve utilizar a via de trânsito mais conveniente ao seu destino, só lhe sendo permitida a mudança para a outra depois de tomadas as devidas precauções, a fim de mudar de direcção, ultrapassar, parar ou estacionar. A contra-venção do disposto neste arti-go é punida com a multa de 1000,00MT.

Os condutores não podem ini-ciar ou retomar a marcha sem assinalarem com a necessária antecedência a sua intenção, usando os pisca-piscas. A con-travenção do disposto neste

artigo 19 é punida com a multa de 1000,00MT.

O artigo 20 recomenda a manu-tenção de uma distância segura entre o condutor de um veículo em marcha e o veículo que se-gue à sua frente de forma a evi-tar acidente em caso de súbita



paragem ou diminuição de ve-locidade do veículo que segue à frente. O condutor de um ve-ículo em marcha deve também manter distância lateral sufi-ciente para evitar acidentes en-tre o seu veículo e os veículos que transitam na mesma faixa de rodagem, no mesmo sentido ou em sentido oposto. O con-dutor que não observar estas distâncias incorre numa con-travenção que é punida com a multa de 1000,00MT.

Nos cruzamentos, entronca-mentos e rotundas, o trânsito faz-se de forma a dar a direita à parte central dos mesmos ou às placas, postes, ilhéus direccio-nais ou dispositivos semelhan-

tes existentes, desde que se encontrem no eixo da faixa de rodagem de que procedem os veículos, indica o artigo 21. O mesmo artigo indica que quan-do na faixa de rodagem exista algum dos dispositivos referi-dos anteriormente, o trânsito, sem prejuízo do disposto nos

artigos 17 e 18, faz-se de forma a dar-lhes a direita, salvo se se encontrarem numa via de sen-tido único ou na parte da faixa de rodagem afecta a um só sen-tido, casos em que o trânsito se pode fazer pela direita ou pela esquerda, conforme o destino a seguir.

Recomenda-se ainda, no arti-go 22, que ao aproximar-se de qualquer tipo de intersecção, o condutor do veículo deve demonstrar prudência espe-cial, transitando em velocidade moderada, de forma que possa deter o seu veículo com segu-rança, para dar passagem ao peão e a veículos que tenham o direito de preferência. O mes-

mo artigo indica a proibição de ultrapassagens nos cruzamen-tos e entroncamentos incor-rendo o infractor na multa de 1000,00MT.

Os sinais dos condutores

Quando um veículo iniciar a marcha, diminuir a sua veloci-dade, parar, mudar de direcção ou da via de trânsito, iniciar uma ultrapassagem ou inverter o sentido de marcha e em todos os casos em que seja necessá-rio indicar a sua aproximação, o condutor deve utilizar o dis-positivo mecânico luminoso ou sonoro è, na falta deste, o braço para indicar o sinal regu-lamentar correspondente, com a devida antecedência, preco-niza o artigo 23. A medida deve manter-se enquanto se efectua a manobra e cessar logo que ela esteja concluída. Em caso de in-fracção o condutor pode ser pu-nido com a multa de 500,00MT.

O artigo 24 refere-se aos sinais sonoros, que devem ser breves, usados de forma moderada e em caso algum devem servir de meio de protesto contra in-terrupções do trânsito ou como meios de chamamento, e só são permitidos nos seguintes casos:

- a) Perigo iminente;
- b) Fora das localidades para prevenir um condutor da in-tenção de o ultrapassar e, bem assim, nas curvas, cruzamentos,

entroncamentos e lombas de visibilidade reduzida.

Referir que dentro das locali-dades, os sinais sonoros só são usados em caso de manifes-ta necessidade, podendo ser proibidos nas zonas em que o ordenamento do trânsito seja assegurado por agentes da autoridade ou por instrumen-tos de sinalização luminosa. É sempre proibido dentro das localidades o uso de sinais constituídos por sons diferen-tes, simultâneos ou alternados, bem como os provenientes de sistema de vácuo, ar comprimi-do ou qualquer outro que ori-gine os mesmos efeitos, salvo para os veículos da polícia ou que transitem em prestação de socorro ou de serviço urgente. O uso inadequado dos sinais sonoros é punido com a multa de 500,00MT.

Por outro lado, existem sinais sonoros especiais que são usados nos veículos de polícia e nos afectos à prestação de socorro ou de serviço urgente, e nestes podem ser utilizados dispositivos especiais para emissão de sinais sonoros, cujas características e modos de uti-lização são fixados em regula-mento. O artigo 25 indica que não é permitida em quaisquer outros veículos a utilização dos dispositivos referidos no nú-mero anterior, nem a emissão de sinais sonoros que se pos-sam confundir com os emitidos por aqueles dispositivos e que



a contravenção é punida com a multa de 1000,00MT, com a perda dos objectos, devendo o agente de fiscalização proceder à sua imediata remoção e apre-ensão ou, não sendo ela pos-sível, apreender o documento de identificação do veículo que será restituído logo que o con-traventor apresentar aqueles objectos à autoridade autuante.

O artigo 27 regula os sinais luminosos e indica que quan-do os veículos transitam fora das localidades com as luzes acesas por insuficiência de vi-sibilidade, os sinais sonoros podem ser substituídos por si-nais luminosos, através da uti-lização alternada dos máximos com os médios, mas sempre sem provocar encandeamen-to. Dentro das localidades, durante a noite, é obrigatória a substituição dos sinais sono-ros pelos sinais luminosos. A contravenção do uso dos sinais luminosos é sancionada com a multa de 1000,00MT, podendo ser sancionada com a multa de 2000,00MT caso os veículos normais façam uso de sinais lu-minosos indicados apenas para os veículos de polícia e nos afectos à prestação de socorro ou de serviço urgente.

Para tornar a censura online ainda mais eficaz, o Irão vai, em breve, ter a sua própria rede de Internet, noticiou o "The Wall Street Journal".

A vitória dos nerds

A popularização da tecnologia acabou com anos de humilhação sofrida pelos nerds. Melhor: alguns deles transformaram-se nos homens mais poderosos do mundo e causam inveja. E você? Como tem aproveitado este momento geek?

Texto: Adaptado de Exame Informática • Foto: Lusa



A primeira coisa que a maioria das pessoas faz ao acordar é escovar os dentes, certo? Nem todas. Existem cada vez mais pessoas que, ainda na cama, pegam no seu telemóvel e começam o dia a verificarem os seus emails e as mensagens nas redes sociais. Com a popularização das redes sociais, há cada vez mais nerds, ou pelo menos cada vez mais gente com um lado nerd.

O bastão do poder passou por diferentes mãos ao longo da história. Na antiguidade, os homens que influenciavam a vida das pessoas eram os donos de terras. Tome como exemplo o imperador romano Júlio César. Nascido em 100 a.C., conquistou um território que começava em Roma e ia até o Oceano Atlântico, passando pelo norte da África. Juntas, as terras somavam 2,75 milhões de quilómetros quadrados, e abrigavam 60 milhões de pessoas. Mais adiante, nos séculos 18 e 19, a revolução industrial fez com que o poder se transferisse para os grandes grupos económicos. Um dos empresários que beneficiaram com a mudança foi Henry Ford, fundador da montadora que tem o seu nome. Produzindo veículos em série, a empresa transformou-se numa das maiores fabricantes de carros do mundo. Agora, na era da informação, poder é sinónimo de conhecimento.

A revolução causada pela popularização da tecnologia mudou a forma como os nerds são percebidos e até classificados. Antes, eles eram divididos em dois tipos: os nerds propriamente ditos, mais ligados ao software, e os geeks, cuja paixão são os gadgets. Nos últimos anos surgiram ao menos mais três denominações. É o caso dos hipsters. De acordo com o dicionário criado pelo escritor americano Benjamin Nugent, autor do livro *Nerd Americano: A História do Meu Povo*, os hipsters usam óculos de aros grossos e camisetas justas, mas nem sempre são profundos conhecedores de um assunto, como jogos de RPG. Mais sociáveis do que o nerd clássico, só têm essa aparência porque querem parecer cool. Há também o grupo dos dorks, que assumiu o posto de rei dos nerds. Além da fissura por tecnologia, gadgets, RPG e anime, eles costumam ter problemas de relacionamento e séria aversão a qualquer tipo de desporto.

Com a ampliação do uso do termo, ficou mais fácil identificar o lado nerd de pessoas que aparentemente nada têm a ver com a cultura nerd.

A transformação

O estereótipo do nerd de óculos grandes, conhecedor profundo de assuntos espinhosos, com pouca ou nenhuma habilidade social e celibatário involuntário, surgiu nos Estados Unidos, no início da década de 1930. Além dessas características pouco lisonjeiras, eles tinham em comum a paixão pela electrónica e pela ficção científica. Naquela época, rádios e revistas com histórias de naves espaciais e as primeiras máquinas à válvula começavam a ganhar um público fiel. Seis anos depois, Hugo Gernsback, dono de uma editora dedicada a títulos sobre esses dois temas, criou uma secção para cartas na revista *Amazing Stories* (Histórias Incríveis). Surgia aí o primeiro fórum nerd do mundo. O termo, no entanto, só seria cunhado alguns anos depois, com a publicação, em 1950, do livro *If I Ran the zoo* (Se Eu Cuidasse do Zoológico).

Nele, o escritor americano Theodor Seuss diz que teria no seu zoológico imaginário um nerd, bichinho esquisito, com cabelo desganhado e camiseta surrada. O substantivo passou desperce-

bido até que, dez anos depois, começou a ser usado para descrever pessoas que sentiam prazer em estudar e tinham dificuldades na vida social. A palavra nerd virou logo sinónimo de perdedor. Na escola, eles eram vítimas de chacota e até alguma violência. Nos filmes, quem não se lembra das cenas em que alunos pouco populares eram arremessados contra os armários dos corredores pelos jogadores de futebol calmeirões do colégio? E das negativas que levavam das garotas?

A transformação teve início no final dos anos 1980, quando os produtos electrónicos se tornaram febre no Japão. O Walkman, da Sony, revolucionou a forma como se ouvia música e vendeu milhões de unidades. Nos Estados Unidos, despontava um garoto com muita intimidade com tecnologia e que se enquadrava perfeitamente no perfil nerd. O seu nome? William Henry Gates III, mais conhecido por Bill Gates. A empresa que ajudou a criar, a Microsoft, inventou o sistema operacional que permitiu que até pessoas sem conhecimento em programação conseguissem usar um computador.

Mas a revolução definitiva viria em meados da década de 1990, com a popularização da Internet. Hoje estamos mais confortáveis com os computadores e os gadgets, e ficar na Internet durante horas já não é uma actividade nerd. A cultura nerd ficou tão pop que, em 2006, ganhou um dia próprio no calendário, o 25 de Maio.

Assim como os pais, as mães e as crianças, os nerds também têm uma data para chamar de sua: o Dia do Orgulho Nerd. Ele foi criado para homenagear um dos mais cultuados e celebrados ícones da cultura nerd, a saga "Guerra nas Estrelas", do director George Lucas. O filme "Uma Nova Esperança", primeiro da série (que, hoje sabemos, é o quarto capítulo), chegou às telas de cinema dos Estados Unidos no dia 25 de Maio de 1977. Na mesma data é comemorado o Dia da Toalha, que homenageia outro objecto de devoção dos nerds: a série de ficção científica "Guia do Mochileiro das Galáxias", do autor britânico Douglas Adams. Para celebrar, fãs do mundo todo saem às ruas com uma toalha, símbolo do dia porque é um item importante para os mochileiros das galáxias e teve uma página toda dedicada a ela no livro.

Para quem usa smartphone, um tablet ou mesmo um laptop sabe bem o que é ter a vida invadida pela tecnologia. Muitos passam o dia conectados à Internet, seja no trabalho ou em casa. Das buscas de informação às redes sociais, dos tocadores de músicas aos jogos de vídeo... é um vício, afinal já existem pessoas que não conseguem viver longe da tecnologia. Para muitos destes viciados quem está fora do mundo dos gadgets e da Internet será o novo nerd, o nerd da desinformação e da não-tecnologia. Humilhados durante muitos anos, os nerds sempre sonharam com o dia em que o seu estilo de vida seria considerado cool. Esse dia chegou. Pergunte a qualquer um qual é hoje o modelo de homem de negócio e uma das respostas será Bill Gates ou Mark Zuckerberg. O fundador do Facebook ganhou esse status pela sua popular invenção, que já conta com mais de 660 milhões de usuários e que o transformou no bilionário mais jovem do mundo, e pelo sucesso do filme "A Rede Social", que mostra a história de um nerd que se deu bem. "Depois do filme recebi muitas mensagens a dizer que a minha história é inspiradora", disse Zuckerberg ao programa televisivo norte-americano "60 Minutes". O filme é o mais recente exemplo de como a cultura nerd está a tomar conta das sociedades.

O gene do nerdismo

Num mundo em que os nerds ficam bilionários, o filme "Transformers" bate recordes de bilheteira e um iPhone é mais cobiçado do que um carro superdesportivo, não surpreende o surgimento e o sucesso de produtos e eventos criados para os nerds. São festivos de música, como o Nerdapalooza, versão do Lollapalooza, ou a Campus Party, que reúne milhares de fãs por tecnologia.

Mas o maior exemplo da popularização da cultura nerd é a Comic-Con. Criada em 1970, no início ela reunia centenas de pessoas para falar de HQs, ficção científica e séries de TV. Hoje, a feira está muito mais popular. Em 2010, 140 mil pessoas visitaram o pavilhão da Comic-Con, que passou a ser conhecida como o salão do automóvel da cultura pop. Durante o evento, estúdios de Hollywood apresentam novos projectos, como a adaptação para o cinema de clássicos dos quadrinhos, como "Thor".

O consumidor nerd também desperta o interesse das empresas. A fabricante de GPS TomTom, por exemplo, permite baixar a voz de personagens famosos de "Guerra nas Estrelas", como Darth Vader e Mestre Yoda, para guiar os motoristas pelas ruas.

"À esquerda você deve manter-se", diz a voz do baixinho Yoda para o motorista, na frase com gramática invertida que marcou o personagem. A história é repleta de nerds considerados génios que se dedicaram aos estudos para criar produtos e serviços extraordinários. Alguns são conhecidos, como o físico Albert Einstein (criador da teoria da relatividade), o escritor J.R.R. Tolkien (autor de O Senhor dos Anéis) e Steve Wozniak (co-fundador da Apple e inventor do primeiro computador pessoal). Mas poucos se lembram de um engenheiro chamado Nikola Tesla. Nascido na Sérvia, em 1856, ele transformou em realidade uma ideia que mudaria o mundo: a corrente alternada. Sem ela, não seria possível ter electricidade nas casas, o que inviabilizaria o uso de computadores e telefones celulares. A sua contribuição é tão importante que a montadora Tesla Motors, primeira a vender um carro eléctrico em escala comercial, adoptou esse nome para homenageá-lo. Dono de uma personalidade excêntrica, Tesla era desacreditado pelas suas ideias malucas sobre ciência e tecnologia. O preconceito fez com que se isolasse e morresse aos 86 anos, pobre. É difícil determinar o que faz um nerd ser um nerd. Alguns estudiosos acreditam que existe um componente genético.

Ou seja, ter gosto pelos estudos, paixão por tecnologia e ser fã de HQ passaria de geração para geração. Mas existe uma grande influência da família, afirmam vários especialistas. Uma família que não privilegia os estudos e que arrasta as crianças para praticar desportos nunca terá um filho nerd. Com o recente sucesso de empreendedores como Zuckerberg, Biz Stone, Dennis Crowley e tantos outros, a tendência é que, num futuro bem próximo, o filho nerd seja o orgulho da família. Por isso, não importa que tipo de nerd é você, a hora é de comemorar. Pela primeira vez, as pessoas estão a espelhar-se no seu estilo de vida.



MULHER
COMENTE POR SMS 821115

A Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC) organizou, na cidade de Maputo, uma Conferência de Mulheres Empresárias de África. O encontro contou com a participação de cerca de 60 mulheres empresárias provenientes de 7 países africanos.

60 segundos com Vanize Teixeira

É uma das poucas mulheres moçambicanas que se tem destacado no sector empresarial a nível nacional. Coloca paixão e empenho nas actividades que exerce. Nasceu na cidade da Beira e chama-se Vanize Teixeira. Tem 52 anos de idade e o seu maior desejo é tornar-se um exemplo para todos os jovens que pretendem abraçar o mundo dos negócios. Além de empresária e dirigir a Associação de Mulheres Empresárias de Moçambique (AMEM), ela é esposa, mãe e avó, aliás, não costuma dizer que tem netos, mas ironicamente afirma que “tenho filhos da minha filha”.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

seja, tudo o que se faça com as mãos.

@V - Tem tempo para cuidar do marido e dos filhos?

VT - Tem de se arranjar. Além de eu ser empresária individual, também tenho uma empresa com a minha mãe denominada Muyana Artes na qual fazemos alguns trabalhos com capulana. Mas tenho de arranjar tempo para que o papel de mãe e esposa não falhe.

@V - Sai para se divertir?

VT - Saio bastante. Quando não posso, chamo os amigos para a minha casa.

@V - Qual é o estilo de música que gosta de dançar?

VT - Eu gosto de tudo, quer dizer, tudo o que puder dançar. Só não posso dançar ballet porque também as minhas pernas já não dão para isso. Mas tudo o que seja para mexer o corpo, seja valsa, salsa, tango e outras danças que há agora, eu alinho.

@V - Que estilo de música gosta de ouvir?

VT - Depende dos momentos. Se eu estiver muito agitada e querer acalmar-me opto pela música clássica, e se estiver triste e deprimida, tudo o que for para fazer barulho, seja rock, passada ou outros estilos que façam barulho de verdade, eu gosto para me demover da depressão ou do estado de espírito melancólico. Em suma, depende do estado. Se for um dia normal, qualquer música serve.

@V - Qual é o seu livro favorito?

VT - O livro que mais gostei de ler foi o “O País do Queixa-Andar” do Mia Couto.

@V - Observa algum ritual depois de se levantar da cama?

VT - Sim. Faço cinco minutos de exercícios físicos, só para o sangue circular normalmente.

@V - Como é o seu dia-a-dia?

VT - O meu dia é dividido em três partes. De manhã, trato da empresa ou das empresas e/ou associações a que estou ligada. A partir das 15 horas, eu estudo.

Estou a estudar Gestão numa faculdade no ensino à distância. Os meus filhos já se formaram e agora achei que me deveria dar este presente a mim mesma. No período da noite, estou em casa com a família.

@V - Quais são os seus defeitos?

VT - Falo muito alto, faço muitos gestos quando estou a falar e sou teimosa.

@V - E as virtudes?

VT - Sou uma pessoa muito alegre, gosto de conversar e sou lutadora. Também gosto de fazer amigos, entrego-me de coração aos amigos, familiares e todos os meus próximos.

@V - Como foi a sua infância?

VT - Fui uma menina traquina, bastante agitada. A minha mãe conta que tinha de amarrar a minha perna à mesa para que eu não saísse de casa. Fui uma criança normal e não era de fazer ondas. Vivi com os meus pais e foi ao colégio de freiras. Na escola, não digo que fui uma excelente aluna, pelo contrário, fui sempre mediana.

@V - Como olha para a juventude de hoje em dia?

VT - Hoje as coisa mudaram. O que era bom na minha época, hoje não serve. Os jovens de hoje estão cada vez mais fúteis e consumistas. São poucos os que pensam no que fazem. Na sua maioria, estão preocupados com aquilo que vêem à frente e não olham para o amanhã.

Não têm espírito patriótico. No meu tempo, não tínhamos preocupações com marcas de sapato ou roupa e as raparigas procuravam ser independentes ou trabalhar ao lado do seu marido. As de hoje têm atitudes diferentes: só pensam em arranjar maridos que têm muito dinheiro. Talvez isso se deva às novelas.

@V - Acha que a mulher moçambicana já ocupou o seu espaço?

VT - Ainda é difícil ocupar um espaço na sociedade moçambicana. Segundo a tradição, a mulher tem de estar sempre em segundo lugar. Mas, diga-se, já foram dados alguns passos e estamos no bom caminho. Penso que na geração da minha neta as coisas serão diferentes.

@V - Qual é o seu maior desejo?

VT - Quero ser uma empresária de sucesso e ser um exemplo para os jovens que pretendem abraçar o mundo dos negócios.

BI

Nome: Vanize Teixeira

Data de nascimento: 01/01/59

Natural: Beira, província de Sofala

Estado civil: Casada

Ocupação: Empresária

Signo: Capricórnio

A ntyiso wa wansati

* A verdade da Mulher



Texto: Margarida Rebelo Pinto
averdademz@gmail.com

WE CONNECT

Querida Sissi:

Agarrei nas pedras que trouxe da praia e fui comprar um aquário para o Porsche. Não, ainda não estou louca, ainda não precisas de me internar, isto não é tão absurdo quanto parece. O Porsche é o nome da tartaruga que a minha empregada, num desvelo sincero e desajeitado, decidiu oferecer ao meu filho como presente de boas-vindas depois das férias. Foi ele que lhe deu o nome, sem sequer pensar muito. Como todos os rapazes, nunca precisa de pensar muito para dar um nome às coisas, resolver uma equação ou encontrar uma saída para um problema. Nós é que somos seres complicados, sempre a analisar tudo, até se uma tartaruga deve ou não chamar-se Porsche.

As pedras vieram da praia. Todos os anos tenho esta pancada, volta e meia peço ao meu filho que me apanhe um punhado delas, lisas, ovais, de várias cores e matizes, suaves e silenciosas. Depois guardo-as no carro e quando regresso a casa e desfaço as malas, nunca me esqueço de as trazer. Ponho-as numa taça de vidro que me ensina a olhar para o acumular dos anos com uma falsa bonomia que de vez e quando engana a tristeza.

São sempre os mais pequenos pormenores que nos prendem aos homens que amamos: o tom da pele nas costas das mãos, dois sinais pequenos acima dos rins do lado esquerdo, o tom inconfundível da voz, o primeiro beijo, a forma de andar, o último abraço, as derradeiras palavras.

Depois da praia, eu guiava pela estrada estreita com ele ao lado, como outras vezes, quando dei por ele a fixar o olhar no meu perfil, como se me estivesse a fotografar, como se, naquele instante, medisse que importância eu tivera na sua vida, como se, desejei eu enquanto senti os seus olhos sobre mim, afinal não se quisesse afastar.

Nunca vou esquecer aquele olhar que fez com que, por alguns instantes, a pedra que trago encostada à garganta, tivesse rolado aos meus pés. E foi então que me lembrei do que ele disse quando nos conhecemos: We connect. Percebi que mesmo depois de tudo perdido, falado, discutido e decidido, o coração dele ainda batia por mim. Aquele olhar dizia tudo o que ele não conseguiu falar. Dizia desculpa, dizia eu, gostei mesmo de ti, dizia eu, vou preocupar-me sempre contigo. Dizia o que uma pessoa de bem sente por outra que desejou, amou e com quem foi muito feliz.

Regressei em paz a casa, a mala cheia de tralhas, colchões, pranchas, chapéus de palha e o saco das pedras. Pela primeira vez em muitas semanas, dormi mais de 6 horas sem a ajuda de químicos. E hoje, quando acordei e percebi que a pedra da garganta ainda lá estava, respirei fundo e preparei-me para mais um Inverno de solidão.

A tartaruga não fala nem pensa, come dois camarões liofilizados por dia e tem domicílio próprio. Vive numa caixa de vidro em cima da mesa da sala da televisão, com vista para o jardim e para a piscina. Se os skimmers não estiverem ligados, pode nadar na imensidão azul, e por momentos, imagino que se sinta livre, num oceano fabricado, sem pedras para trepar nem paredes de vidro que a separem do mundo.

We connect, dizia ele, com as pernas entrelaçadas nas minhas, os dois sentados no chão da sala a fumar cigarros. A pedra encostada à garganta qualquer dia cai dentro do aquário – que já agora, ficas a saber, se chama tartarugueiro, rico nome, até parece uma coisa chique, de condomínio fechado – e eu volto a rir-me desses dias inesquecíveis, dos quais nunca me soube despedir.

Nunca queremos deixar de amar, nunca queremos que quem nos amou, nos esqueça. Porque somos tão apegados, tão burros, tão fáceis de enganar como a vida, que é sempre enganada pela morte? Não conheço nem estas nem outras respostas, mas quando voltares de Londres, antes de me internares numa casa cheia de loucos para me sentir mais saudável, vem conhecer o meu Porsche que anda mais depressa do que imaginas e só conhece as pedras que lhe deito no caminho e rir-te comigo do meu coração adolescente que nunca sabe dizer adeus.

VERY
IRRÉSISTIBLE
GIVENCHY

L'INTENSE
The new fragrance

A artista moçambicana, Mingas, vai fazer mais uma digressão pela Europa, resultante do trabalho que vem desenvolvendo no âmbito da sua campanha para a redução da mortalidade infantil, e da sua carreira musical.

Os miúdos de agora



Em “Estes miúdos de agora”, uma peça teatral na qual se explora a imaginação artística, um grupo de pequenos actores do Teatro Girassol (Girassolinho) revela talento na arte de representar. A obra foi dedicada aos petizes pela passagem de mais um Dia Internacional da Criança.

Texto: Inocêncio Albino • Fotos: Inocêncio Albino

Exibida no Teatro Mapiko, da Casa Velha, em Maputo, aquando da estreia do VIII Teatro de Inverno, “Esses miúdos de agora” é um retrato metalinguístico sobre a perda de valores morais e cívicos a que a criança moçambicana está sujeita no seio familiar. De forma metódica, o “Girassolinho” fá-lo recorrendo ao que há de mais belo no mundo – a criança.

À beira de “abandonar” a adolescência, Sandra Jamine, ou simples-

mente Sany, coordenadora do grupo Girassolinho, cantora, atriz, locutora radiofónica, estudante e bailarina, tem sob a sua alçada pouco mais de 20 adolescentes. “Há vezes que não tenho tido tempo para mim”, afirma e acrescenta: “tenho de sacrificar-me, até porque gosto de aproveitar as oportunidades. É por isso que dizem que eu quero ser uma ‘tudo’”. Sany encontra em Lucrecia Paco a musa da sua inspiração.

continua Pag. 29 ➔

Aspirante a artista plástico



Texto: Hélder Xavier • Fotos: Hélder Xavier

O sonho de trabalhar com as telas esteve sempre presente na sua vida. Sem sucesso, passou pelo atletismo, ingressou na música e, mais tarde, abraçou o teatro, mas sem nunca deixar morrer a paixão pelas artes plásticas. Presentemente, Dionildo Mussivame, de 26 anos de idade, luta para cumprir o desejo de infância que se vai tornando uma utopia com o tempo: expor as suas obras.

continua Pag. 28 ➔



Pandza

Hélder Faife
helder.faife@yahoo.com.br



A Fábula

Era 1 de Junho, aquele dia que, para interesse dos adultos se convencionou chamar “Dia das Crianças”, como se elas precisassem de uma data, como se todos os dias não deveriam ser. O burburinho chilreado da criançada era intenso. O poeta da Mafalala desceu a rua sem acordar a poeira. Com a cabeça nas nuvens, os pés pisavam sem desrespeitar o chão. Seduzido pelos meus amendoins, perguntou-me, sem tirar os olhos da tigela:

– “Quanto custa, quanto custa afinal uma quinhenta de amendoins torrados do negrinho de faces tatuadas de ranho seco?”

Não percebi. Esbugalhei nos olhos toda a inocência da idade e, fungando ranho, recorri:

– Hein?!

– Não é “hein?!”, é “diga?” que se diz. – corrigiu-me em tom didáctico, enquanto se dobrava para alcançar os meus amendoins.

Ali próximo os da minha idade rebolavam futebóis com uma bola de cadju (aquelas da loja, de material convencional), alheios à data comemorativa que lhes fora inculcida. Os ânimos refrearam quando se interrompeu a partida porque um deles, calçado e sem remendo nos calções, o dono da bola, se ia embora. Recolheu a bola, passou por mim, comprou alguns amendoins e correu para casa.

O poeta percebeu o meu olhar distante, de quem ainda não entendia o mundo senão pelos sonhos que me cabiam na cabeça. Com lentição característica (poeta é um animal lento porque reserva todas as energias para sonhar) sentou-se ao meu lado, sobre a pedra enorme que eu fazia de banco e banca. Petiscando os meus amendoins, disse:

– Sabes, vou-te contar uma estória, chama-se “Fábula” – falava lentamente, com os beijos em riste, engolindo a voz, parecia ter amendoins torrados nas cordas vocais – “Menino gordo comprou um balão, e assoprou, assoprou com força o balão amarelo. Menino gordo assoprou, assoprou, assoprou, o balão inchou, inchou e rebentou. Meninos magros apanharam os restos e fizeram balõesinhos”.

Não alcancei, não reagi. A meninada do bairro, há muito que havia substituído a bola de cadju por um xingufu (aquelas de trapo). O poeta, percebendo o meu desinteresse calou-se, levantou-se, ainda mastigando os meus amendoins, levou a mão ao bolso e tirou de lá uma nota pequena, mas gigante para a minha condição:

– Eu compro todo o teu amendoim. Vai jogar.

Não me lembro de ter agradecido, tal era a emergência. Disparei dali a correr, com os intermitentes piscas dos meus calções acenando e fui juntar-me aos da minha idade, acabando o “Dia das Crianças” aos futebóis.

No dia seguinte, na aula de Português, a professora indicou no livro de leitura a página que deveríamos ler. O texto era aquele, “A fábula”. Disse-nos que aquilo era poesia, tinha de ser lido com vida. Olhou para mim e disse “lê”. Eu fiz aquela fala lenta, com os beijos em riste, a voz engolida com amendoins torrados nas cordas vocais, e li:

“Fábula. Menino gordo comprou um balão, e ...”.

A professora elogiou a leitura. Na aula fiquei a saber que fábula é uma narrativa cujos personagens são animais com características humanas. Perguntei à professora se também se chama fábula quando são humanos com características animais, como no texto. Ela explicou-me que no texto os humanos eram os meninos magros, feitos animais, mas havia animais, os gordos que se fingiam pessoas.

Comecei a perceber e a gostar do texto. Foi a primeira vez que me senti dentro de um poema. Eu era um daqueles meninos magros, e tinha amigos magros. Também tinha amigos gordos, que compravam balões, amarelos ou não e assopravam com força. O balão inchava e rebentava. Nós, os meninos magros, apanhávamos os restos como se apanhássemos retalhos da nossa infância e reconstruíamos a nossa alegria, fazíamos balõesinhos, que não voavam mas chiavam agradavelmente no atrito com as mãos e os dentes.

Hoje, crescidos, já não somos meninos. Meninos magros crescidos já não apanhamos restos para fazer balõesinhos. Já não há restos porque os meninos gordos crescidos já não assopram balõesinhos. Eles compram os balões, mandam os meninos magros crescidos encherem e subvertem a fábula do poeta. Os meninos magros crescidos assopram com força e o balão incha, mas não rebenta. Os meninos gordos crescidos levam os balões cheios, sugam o ar. Sugam e as barrigas incham. Incham tanto que um dia podem rebentar...

Moçambique vai participar, de 11 a 13 de Junho, no Carnaval da Cultura, um dos maiores eventos culturais de Verão da Alemanha e da Europa. O nosso país far-se-á representar pela comunidade moçambicana residente na Europa.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

Os jovens podem estar anestesiados mas não lhes faltam razões para lutar!

Num concerto de hip hop em Luanda, a juventude denunciou a cultura do medo e incitou a plateia a vaia o poder. Alinhou numa manifestação que não chegou a acontecer, convocada anonimamente na Internet, para uma estranha hora: meia-noite na Praça da Independência. Luaty Beirão aka IkonoKlasta aka Brigadeiro Mata Frakuxz estava nesse pequeno grupo de manifestantes que foi preso. Mas amanhã voltarão a marchar pela liberdade de expressão em Angola. É preciso organização e vontade para desenvolver uma consciência participativa e lutar por direitos e liberdades, num país com memória da violência entranhada. A juventude angolana tem um papel fundamental para fortalecer a sociedade civil. Precisa de ser ouvida. Luaty Beirão falou bem alto desta vez.

Texto: Buala • Foto: Luaty Beirão



Quais foram os aspectos mais positivos dos acontecimento de início de Março em Luanda?

Uma certa tomada de consciência da sociedade civil para os problemas que a assolam. Quer se fosse a favor ou contra a suposta manifestação, ninguém ficou indiferente ao assunto, os jovens sentiram uma euforia que não me recorde de testemunhar, a não ser quando Angola ganha jogos importantes de futebol. Houve alguma mobilização de indivíduos, independentes de partidos ou ideologias, cada um à sua maneira, cada um deles catalisador de uma ideia que gostaria de ver materializada. Uns inventaram banners e flyers, outros organizaram debates à porta fechada com amigos, outros espalhavam a ideia em surdina, outros ainda vinham inflamar-se em comentários na Internet. Foram mais flagrantes as evidências das fragilidades do regime, que revelou, ao descontrolar-se, não ter assim tanta certeza da sua popularidade e adoração. Não hesitaram em dar todo o tipo de bandeiras disparatadas, discursos musculados e estapafúrdios, o apelo a uma contra-manifestação onde boa parte das pessoas foi intimada a participar, as acusações inflamatórias ridículas de haver quem queira voltar à guerra e instabilidade. Enfim, uma sequência de baco-radas políticas que deveriam embaraçar todo o militante convicto das ideias originais do partido.

E o que foi mais frustrante depois dessa euforia?

Constatar que o nível de alfabetização está intrinsecamente ligado à falta de consciência dos direitos que auferem um cidadão num Estado que se diz democrático e de direito. A ignorância está por detrás da incapacidade de organização e, sobretudo, facilita a intimidação do povo.

Qual será a melhor forma de enfrentar a cultura do medo?

Com educação, exemplos, sacrifícios, persistência e sabedoria, para evitar as rasteiras dos serviços de inteligência que servem justamente para contrariar estes ímpetus reivindicativos.

Sentes que a sociedade angolana valoriza a voz da juventude?

Nem pensar. Os jovens são anestesiados com fantochadas importadas e superficialismos baratos. É só imitações, desde os "tchilar", passando pelas modinhas de óculos de massa, às novelas onde as realidades retratadas são mimetizações de novelas da Globo, assim como em todo o audiovisual se investe na americanização. Podemos juntar a esta extensa lista as maratonas com cerveja a 15 kwanzas (o normal é cerca de 100 kwanzas) e os pastores que chulam os crentes cobrando percentagens dos seus ganhos. Os jovens estão amorfos. Os que recusam cair nesta palhaçada não têm muito lugar para se exprimir. Quando lhes dão uma brecha, rapidamente corrigem o erro ao acharem que afinal não passam de uns inconformados que se recusam a sujeitar-se à realidade virtual que este "Truman Show" impinge a todos. Assim sendo, as causas para contestar são todas.

Nestes dias, apesar do ambiente tenso, debateram-

-se conceitos como democracia, direitos, necessidade de mudanças, parece que as lutas do norte de África ajudaram a dar visibilidade às injustiças do país. Que achas?

Não sigo nem rádio nem televisão, mas sei que há raros momentos de interesse nos debates. Soube que se discutiram alguns desses assuntos, que na Tv Zimbo houve uma peça sobre a detenção dos jovens que se queriam manifestar e depois o jurista Bernardo Lindo Tito (que foi do Partido da Renovação Social) respondeu a perguntas sobre a legitimidade da manifestação e o choque com a Lei 16/91, permanentemente usada como pretexto para recusar toda a manifestação que não seja para dar graxa ao regime. Porém, as discussões fizeram-se, sobretudo fora dos meios de comunicação.

Que possibilidades há para se levar a cabo acções concretas que traduzam o descontentamento?

Não sei como medir. As pessoas continuam a fazer comentários inflamados no Club-K (site criado por angolanos na diáspora, crítico e muito participado através de comentários), mas na hora de dar o corpo ao manifesto acabam por comprometer a meia dúzia de gatos pingados que o fazem, minando assim a credibilidade de qualquer iniciativa. Mas, na minha ingenuidade, gostaria de acreditar que as possibilidades são hoje muito maiores do que há três semanas atrás.

Qual é o papel do movimento hip hop no amadurecimento de uma cultura contestatária?

Não considero sequer que nós tenhamos uma "cultura contestatária". O que vejo é cidadãos a optarem por uma vertente musical em que um dos critérios é denunciar as injustiças e até pode repreender o Governo, moderadamente, sem roçar os limites permitidos pela liberdade de expressão numa pseudo-democracia. Banalizou-se a crítica de tal maneira que já não é necessário, por exemplo, o investimento que foi preciso para diluir o movimento Black Power no hip hop americano. Aqui, deram algum espaço de manobra, permitindo eventos de maior dimensão, até com o patrocínio dos próprios criticados. Ai começam os compromissos de consciência versus carteira.

O sistema já conhece o movimento underground, mas talvez não estivesse preparado para ser driblado pela vossa ousadia...

O sistema sabe de tudo o que se passa para além dos nossos quintais, se muitas vezes até os quintais sabe de quem são, quem os frequenta e as conversas que por lá fluem. O movimento underground, associado à contestação e à conscientização no seu nicho, que aumentou consideravelmente nos últimos anos, é um movimento tolerado mas que tentam controlar de forma inteligente. Para já, têm a vida facilitada pelos próprios órgãos de difusão, públicos e privados que, subservientes, se dedicam todos a uma assassina auto-censura. Ficam os artistas limitados à sua independência e capacidade de organização para conseguir utilizar outros veículos para difundir o seu produto. Para nós, a palavra de ordem é: "viva a pirataria!". Mas queria fazer especial referência ao novo fenómeno dos "grandes" espectáculos de hip hop que até têm orçamento para "recomendar" artistas estrangeiros. É um grande salto e não é por acaso que empresas afectas ao próprio MPLA estejam hoje a financiar esses shows que saem do nosso anterior pequeno universo. Jogam com a vaidade do ser humano, da qual nenhum "underground/révu" está isento, com a sensação de conquista, de sucesso. O artista que chega ao patamar de Atlântico ou Karl Marx, não vê com muito bons olhos o regresso à plateia de 30 pessoas, com o som a fazer feedback e o vizinho como técnico de som. Assim se doma a fera, atirando-lhe bifos suculentos que, na realidade, mais não são do que presentes envenenados.

Como trabalhar para a união em torno de causas construtivas?

Existem certos pressupostos que têm de ser cumpridos e eu vejo o analfabetismo como uma das principais causas para que tal não aconteça. No momento em que estamos, e depois de termos dado início a este processo, pretendemos não deixar esmorecer o espírito de reivindicação que finalmente despertou, e pretendemos usar todos os métodos de pressão legais para continuarmos. Neste nosso país existe um medo desmesurado de tornar públicas as angústias, com pavor da ira que possa despoletar nos poderosos. Há, portanto, terreno fértil para singelos gestos individuais que terão impacto nas psiques de quem com eles tenha contacto, como não teriam jamais em verdadeiras democracias já bastante habituadas a este tipo de acções. Estes gestos individuais continuam e estou à espera de que se auto-promovam. Não acabaram com o abortado dia 7 de Março.

Antes da pseudo-manifestação tinham a noção de que colocariam o establishment com o credo na boca? A razão para o vosso desabafo estava lá. Mas a linguagem usada no Cine Atlântico não terá desvirtuado um pouco o sentido da contestação?

Antes de mais sou um ser humano com sentimentos e, depois, um artista com preocupação social, mas não um político de assembleia. Não preparei o meu comício com escolha sábia de palavras polidas, não tive o sangue-frio suficiente para manter o tom de voz dentro dos limites que se diz publicamente aceitáveis. Não há qualquer tipo de premeditação da verborreia, há sim a emoção incontida e momentânea de algo que se quer eternamente silenciado, que finalmente explode e a ingenuidade de um irremediável sonhador. Tudo isto com uma plateia de ouvidos sedentos de mensagens directas e a euforia que se gerou naquele pequeno momento. Foi assim que saiu. Se o uso de palavras num acto público me descredibiliza ou me tira a razão, deixo ao livre arbítrio dos meus pares.

Serão confundidos com uma oposição que, congregando alguma "inteligentsia", não consegue mostrar grande ciência política?

Não consigo perceber bem se com "oposição" te referes a algum dos partidos que existem hoje no nosso país, com ou sem assento parlamentar. Se de facto for isso, não creio haver lugar para ambiguidades no meu curto discurso postado no YouTube. A não ser o facto de as pessoas se deixarem chocar pelo uso de palavras sem ouvirem até ao fim, digo inequivocamente que "não queremos bandeiras partidárias". Também não quero ser redutor nas críticas à oposição subscrevendo o "não consegue mostrar ciência política", apesar de, até agora, eu não me reconhecer plenamente nela. Será um pouco frouxa, um pouco apática, um pouco (inaceitavelmente) conformada. Acho que falta nos partidos com mais expressão um pouco de atitude militante fora da assembleia, como fazia o PADEPA do Leitão.

Sentes-te parte integrante de uma oposição activa da sociedade civil?

Dei a cara por achar pertinente e oportuno. Quis apenas incentivar algumas pessoas naquele público que sei não serem dos mais informadamente inconformados. Logicamente que as consequências eram previsíveis e, para ser sincero, pensei que seriam piores. Mas não me assumo como líder de nada, cada um tem de agir de acordo com a sua consciência e princípios.

Que soluções gostarias de propor?

Uma das razões evocadas pelos detractores dos manifestantes é o clássico argumento: "Só reclamam e não apresentam soluções". Apesar de

não concordar que, para se diagnosticar um mal e repudiá-lo, se deva encontrar mecanismos para solucioná-lo, é claro que cada um de nós tem algumas ideias e sugestões. Para começar, a aplicação da dita tolerância zero que ficou pela demagogia do discurso e que, se fosse levada a sério, iria pressionar aqueles que prevaricam e estão habituados a safar-se na impunidade. Mas como todos têm "rabo-de-palha", fecham-se os olhos e tolera-se, em nome da criação de uma burguesia angolana que venha a ser uma classe empresarial empreendedora, criadora de empregos e motor da economia. Na verdade só conseguiram tornar cultural o "esquema" e o clientelismo, aumentaram o fosso social, a economia continua a depender a 70 por cento de um único recurso mineral, a educação precarizou-se e a sociedade foi forçada a partidizar-se. Uma distribuição mais racional do OGE (Orçamento Geral do Estado) é imperativa, e o investimento, nos anos que se seguem, deve ser canalizado massivamente para a educação e a saúde, em detrimento de tudo o resto, incluindo as novas tecnologias. A ideia de um Angola moderna e comparável com o Ocidente, que se quer imitar a todo o custo, é ridícula. Não se consegue isso do dia para a noite importando tecnologia de ponta, precisamos de gente qualificada senão continuaremos eternamente na dependência do know-how estrangeiro. Isso não se cumpre em dois dias. Há tanta coisa por fazer e outra tanta a ser mal feita, veja-se, por exemplo, o plano decadente de urbanização com um óbvio fetiche pela simbologia fálica...

Não sou político de profissão e não tenho pretensões de o ser. Quem decide são eles, nós continuaremos eternos espectadores, cada vez mais atentos, engrossando o grupo de pressão mais legítimo do poder político (apesar de ser o mais adormecido, mais tolerante e, consequentemente, o menos eficaz): a sociedade civil. Infelizmente, a nossa capacidade de reunião e assembleia foi asfixiada e suprimida por causa do receio do actual regime por tudo o que sejam ideias que considerem ameaçadoras ou subversivas à sua hegemonia. Os grupos de discussão vão sendo remetidos a um forçado silêncio.

Nem um pouco. Nós ficámos completamente ultrapassados pelas proporções que isto tomou. Na realidade não havia razão para tanto alarido. Se o MPLA tivesse ficado calado no seu canto, uma centena de pessoas haveria de mostrar o seu desagrado e voltar à casa com a sensação de missão cumprida. O tal de Agostinho Jonas não apareceria, descredibilizava os "aventureiros", o MPLA mandava para a praça da independência a sua imprensa privada (TPA), no noticiário faziam uma peça dividindo o ecrã em dois, comparando o "mar" de gente do dia 5 com a pequena centena do dia 7, mostrando onde estava o coração dos supostos 80 por cento de votantes. Ganhariam a imagem do regime que se tenta projectar como sendo democrática, ganharia a sociedade na consciência de que tem um papel a cumprir, e não só esperar e apontar dedos ao Governo pelo mau trabalho, e ganhava a nossa imberbe democracia que ia poder dar mais um passo firme na sua consolidação, pois até agora não se consegue erguer sozinha.

E depois deste entusiasmo e conflito todo... nova investida? Com os mesmos métodos?

Temos nova manifestação convocada para dia 2 de Abril na Praça da DIPANDA (Independência). Tentamos ao máximo estar dentro das inúmeras limitações impostas pela famigerada Lei 16/91. Entregámos hoje a carta endereçada ao governador de Luanda e estamos à espera de que se completem as 24 horas que eles têm para ilegalizar a manifestação, caso contrário, consideraremos que está cumprida da nossa parte a lei e que não foram encontrados entraves legais para impedi-la. O momento não é de deixar arrefecer as coisas, devemos aproveitar, já que se agitaram as águas no seio da juventude até então amorfa e distraída com superficialismos, para dar um pouco de dinâmica a esta sociedade civil, conquistar um pouco do espaço que nunca nos devia ter sido subtraído.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação — "Aspirante a artista plástico"



Despertou para as artes plásticas ainda pequeno e a paixão foi-se intensificando à medida que o tempo ia passando. É natural de Zavala, província de Inhambane, mas cresceu nos arredores da cidade de Maputo para onde veio viver quando contava com apenas três anos de idade.

A mãe deixou-o nos braços da sua avó e rumou para a África

de Sul em busca de melhores condições de vida e nunca mais voltou. "Foi em casa da minha avó que comecei a sentir a arte", conta. Nas brincadeiras de criança já demonstrava o seu lado artístico, pois gostava de fazer desenhos. E, afirma que, sem dar conta, começou a abraçar as artes plásticas.

Aos 12 anos de idade começou a levar a sério aquilo que

presentemente considera uma vocação e procura expressar-se através dela. "O meu tio não gostava do que eu fazia porque queria que eu fosse trabalhar para ajudar nas despesas de casa, facto que acabou fazendo com que eu parasse de pintar". Mas a reprovação do tio não foi o único motivo que o fez abandonar a ideia de ser artista plástico, as brincadeiras na adolescência também têm a sua quota-parte na história. "Eu queria divertir-me com os meus amigos e pintar quadros ficou para segundo lugar, uma vez que já não tinha tempo", diz Dionildo.

Uma vida de insucessos

Durante muito tempo, o jovem moçambicano, de seu nome completo Dionildo Felisberto Mussivame, deixou de se dedicar à arte plástica e decidiu procurar a sorte no atletismo em provas de 800 e 1500m, e praticou a modalidade durante quatro anos. Por falta de patrocínio para as pequenas despesas, como transporte de casa para os treinos e equipamentos, desistiu.

Mais tarde, juntou-se a um agru-

pamento musical no qual foi vocalista, mas foi sol de pouca dura. "Descobri que a música não era a minha praia", comenta. O teatro foi a sua outra opção. Era encenador e actor, mas, por falta de apoio, abandonou a ideia. O seu percurso não se resumiu apenas às artes. Emigrou para as terras do rand em busca do "el dourado", mas, segundo o jovem, "as coisas não deram certo e tive de regressar".

Em casa, sem emprego ou uma actividade rentável, as condições de vida definhavam diariamente e a pressão da família para a arranjar uma ocupação que lhe permitisse ganhar dinheiro crescia. Com apenas a sétima classe concluída, Dionildo viu-se obrigado a recorrer ao concerto de calçados. Por muito tempo dedicou-se a esta actividade, até que um certo dia aconteceu o inesperado: um acidente com a sovela – um instrumento com que os sapateiros furam o couro para cosê-lo. A ferramenta de trabalho atravessou-lhe o dedo, tendo-o levado ao hospital onde lhe foi extraído o objecto.

O jovem aspirante a artista abandonou temporariamente a carreira de sapateiro. Tempos

depois, a pressão dos familiares para contribuir no rendimento da família voltou a estar na ordem do dia. Dionildo voltou a exercer a actividade de concerto de sapatos. E como não há uma sem duas, a sovelatravessou-lhe novamente o dedo. Como forma de evitar que a situação voltasse a repetir-se, o jovem abandonou de uma vez por todas a actividade.

Pintar a música

Depois de várias adversidades por que passou, Dionildo Mussivame despertou novamente para as artes plásticas, até porque sempre se perguntava: "Porque não volto a pintar?". No entanto, em 2008, graças à ajuda do seu amigo Nélvio Vilanculos, que ofereceu a sua casa para ele fazer e guardar o seu trabalho, recomeçou a pincelar.

"Ele apoia-me bastante. Muitas vezes, já pensei em desistir da ideia de ser pintor, mas Nélvio puxa por mim e ajuda-me em algumas obras", comenta.

Dionildo perdeu a conta das telas que, até hoje, pincelou. Começou a trabalhar com papel

do tipo A4, passou para A3 e, neste momento, utiliza a cartolina, mas não se sente satisfeito. "Os materiais para fazer um quadro são bastante caros. Gostaria de usar telas, mas por falta de dinheiro não posso".

O jovem adora pintar os fazedores da música, e não só, porque, afirma, "a música é uma escola" e acrescenta: "Vivo e sinto a música, porque a cada melodia há uma nova experiência". Já pintou quadros com os nomes de artistas como Stewart Sukuma, Moreira Chonguiça, Jimmy Dluclu, Neyma, MC Roger, Roberto Isaías, entre outros. Também faz uma viagem para o universo de personalidades como Maria de Lurdes Mutola e outras figuras que têm contribuído para o engrandecimento do país.

Apesar de contar com pouco mais de 20 obras concluídas e outras ainda por terminar, Dionildo não se considera artista e diz com a devida modéstia: "Não sei o que sou. Só as pessoas podem dizer depois de verem o meu trabalho". Nascido a 14 de Janeiro de 1985, a sua maior ambição é expor o seu trabalho, facto que se torna uma miragem.



Viver o teatro

Maria Atália tem tudo para ser uma grande actriz e encenadora. A meio ano para obter a licenciatura em "Encenação e Dramaturgia do Curso de Teatro", a jovem deixa o mundo do anonimato para a ribalta das artes cénicas. E, diga-se, fá-lo com mestria e revela o segredo: "É preciso transformar tudo em teatro", num país em que esta vertente cultural é vista como "uma palhaçada". Não lhe falta fôlego, até porque, diz, "não sei fazer nada na vida que não seja teatro".

Durante 20 anos, dos quais quatro na academia, ela teve uma relação intensa com o teatro. Encenou e participou em inúmeras obras. "Culpado?", "Amores da dona Perlipim", "Medeias de Sócrates", "O fogo da rainha Marhumana", "A história repete-se I e II", e "O candeeiro do vizinho" são alguns dos trabalhos memoráveis. Mas a lista não termina por aqui.

Também participou em "O meu celular" e "Mulheres, guerra e harmonia", respectivamente nos Grupos M'Beu e Ntiyinsu, além de uma aparição em "Lobolo", uma das melhores obras que o imaginário cinematográfico moçambicano já produziu. Mas não há dúvidas de que é no teatro onde a actriz encontra "um buraco para a sua agulha".

Combater os estereótipos

Actualmente, com vários conceitos sobre o teatro, as transformações que a escola operou na actriz não somente se traduzem numa enciclopédica performance em palco, como também na teoria.

"Se antes acreditava que o teatro era uma imitação da vida, agora descubro que não se deve apenas imitar a vida e tão-pouco levar para o palco o que ela é. Mas também é preciso fazer algo completamente diferente dela", explica.

Afinal, devido aos estereótipos de certos grupos de teatro, "quando se pretende representar um pobre, levá-lo para o palco um indivíduo com roupa suja e rota. Esquece-se que há muita gente pobre que não anda suja. A pobreza não deve ser associada à porquice", comenta.

A jovem actriz diz que há vezes que o naturalismo "não serve para o teatro" e, por isso, o conceito adequa-se aos objectivos do dramaturgo. "Mas se eu pretender montar uma peça com atitudes naturalistas, posso dizer-te que o teatro é a imitação da vida. Penso que nem os naturalistas, nem os realistas, nem mesmo os que não defendem nenhum dos dois conceitos estão errados, tudo depende da situação teatral", esclarece.

Criatividade e imaginação

Se, por um lado, durante muitos anos, os actores e os dramaturgos se viram obrigados a obedecer a unidades teatrais como o tempo, o espaço, o enredo e a acção, resultantes da rigidez dos paradigmas do teatro clássico, por outro, o teatro contemporâneo revela-se dinâmico, deixando, assim, os dramaturgos com mais liberdade.

No teatro contemporâneo, segundo Maria Atália, as pessoas não se prendem à estrutura do texto. "O texto é apenas um elemento de partida para a construção de uma série de situações teatrais que não tem muito a ver

com o mesmo".

Assim, os actores não precisam de se apegar às regras do teatro clássico e, com efeito, as reclamações sobre a falta de texto e de uma obra que se adequa à realidade moçambicana deixam de ser justificação para a letargia criativa. "Podemos criar uma peça teatral a partir de uma lista telefónica ou de um jornal. O fundamental no encenador e no actor é a criatividade e um forte imaginário que o possibilitem trabalhar no teatro", diz.

Da mesma forma que o teatro contemporâneo não se aprisiona ao texto, também não clama por um espaço físico altamente adequado – uma sala de teatro. Até porque se pode fazer um espectáculo teatral na rua sem nenhuma estrutura especial. "A minha preocupação é o facto de o actor continuar preso ao texto, à palavra. Sinto que há necessidade de se partir de um texto e descosturá-lo como a gente entender", afirma.

A experiência não conta

Maria Atália não se gaba do seu talento. Mas orgulha-se de ser uma das 13 estudantes dos 25 que constituíam a primeira turma do Curso de Teatro da Universidade Eduardo Mondlane – prestes a terminar a formação. "Quando o assunto é galgar o palco, nem a formação e tão-pouco os anos de experiência ajudam. O frio na barriga e o nervosismo prevalecem", comenta.

Embora conheça todos os exercícios para relaxar e afugentar o nervosismo, ainda sente medo minutos antes de subir ao palco. "Antes de cada actuação tenho feito uma oração. Falar com o meu Deus. É algo que já faz parte de mim", conta.

Fúria da mulher vs madrastra

Em "Medeias de Sócrates", um monólogo por si encenado e apresentado na II Feira do Livro de Maputo, além de engrandecer a cultura moçambicana, Maria Atália abordou uma das razões que podem justificar a onda de "meninos na/da rua", crianças que, uma vez marginalizadas, se tornam delinquentes, piorando a inoperância do papel social dos nossos governantes.

A obra, em que o encanto não somente se restringe à beleza e actualidade do texto, retrata o dilema de uma mulher traída pelo marido. Como se não bastasse, expulsa-a de casa, com os dois filhos. Com um passado condenatório – matou o irmão para fugir com o marido prevaricador –, ela não pode regressar ao lar paterno.

Pensando nas maldades de que os seus filhos seriam vítimas por parte da madrastra, e desgastada pelo amor

Texto: Inocêncio Albino • Fotos: Inocêncio Albino

que lhe é negado, resolve matar os filhos. O assassinato não é somente para poupá-los de um suposto sofrimento que passariam com a madrastra, mas, acima de tudo, para se vingar do marido. O objectivo é que o marido se sinta culpado por se ter separado dela e tê-la expulsado de casa.

Apesar de a história nos ser familiar, na peça, o acto de "matar os filhos" acaba por metaforizar as 1001 formas furiosas através das quais uma mulher traída pode agir. Por um lado é, igualmente, uma forma de alertar os maridos que na eventualidade de surgirem contendas e desentendimentos, resultantes de traição entre os cônjuges, as crianças não devem ser punidas por erros que não cometeram.

Por outro, a "Medeias de Sócrates" pode ser entendida como uma forma de construir ou reconstruir um conceito que ainda está fortemente enraizado na sociedade moçambicana.

Maus cursos ou maus estudantes?

No cômputo geral, o desprezo por que os estudantes das artes, do teatro em particular, passam, não só revelam a fraca percepção das artes como o que há de mais lamentável no século XXI a ignorância. Segundo Maria Atália, a maior parte dos moçambicanos pensa que a formação superior é apenas Medicina, Direito, Contabilidade e por aí em diante.

Visando este grupo – à guisa de resposta – Atália afirma: "não há melhores cursos, há maus estudantes". Afinal, "mesmo que alguém faça Direito, se for mau estudante ninguém demanda os seus serviços – o mesmo acontece com o teatro", salienta. Portanto, o importante, acrescenta, "é transformar a minha arte em algo respeitável. Que faça render. Aliás, eu não sei fazer outra coisa na vida que não seja teatro. Desde que me conheço como gente, o meu primeiro salário veio do teatro".

Construir novos públicos

Maria Atália defende que, na sua maioria, os que desdenham o teatro nunca tiveram acesso a um concerto de género. Por isso é urgente que se conquiste novo público em novos lugares.

"Em Khongolote, as pessoas não têm noção de teatro. Sinto que uma das razões que faz com que as pessoas desdenhem o teatro é que não têm conhecimento do que seja. Pensam que é palhaçada", exemplifica, remetendo à necessidade de transformar tudo em teatro. Além do mais, as salas de teatro disponíveis na cidade de Maputo – Casa Velha, Teatro Avenida e Teatro Gilberto Mendes – já têm o seu público-alvo.

O Instituto Camões de Maputo e o Instituto Nacional de Cinema de Portugal organizam o Ciclo Anual de Cinema Português entre 6 e 9 de Junho, no cinema Xenon.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação →

"Os miúdos de agora"

Clamam por liberdade

Olhando para o seu grupo de influência – as crianças – a coordenadora do Girassolinho, comenta, ao abrigo da peça "Esses miúdos de agora", que a geração actual clama por liberdade excessiva, tentando provar que "estamos numa geração diferente e que não gosta de que os pais imponham limites, o que é mau".

Lidar com a pequenada pode parecer algo fácil, mas uma coisa não tem dúvida: é prazenteiro. Afinal, fazendo jus à tenra idade, os miúdos gostam de brincar e fazer piadas enquanto ensaiam. Mas, segundo Sany, o mais importante é fazer-lhes perceber que, além de ser arte, o teatro "é uma forma de educação que nos ajuda a lidar com diferentes realidades no dia-a-dia, sobretudo com pessoas de mau génio".



De figura arrojada, Sany é uma rapariga multifacetada e desinibida que se abriga nos mais ambiciosos sonhos. Frequentando a 11ª classe do ensino geral, ela almeja ser independente, tendo casa própria e uma família feliz. "Quero ser uma cantora profissional, tocar muito bem o piano e a guitarra; e ser uma atriz famosa, sem me esquecer da Rádio".

Representar Moçambique nos Jogos Olímpicos

Samuel Cuna, mais conhecido por Samito, de 14 anos de idade, é o mais novo integrante do grupo de formação de teatro Girassol, o Girassolinho. A destreza e ousadia valeram-lhe uma estrondosa evolução. Em apenas dois meses de ensaios, enfrentou com espontaneidade o público na peça "Esses miúdos da agora" na qual fez o papel de um filho desobediente.

O rapaz tem no director do Teatro Gungu, Gilberto Mendes, um actor de referência. Dando os seus primeiros passos no teatro, ele sonha em ser um actor de cinema e desfilar em grandes palcos da Europa. Através do teatro, Samito perdeu a timidez, mas a sua maior ambição está na natação: "Quero fazer a travessia Maputo – Catembe", à semelhança do que fez Viriato, o seu treinador, a quem considera um atleta completo. E, por via disso, "representar Moçambique nos jogos olímpicos e fazer a nossa bandeira izar mais alto".

Defender os honestos injustiçados

"O teatro é a minha paixão, gosto das actuações, das cenas. Gosto de Gilberto Mendes. Inspira-me muito a sua maneira de ser e de estar



no palco. Ele não tem vergonha do que faz, solta-se e é verdadeiro. E isso ajuda muito na compreensão da história retratada na peça", afirma Sara, atriz, de 14 anos de idade.

A pequena vê o seu futuro dividido entre ser contabilista ou jurista. Mas é nesta última profissão que o seu sonho mais gravita. "Muitas pessoas honestas são condenadas porque falta quem os possa defender. Seria contabilista, talvez por influências, porque na minha família há muitos. Mas quero ser advogada para defender os necessitados", comenta.

No teatro Girassol, Sara, além de se deixar moldar para ser "Homem do amanhã", aprende a ter pensamentos positivos, "esta crença de que nada nos deixará mal. Que tudo vai dar certo".

Moçambicano eliminado do Big Brother

O "Don Juan"

moçambicano já não está no Big Brother (BB) Africa, programa de televisão exibido pela DSTV que reúne numa casa vigiada por dezenas de câmaras de TV concorrentes de vários países africanos que lutam para se manterem na casa à custa do sacrifício dos seus pares.

Texto: Adérito Caldeira • Foto: DSTV



Numa casa repleta de mulheres, a estratégia de Michael para se manter na casa, e no concurso, foi conquistá-las... e bem tentou, com algum sucesso, e durante algum tempo. Na última semana, a representante da Etiópia, Hani, foi escolhida para sair da casa, porém a união do destacamento feminino no BB salvou-a da eliminação. A líder Vimbai salvou-a no último momento, domingo passado, e indicou o moçambicano no seu lugar.

Segundo Michael, com quem falámos telefonicamente depois de abandonar a casa, a zimbabweana, Vimbai, sentiu-se ameaçada com a popularidade dele e preferiu eliminá-lo evitando uma futura confrontação. Michael ainda confidenciou-nos que de todas as mulheres que ele namoriscou, Vimbai foi com quem teve menos "química" e até se bateram de frente algumas vezes.

O jovem, cabeleireiro de profissão, possui um salão em Maputo e não tem problemas em afirmar que entrou para o BB pelo prémio em jogo – o vencedor vai levar 200 mil dólares americanos em dinheiro – mas a exposição do programa, visto por milhões de telespectadores em todo o continente africano, poderá ser um trampolim para uma carreira no cinema na África do Sul. Michael, que já participou em alguns comerciais para a TV moçambicana, diz estar a fazer vários contactos com agentes e que logo se verão os resultados.

O "Don Juan" Michael, que tem namorada e filho em Moçambique, diz conviver bem com a fama pois até é um bocado a sua maneira de ser, e afirma ter grande facilidade de fazer novas amizades e criar relacionamentos. Sobre os ciúmes da sua cara-metade moçambicana, ele afirma que ela convive bem com isso, afinal sabe que tudo não passa de um jogo.

Cada vez mais telespectadores moçambicanos têm participado no BB e, nesta sexta edição, Michael nunca teve problemas de falta de votação do público, inclusive diz estar a sentir muito afecto dos moçambicanos que, agora que ele está fora da casa, o confortam através das redes sociais (Facebook e Twitter).

Durante as semanas em que esteve na casa, para além de namorar, falou bastante bem do nosso país, afinal na casa do BB a vida dos concorrentes passa por eles conhecerem-se e falarem sobre as suas origens, das coisas boas das suas terras, da cultura e das pessoas.

Os fãs do Big Brother, para além de assistirem em directo a todas as actividades dos concorrentes, no canal 198 da DSTV, podem acompanhar os mexericos e votar no sítio da Internet www.mnet-africa.com/bigbrother, e ainda estar a par de tudo onde estiverem através do Tweet, @BigBroAfrica, ou no Facebook.

Serena mas um pouco condoída

A 76ª edição da Feira do Livro da livraria Minerva Central fechou com chave de ouro na passada sexta-feira com o lançamento do livro de poesia "Não se emenda, a chuva" da autoria de António Cabrita. "Relativamente serena, ainda que condoída aqui e ali", foi como o escritor, poeta e jornalista classificou a escrita desta sua 5ª obra.

Texto: João Vaz de Almada • Fotos: João Vaz de Almada

"Este acto pecaminoso vai começar com um texto lido pela Tânia (Tomé) que se chama "A Louca da Casa". Este foi o meu último poema. Escrevi-o antes de ontem."

Assim iniciou, na passada sexta-feira, na livraria Minerva Central, o poeta, escritor, professor e jornalista português António Cabrita a apresentação do seu último livro de poesia intitulado "Não se emenda, a chuva".

Após a leitura do referido poema por Tânia Tomé, Cabrita tomou a palavra para dizer: "Depois da leitura deste poema, talvez se perceba porque é que eu não tenho ninguém sentado aqui ao meu lado para apresentar o livro. "A Louca da Casa" complicou-me a vida porque sob a influência dela eu convidei o Ricardo Chibanga, o toureiro, e ele não compareceu", referiu, entre risos.

– Convida o Chibanga – disse ela (a louca da casa) porque tens da poesia uma noção que é uma lide corpo a corpo e não uma coisa de literatos para literatos. Corpo a corpo porque é a minha forma de vida não é o meu hobby."

Depois dissertou sobre a palavra: "Para os árabes, a palavra é

mais interior ao corpo do que os próprios órgãos. Está no cerne. Por isso eles fazem-se explodir. O mais importante para eles, a palavra, no caso a palavra de Deus, permanece intacto. Infelizmente não acredito em Deus, ou antes acredito num núcleo mas que não necessita que lhe atribuamos um nome. Atribuir um nome a Deus é uma forma de idolatria, mas para mim a palavra também está no cerne e isso assusta-me tremendamente. Esta é uma possibilidade de posta por um filósofo ainda mais chato do que eu que é o Jacques Derrida. Derrida fala da hipótese da linguagem enlouquecer que é o que pode ter acontecido ao alemão para gerar o nazismo e a cegueira fanática que se seguiu. É o que acontece a todos nós quando teimamos em não aprender as nuances, por exemplo, entre a multiplicidade, que é uma máquina de produzir diferenças, e a diversidade, que é estática e limita-se ao existente. Com a diversidade temos a tolerância. Com a multiplicidade temos o entusiasmo, o contágio, a mestiçagem e o nosso compromisso no processo."

Depois o autor citou o brasileiro Mário Quintana que dizia que "a poesia é uma lente que nos ajuda a fugir para a realidade."



Mas como é que Cabrita "Não se emenda, a chuva", a sua última obra?

"Este é o meu quinto livro de poesia e é um livro de um homem, enfim, maduro que já não procura o adjectivo brilhante a todo o custo e que se preocupa agora mais com a exactidão da palavra, do verbo. É um livro relativamente sereno, ainda que condoído aqui e ali. (...) O livro dialoga com a morte, com o amor, com o sexo, com a palavra, com a arte, fala do álcool, do sangue, tudo o que deve ser um livro que se preze como um livro do homem adulto."

No final, leu três pequenos po-

emas: o primeiro sobre a morte, o segundo sobre o tempo e o terceiro sobre a família, um valor que só há pouco tempo reconhece. "Dantes estava-me nas tintas para a família. Mas faz parte do crescimento", referiu jocosamente, para terminar dizendo que "ainda não é o livro que eu gostaria de publicar em Moçambique porque este ainda é um livro muito escrito a pensar no público de Lisboa e nos leitores de Portugal porque é aí que eu sou conhecido." E prometeu: "Está apalavrado um livro a publicar na Alcance que reúne três livros inéditos todos escritos aqui e com todas as referências a esta cidade."

4º PODER

COMENTE POR SMS 821115

A RTP suspende as emissões da RDP Internacional na Onda Curta, alegando como motivos a redução do número de ouvintes e a vontade de diminuir os custos.

Campanhas sociais arrebatam os melhores troféus do Festival Internacional de Publicidade

Pelo sexto ano consecutivo decorreu na capital moçambicana o Festival Internacional de Publicidade de Maputo. 26 agências de publicidade provenientes de Angola, Maurícias, Portugal, Ilhas Reunião, Brasil, incluindo as do país anfitrião, Moçambique, disputaram os cada vez mais respeitados troféus.

Texto: Redacção • Fotos: GOLO



Jornal @Verdade.

Em mais um ano de crise mundial a Golo, agência que já foi premiada no Festival de Publicidade de Cannes (na França), arrebatou ainda quatro troféus de pratas e cinco de bronze. Sobre a crise, Thiago Fonseca, o director de Criação da Golo, disse em entrevista que o impacto da crise mundial no mercado moçambicano chegou atrasada. "Sentimos sobretudo

O grande prémio fugiu aos publicitários nacionais, pois foi conquistado por uma agência de publicidade angolana, a Executive Center, com uma campanha integrada de sensibilização tendo como pano de fundo o lixo abandonado nas ruas de Luanda.

Outra grande vencedora da noite foi a agência de publicidade moçambicana Golo, que arrebatou dois troféus de ouro – um premiou a campanha contra o tabaco "Smoke Recycle", em que as imagens de cigarros foram criadas a partir de milhares de beatas recolhidas em Moçambique; o segundo troféu de ouro foi para outra campanha impressa também de sensibilização "Apaga o cigarro antes que ele te apague a ti" veiculada em paralelo com uma campanha temática do

alguma redução do investimento publicitário, em geral, no mercado, em 2010. Mas o nosso negócio é o negócio das ideias, e uma boa ideia não depende de crise alguma."

Thiago, um dos mais experientes publicitários moçambicanos, acrescentou que é na crise ou numa recessão onde os anunciantes mais inteligentes devem investir, pois a sua marca sai fortalecida dessa fase tendo ainda destacado que "o importante é fazer o diferente. Em crise mesmo ficam as empresas cujas marcas deixam de anunciar e desaparecem."

Eis os vencedores do festival repartidos pelas categorias Ouro, Prata e Bronze:

OURO		
Agência	Título	Categoria
Luvi Ogilvy Reunion	Hot Wheel	Print
DDB-Moç	Cancro Mama	Campanha
Golo	Cara, Bebê, Pulmão	Campanha
Golo	Smoke Recycle Bebê	Resp. Social

PRATA		
Agência	Título	Categoria
Executive Center	Capacete	Print
Golo	Clorects Cão	Print
Golo	Clorects Bode	Print
Executive Center	Duelo	TV
Golo	Sorriso	TV
Publvision	Passa a Bola	TV
Golo	Fumador	TV
DDB-Moç	MFW 2010	Campanha
DDB-Moç	Visit Mozambique	Campanha
Executive Center	Prisão	Resp. Social
P & P Link	Funeral Announcement	Resp. Social
Young Network	Italiana	Resp. Social

BRONZE		
Agência	Título	Categoria
Publvision	Quem sabe lê	Print
Golo	Lágrimas por Malangatana	Print
Golo	Fumador	Print
Golo	Malas LAM	TV
Executive Center	Sumô	TV
P & P Link	Memory loss	Rádio
Publvision	Marca Invisível	Campanha
Golo	Verdade, Alertar e Fumador	Campanha
Golo	Clorets Cão e Bode	Campanha
P & P Link	Soft drug hard consequence	Resp. Social



fundação, ao Jornal Whampula, editado na cidade nortenha de Nampula há cerca de uma década, ao Instituto de Comunicação Social – instituição pública que estabeleceu uma rede de 35 estações de rádio comunitárias nas zonas rurais de Moçambique –, ao Grupo de Teatro Mbeu – criado há quase duas décadas e que tem desenvolvido assinalável actividade teatral – e o Prémio Carreira ao compositor e intérprete moçambicano Dion Ndjindji.

Publicidade

**tv cabo**
Tem tudo a ver!

CHEGOU A OFERTA IMBATÍVEL DA TVCABO.

TV+

NET

1.300 MT/mês

**OFERTA FLASH 2GB***

TV & NET
NA REALIDADE, SÓ O PREÇO CONSEGUE BATÊ-LA: PACOTE ZAP MINI & INTERNET 256 KBPS POR APENAS 1.300MT/MÊS.

São mais de 30 canais incluindo canais nacionais, RTP África, RTP Notícias, ZAP Novelas, Afro Music, Eurosport, SIC K e muitos mais & Internet 256 Kbps mais Happy Hours, todos os dias da semana.

Adere já 82 0480 500 ou 21 480 550 ou visita uma loja TVCABO.

* As primeiras 500 novas adesões têm direito a um flash de 2 GB. Consultar condições de adesão aqui [para](#) esta promoção. O modelo de flash representado é ilustrativo.

CIRCO, Parque de Diversões e Brincadeiras Divertidas

Domingo dia 05 – 10h às 17h - na FEIMA (Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia - Jardim do Parque dos Continuadores)
10h-17h – Atelier de Pintura, Parque de Diversões e Brincadeiras Divertidas • 13h às 14h – Roda de Contadores de estórias – 5 contadores de estórias • 14h - 17h – CIRCO: Palhaço, Mágico, Malabaristas, Acrobatas. • Outras atrações: passeios no pônei - cavalo

LAZER
COMENTE POR SMS 821115

RODÍZIO À BRASILEIRA ONDE VOCÊ QUISER



O leitor já experimentou um rodízio à boa maneira brasileira? Talvez não, afinal em Maputo apenas em dois locais se podia saborear um bom rodízio.

Começando com uma mesa recheada de salada, couve cozida, arroz, farofa e um delicioso feijão preto guisado com bacon até chegar a travessa com banana frita! Com certeza que já terá ouvido falar deste churrasco tradicional nas terras do samba.

Desde a passada quinta-feira (26), existe mais uma oportunidade para os apreciadores experimentarem o rodízio à brasileira em Maputo...ou noutra local onde quiser, pois a empresa de *catering* Bom Garfo começou a disponibilizar no seu cardápio o rodízio móvel. Você não precisa sequer de ir ao restaurante, o rodízio vem até si e pode ser servido na sua casa ou no local onde decidir confraternizar.

E, enquanto você tenta conversar com os seus convidados, lá estará um *garçon* com um espeto de carne a perguntar: "Picanha, maminha, salsicha, perna de frango...?", os *garçons* tentarão fazer-lhe provar cada uma das variedades de carne disponíveis.

Portanto, procure o contacto do Bom Garfo e prepare-se para um experiência muito saborosa que lhe irá fazer ganhar alguns quilos extra. Mas vale a pena!

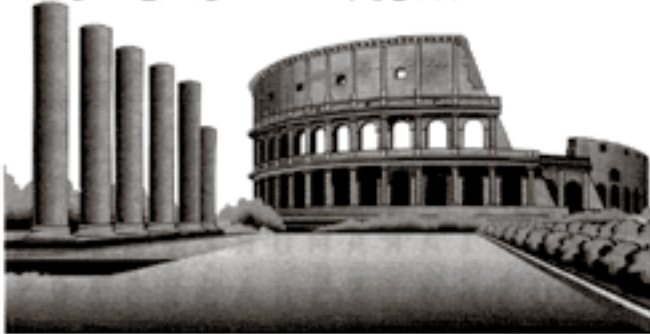
SOPA DE LETRAS

PROCURE AS 22 PALAVRAS RELACIONADAS, EXCEPTO NA DIAGONAL.

ÁBACO
ABÓBADA
ARCOS
AZULEJOS
BARROCO
CLÁSSICO
CANELURA
CLAUSTRO
CONSTRUÇÃO
ENTRADA
EXPRESSÃO
FACHADA

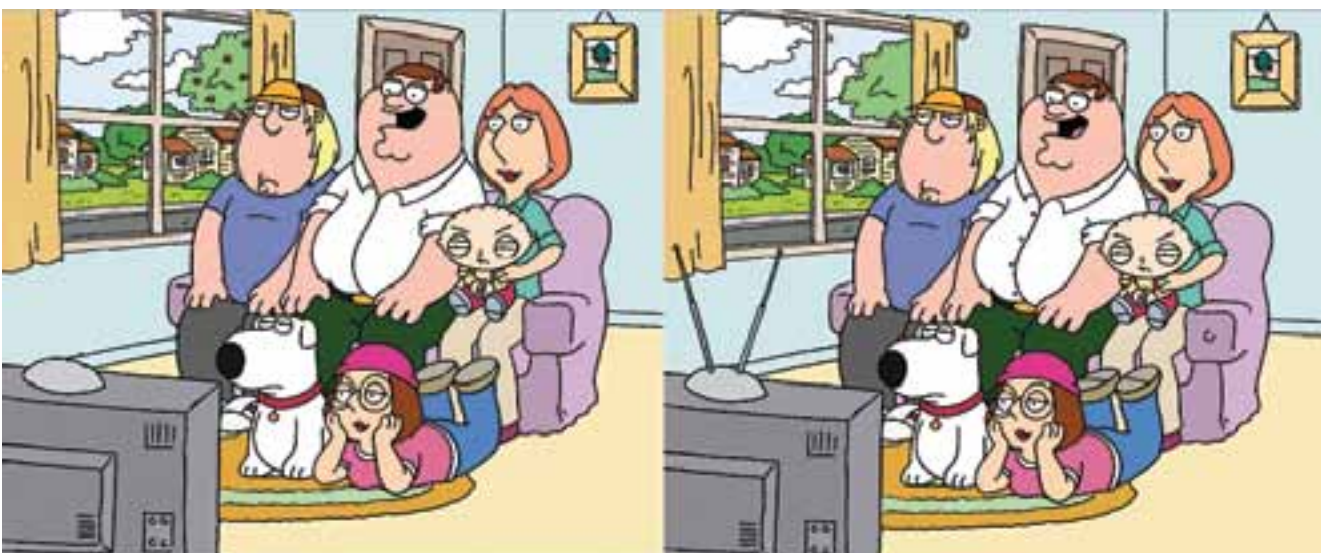
FORMA
FRONTÃO
GÓTICO
IMAGENS
LATERAL

MURAI (PINT.)
NAVE
PAREDES
PÓRTICO
VOLTA



R V I L S A L A R V C A D A N G B A S X S I A R U M
E X O C A B A P E R S O R T S U A L C O R O G A L G
A D I G O L T A M P E R A M A F R O G A L I N A C E
D A E L P A E S R O G A O I L D R S I B I O A M I R
O S D O A S R C E ã O P C S P S O A M O B C S R D F
Ã E A F B I A L O Ç G O I T E A C L A S S I C O E A
S O C R A M L R S U L S T E R G O I G D E T A F L R
S R G O L V S A B R A E R F C I A D E A R O R R E U
E O L N G I D D I T X I O S A T C A N T F G A O S L
R T D T E S E A D S E R P A R E D E S R A D N G A E
P S E ã L A T B A N R A H L D R O R O E S A G L R N
X I A O G D P O G O I D A T L O V S M F A C H A D A
E M C S E R O B I C D A S B O A D B V O L J O D I C
S E N T R A D A S B O N A V E E S O J E L U Z A C I

ENCOTRA AS 7 DIFERENÇAS



PERCEÇÃO
ESPAÇO

Encontre a silhueta deste desenho. Lembre-se de que está virada 180 graus.



HORÓSCOPO - Previsão de 03.06 a 09.06



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Social - Toda a sua vida social deverá ser caracterizada pela positiva. Bom entendimento com familiares e amigos. Aproveite este bom momento para a prática da auto-análise, meditação e os seus mecanismos mentais encontrarão caminhos que aparentemente lhe estavam vedados

Sentimental - O seu envolvimento sentimental é caracterizado por um grande entendimento. Muita paixão será dividida pelo casal e o resultado será um amor muito fortalecido.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Social - Socialmente, o panorama não se apresenta muito favorecido a novos relacionamentos. Uma boa solução é aproveitar os momentos de lazer para um pouco de leitura, ouvir música, para o enriquecimento pessoal e para fazer uma análise aos seus mecanismos interiores.

Sentimental - Esta área poderá funcionar como uma auto terapia em relação a outras menos favorecidas. Um relacionamento tendo como base o diálogo e a aproximação física de uma forma positiva.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Social - Os seus relacionamentos sociais serão caracterizados pela positiva. Aproveite este período para se descontrair um pouco. Considere esta semana como um período aconselhável para descansar, uma vez que novas perspectivas se apresentam no seu horizonte profissional.

Sentimental - Dê um pouco mais de atenção ao seu par. Tenha bem presente, que um entendimento saudável, passa pelo casal partilhar os problemas do dia-a-dia.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Social - É uma boa semana em perspectiva para os nativos da Balança. Aproxime-se um pouco mais dos seus familiares e verificará quão importante é este tipo de aproximação. Os amigos serão uma boa opção, para que nos seus momentos livres se descontraiam um pouco.

Sentimental - Boas perspectivas no campo sentimental. Os relacionamentos do casal serão intensos e muito agradáveis. Entregue-se e receberá.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Social - O aspecto social convida a que dedique parte do seu tempo livre ao seu lar e à sua própria evolução pessoal. Pratique a auto-análise para entender um pouco melhor o que se passa à sua volta e de uma maneira muito especial dentro de si próprio. Os seus familiares poderão constituir um apoio importante.

Sentimental - Cuidado com este aspecto que apresenta uma semana um pouco turbulenta em que manifestações de falta de confiança poderão ser uma constante. Tente ser contemporizador e evite as discussões que poderão, ter más consequências.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Social - Encare os seus amigos mais próximos como pessoas com ideias próprias e não tente convence-los, a todo o custo, que a razão está do seu lado. Seja um pouco mais humilde e verá que tudo se torna mais simples.

Sentimental - Um pouco mais de atenção com o seu par é o mínimo que poderá fazer. Aproxime-se mais e verá que os seus problemas e preocupações se tornam mais simples e suportáveis. Boa fase para novos relacionamentos, desde que sejam baseados mais nos sentimentos do que nas motivações físicas.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Social - Não poderiam ser mais favorecidas as perspectivas de ordem social. Os seus familiares serão uma prioridade para si. Poderá, inclusivamente, dar uma ajuda importante a quem de si necessitar em termos de aconselhamento. Os seus amigos desejarão a sua presença e os seus relacionamentos serão agradáveis e pacíficos.

Sentimental - Período ótimo em que a aproximação do casal será manifestamente favorecida por umas boas condições astrais.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Social - É uma semana muito favorecida pelos relacionamentos, quer de amizade, quer familiares. Conviva com todos, não deixe de ajudar com o seu habitual optimismo aqueles que se encontrarem com o astral a tender para o negativo. Um seu familiar muito próximo poderá necessitar do seu apoio.

Sentimental - A estabilidade para os nativos do Caranguejo será uma realidade na sua relação amorosa. Conviva com o seu par, abra o seu coração e divida com ele a sua vida. O retorno será, naturalmente, muito carinho e amor. tre a sua alma gémea.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Social - Período de expansividade em que a sua boa disposição e optimismo serão contagiantes. Encontrará nos seus amigos, familiares e colegas uma grande vontade de conviverem consigo.

Sentimental - Nada como a abertura e o diálogo para um bom entendimento de ordem sentimental. Abra o seu coração com o seu par, esclareça algumas dúvidas que têm sido a origem de alguns mal entendidos. Para os que não têm par é uma altura favorável.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Social - Um mau ambiente social poderá caracterizar esta semana. É a consequência natural, de uma aparente indiferença, na forma como se apresentará junto dos seus amigos colegas e familiares. Os sentimentos de desconfiança serão grandes, podendo funcionar como uma mola impulsional, em relação aos indecisos, na forma como devem tomar as suas decisões.

Sentimental - Dificuldades de diversa ordem poderão caracterizar as relações sentimentais dos nativos do Escorpião.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Social - O relacionamento com os seus colegas deverá ser cauteloso. Siga os seus impulsos, não se deixe impressionar nem suggestionar por conselhos, que poderão parecer uma ajuda, mas que deverá manter algumas reservas no referente a intenções.

Sentimental - Poderá encontrar, no seu relacionamento sentimental, a compreensão e ajuda que lhe permitirá ultrapassar com alguma calma e serenidade questões, que de outra forma, seriam motivo de desequilíbrio e ansiedade.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Social - Poderão verificar-se alguns confrontos no campo social com amigos que discordam de si. Não alimente questões nem entre em polémicas. Procure a companhia dos seus familiares mais chegados e com eles passe por este período menos favorecido.

Sentimental - Faça uma boa gestão da sua relação sentimental. O seu par é a sua companhia dos bons e maus momentos. Abra o seu coração, exponha as suas dificuldades e tudo se tornará mais fácil para si.

BDF ●●●●
Beiersdorf

NIVEA



NOVO HIDRATANTE INTENSIVO 24H+

A inovadora fórmula de creme hidratante da NIVEA contém Hydra IQ - um ingrediente que trabalha na sua pele naturalmente para oferecer-lhe suavidade e Hidratação por mais de 24hrs, deixando-a cuidada por mais tempo.

www.NIVEA.com

